

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

SUMMARIO

ANATOLE FRANCE . . .	René Thiollier	97
CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLO- GICA DO HOMEM	Villar Belmonte	99
POESIA PAU BRASIL . . .	Paulo Prado	108
PAU BRASIL	Oswald Andrade	112
VINDICTA BRÁBA	Othon d'Eça	115
A HISTORIA LITERARIA DO RIO GRANDE DO SUL . .	Cyro Nobre	147
O ROSTO E A CAVEIRA . .	Saul de Navarro	155

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÈ, 34 SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL - PRAÇA DA SÉ, 34 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
 Teleph. Central 4012
 ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000. EXTRANJEIRO - 25\$000. NUMERO AVULSO - 1\$800
 Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Redactor Secretario: SERGIO MILLIET

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volumes, em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaes escolas de commercio do paiz. Util aos que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmetica Commercial e Financeira. Obra indispensavel para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

Noções de Calculos Commercias e Financeiros. E' indispensavel aos que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos contadores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em Dez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Emprezas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoril; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

Pedidos á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
 Praça da Sé, 34 São Paulo

Holmberg, Bech & Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".

A Revista da Sociedade de Educação

*deve ser lida por todos quantos se
interessam pelos assumptos didacticos.*

Redactores

Dr. A. Almeida Junior

Prof. Léo Vaz

Prof. Brenno Ferraz do Amaral

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os numeros já publicados.

Assignatura annual 12\$000

CIDADES VIVAS

DE BRENNNO FERRAZ

Paginas admiraveis de sociologia, em que se tem nitida impressão da vida de trabalho das cidades paulistas que se estendem pelo Paranapanema e pelo Tietê.

PREÇO: 5\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAULO

OTHONIEL MOTTA

Cathedratico do Gymnasio de Campinas.

Lições de Portuguez

Para cursos commerciaes, normaes e gymnasiaes 8\$000

A sahir:

Anthologia Portugueza

Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — S. Paulo

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos col-
legios e professores

Presentes de Natal para a creançada!

DODÓCA, historia de uma boneca, de d. Dolores Barreto

A CAÇADA DA ONÇA, de Monteiro Lobato

JÉCA TATUZINHO, de Monteiro Lobato

Illustrados por Wiese

Desde já acceitam-se pedidos.

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO

"REVISTA DE FILOLOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor : MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editôra

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone : Central 1681 — S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

ANATOLE FRANCE

ANATOLE France, o escriptor notavel, que acaba de desaparecer, foi, sem duvida, um dos entendimentos mais cultivados do seu paiz. Filho de um livreiro, cresceu elle entre livros. Mais tarde, numa vivenda soberba, ricamente ataviada de pannos de Arrás e bibelots preciosos, enthesoirava copiosa bibliotheca, que durante os seus largos annos de vida, manuseou e percorreu pelos olhos com summa delicia.

Admirador incondicionado da tradição greco-latina, lembrava, no chiste da sua linguagem, e maneira por que estillava a essencia divina da sua alma, os velhos diegematistas dos tempos de Hadriano. Não era o vento da inspiração que o levava para a sua banca de trabalho. Escreviá arduamente — confessava. E, quando Hebrard, redactor do “Temps”, o foi convidar para que redigisse elle, semanalmente, a chronica literaria no seu jornal, não lhe dissimulou o seu pasmo. Ao contrario. Numa carta aberta, que lhe dirigiu, dizia: — “Fiquei admirado da vossa escolha. Lembrar-vos, para isso, de um espirito como o meu — recolhido, lento e solitario.”

Depois, como dêsse conta do recado, exultou. Bateu as palmas. Chegou mesmo a desconfiar de que dispuzesse Hebrard de um talisman. E exclamava: — “Conseguistes tornar-me productivo — que maravilha! Fizestes de mim um escriptor periodico!”

E' que, nesse seu estylo, em tom de sincera naturalidade — todo elle cambiante e donairoso, — iam-se-lhe horas de trabalho e de paciencia, por vezes de uma perseverança acerrima. Trabalho de joalheiro, trabalho de mosaista — exactamente como se avinham na composição das suas obras os diegematistas outr'ora.

Na antiguidade, formavam elles uma pleiade. Chamavam-se Dion Chrysostomo, Longus, Heñodoro de Émese, Achilles Tatius de Alexandria, Xenophonte de Antiochia, Xenophonte de Epheso. Eram todos senhores rhetoricos, homens de gosto; grandemente lidos na literatura hellenica; conhecedores a fundo dos segredos da tradição.

Não creavam propriamente. Imitavam. Que, nesse tempo, se tinha por evangelho, a imitação como preservadora da Belleza. Tomavam de preferencia um thema já conhecido — uma fabula milesiana. E, á custa de enxertos habeis e locuções felizes, tratavam de requintal-o numa prosa estylisada, “mais rebuscada e trabalhada, — é Anatole quem nos diz, — que os versos mais sabios dos poetas alexandrinos.”

Referindo-se aos “Amores pastoraes de Daphnis e Chloe”, accrescenta elle: — “Se nos fosse dado investigar de todas as suas imitações, veriamos que o texto de Longus não passa de um perfeito mosaico, cujas pedras foram escolhidas e ajustadas com muito gosto.” E aponta, na sua primeira parte, transcripções de Virgilio; transcripções do autor grego, que Virgilio imitou por sua vez; mais adiante, trechos de Anacreonte, decalques de Callimaco, detalhes tomados de emprestimo na obra de Homero.

Ao invés, porém, de condemnar este processo literario, na sua pratica, aparentemente deprimente de credito, exalta-o. Não foi assim que elle próprio escreveu as suas obras? Não era assim que escreviam os classicos da Renascença? . . . “*Je prends mon bien par tout où je le trouve*” — dizia Molière. E Remy de Gourmont, certa noite, na Villa Said, em presença de um professor americano, mr. Brown, que andava pela Europa, a indagar dos homens notaveis, em que consistia o segredo dos grandes genios literarios como viviam elles nos seus bastidores, assim se pronunciou:

— Quasi todos os autores celebres, ao talharem as suas lindas roupagens, se serviram de peças de panno, tecidas por mãos alheias.

Ao que o americano teve um sobresalto:

— “*Aoh!*”

E voltou-se de olhos esgazeados para Anatole:

— “Verdade *este*, mr. French?!”

— Perfeitamente! — concordou Anatole. — Raras vezes a materia prima lhes pertenceu. Elles nada mais fizeram do que lhe imprimir uma forma nova.

Como o americano permanecesse boquiaberto, Remy de Gourmont sorriu-se. Murmurou-lhe:

— *Yes! Indeed!*

RÉNE THIOLLIER

(Villa Fortunata)



CLASSIFICAÇÃO PSYCHOLOGICA DO HOMEM

(CONCLUSÃO) (*)

Em resumo: sabe-se que das acções humanas emergem os factos sociaes; a cada ordem de tendencias individuaes correspondem varias outras de ordem publica. Assim, a luta pela nutrição gerou a necessidade de se accumularem bens ou reservas do necessario (a propriedade); e dahi a funcção consequente da guarda dessa reserva (o direito). Porque então capital era territorio; e commum a todos esse reservatorio de riquezas. Só esse facto determinava todos os outros, como suprema preocupação da época: o flagello das guerras, a hecatombe de imperios, a escravidão, o militarismo, etc., etc.

Assim, tambem a luta pela reproducção affectiva foi, com o evoluer dos tempos, produzindo regulamentações fragmentarias dos acasalamentos, sob designios menos impuros e com penalidades severas em caso de fraude; o instincto animal da funcção se foi socialisando aos poucos, o cio passou a amor e este se irradiou á patria, á familia, ás artes, etc.

Assim, finalmente a luta pelas competições da intelligencia, deu em consequencia a separação dos mais aptos; e de um lado appareceu o governo de grupos e de outro a disciplina dos commandados: especialisam-se as actividades e o poder se impõe... São postos em evidencia os fortes pelo vigor, os agradaveis pela belleza e os intelligentes pela iniciativa. Donde, o dever moral (o character) e as aspirações estheticas (a expansão da vitalidade), isto é, a cooperação no trabalho, a lealdade nas relações, o horror á mentira e o amor ao bello real.

(*) Vejam-se os numeros de Junho e Julho de 1924.

Nessas intensas lutas seculares, elaborou-se a evolução mental do homem e os resultados parciais assim nebuloseiam através dos seculos:

1.º) A DISCIPLINA (civil, militar, religiosa; penal e educacional).

Os primeiros impulsos da natureza humana, em meio o caos da formação tellurica foram por certo os mais desordenados possíveis, tal como a luta do feto que nasce e passa do comodismo da vida uterina estatica para a existencia externa, social e dinamica. E então a disciplina é o primeiro movimento de defesa natural: ao mamar, ao caminhar, etc., precisa da ordem materna para lhe conter os excessos e orientar os impulsos, como os pais respectivos tambem precisam da disciplina dos caminhos, das cidades, dos exercitos e dos governos, embryonarios embora. Dest'arte o Trabalho se organiza pela disciplina civil — outrora escravidão — o capital, pelas conquistas militares, a justiça pelo temor religioso, a educação pelo direito penal antigo e a cultura moderna pela pedagogia scientifica (moral e sociologica).

2.º) A IMITAÇÃO (no viver, no adaptar-se, no agradar e no vencer).

Rodeado de animaes inferiores que o antecederam nas idades geologicas, o homem (quaternario) — producto evolutivo de adaptações — deveu ao reflexo visual das especies zoologicas que o envolviam — todo o seu desenvolvimento, a sua educação e o seu progresso: observando o scenario de lutas e de prazeres, fez-se successivamente agil, arguto, intelligente, combativo e vencedor. As experiencias mais uteis ou agradaveis a que por imitação se entregou, procurou elle gravar-as de qualquer modo para exemplo de outras ou para lembrar um prazer ou uma victoria; e começou a imitar gestos, posições, situações, successos, etc.: os mais importantes foram gravados em arvores, argilla, columnas, etc. Por isso, não nos devemos esquecer hoje: a arte é tão sómente moral e educativa; nem tem outra funcção. Ao contrario da concepção moderna, que, infelizmente, a reduz a uma caricata industria de feira, a uma pornographica excitação de appetites...

3.º) A ORDEM (classica, familiar, governamental e social).

Porque trabalho economico organizado não havia, nem moral juridica de nenhuma especie — a Propriedade (que era commum) não tinha o Direito, nem a Familia — o Governo. Nutrição era canibalismo, propriedade era roubo, familia era promiscuidade, governo era

coacção... Isto no clan, na cidade, no municipio e na communa. Quando se estabeleceu o regimen dos orçamentos na plantação e nas colheitas, na caça e na pesca, a producção natural suppriu o consumo e bastou sufficientemente para as reservas; e tanto na taba como na tribu, diminuíram de intensidade as contendias entre os grupos, que se tornaram mais sedentarios, a escravidão teve um como lampejo de ordem, e as guerras tiveram mais treguas, dando logar aos primeiros esboços de governo. É' quando a Disciplina se accentua um pouco mais, — a Imitação colhe mais resultados e a Ordem social embryonaria deixa alvorecer entre os membros de cada familia tribal e entre os grupos de cada pequena nação uns longes do phenomeno social da politica: ha mais cooperação no *lar* e mais subordinação no *governo*.

4.º) A PRODUÇÃO (organizada ou trabalho capital e riquezas).

Nesta phase, provado que o nomadismo é dispersivo e extenuante, que o canibalismo é contraproducente e que as actividades individuaes nas guerras e na escravidão dos vencidos terminam pelo odio, pela destruição, pela miseria e não raro extincção dos grupos — ensaia-se uma especie de coordenação de esforços, de aproveitamento e canalisação de actividades conscientes; e o trabalho do homem se associa ao do irracional: o prisioneiro é considerado irmão e os animaes domesticos — auxiliares do homem, na caça, no arado e no transporte.

Vão se accentuando cada vez mais e successivamente — a Disciplina, a Imitação, a Ordem e a Producção... O computo apparece, como resultado das avaliações nas colheitas, nos esforços e nas distancias...

O capital (utilidades ou reserva do necessario) já é uma medida apreciavel e as riquezas (somma dessas medidas) vão delineando os primeiros contornos da Economia politica, hoje social.

5.º) O ESTUDO (systematisado ou criticismo rudimentar).

Rugem por toda parte vulcões e terremotos, diluvios e tempestades de gelo: as feras e as viboras se escarniçam, redobram de ataques... as destruições e os cadaveres infectam o ambiente... surgem os vermes e as pestes, dizimam-se as populações, já desfalcadas e demoralisadas pelas guerras — e o homem victima de si, de tudo e de todos, mas já triumphante entre as outras especies zoologicas, concentra-se, cogita, entrega-se á meditação: donde o seu desenvolvimento cerebral.

Viu que destruindo as florestas, modificava os climas, que arrasando as arvores frutíferas morria de fome ou se fazia doente, e que finalmente “comer, amar e pensar” eram funções e não esporte... Começa a modificar os seus instintos e a dominar os impulsos da prole desenfreada. Eis quando apparecem os primeiros albores da educação, da investigação, da experiencia e da critica.

6.º) O DEVER (tradição, honra e credito).

Das boas normas cedo se colhem os bons frutos: e foi isso o que levou a humanidade a elaborar e a adoptar aos poucos instituições — como do trabalho, da propriedade, da familia, etc. Sobre todas ellas culmina a primeira e principal — a moral (ethica) e os bons costumes (esthetica). O resumo das normas de conducta uteis e agradaveis, naturaes e progressivas ou estheticas formam as tradições (de povo, de familia, etc.). Destas nasce a honra individual que é o nivel em que cada qual colloca a observancia dessas tradições sem quebra ou violação de sua consciencia: tradições são bom nome, boas experiencias e bons efeitos; e honra — a identidade de nossos designios (character) com aquelles actos. Quem mente a si e aos outros nunca poderá falar em honra ou tradições e delle andarà deserto toda a vida o credito...

7.º) A BELLEZA (bem estar physico, bem estar intellectual e bem estar moral).

Assim como foi o capital a crystalisação das reservas economicas, assim é o credito — a crystalisação social do poder, da honra e da moeda — synthese da mercadoria. O Dever impõe a observancia dos costumes e mantem a estabilidade da Ordem: assim a Belleza, (como a moeda e como o credito), é a crystalisação das mais altas aspirações da natureza — resumo do util, do bello e do justo. A belleza é nas linhas proporção, nos actos justiça, na luz equilibrio, nos sons harmonia, na creatura perfeição; e por tanto bem estar animal, bem estar physico, que é ao mesmo tempo bem estar psychico, ethico e esthetico.

Analysando-se estes sete estadios na chronologia do progresso humano, podemos esfumilhadamente distinguir ou vislumbrar as suas respectivas camadas historicas. Exemplo:

- a) época dos sacerdotes e guerreiros.
- b) „ „ pastores e menestreis.
- c) „ „ tribunos e reformadores.

- d) „ „ inventores e industrialistas.
- e) „ „ sabios e magistrados.
- f) „ „ martyres da liberdade e da sciencia.
- g) „ „ eugenicos e superhomens.

E mais uma vez, simplificando, temos:

Nutrição = Propriedade.

Emotividade = Direito.

Reproducção = Familia.

Sentimento = Governo.

Relação = Instituições sociaes.

Razão = Sciencia.

E assim, a nossa triplice divisão já feita: o homem, intellectualmente — a) calculista; b) imaginoso e c) pensador; moralmente — a) egoista; b) altruista e c) justo; e estheticamente — a) degenerado superior; b) orgulhoso e c) eugenico.

E' deste ultimo grupo que vamos agora tratar.

O degenerado superior, chame-se elle Kant ou Aristoteles, seja anachoreta, guerreiro ou estheta individualista, Hugo, Alexandre ou São Thomaz de Aquino é sempre o moralista exaltado, o estheticista sem pincel e perdido em sonho. E' um martyr do seu ideal, eternamente engrilhado em ideias polarizadas e absolutas: fascinado, ou deprime-se e se faz santo ou se exalta e eil-o allucinado pelo verbo ou graphomania, pela espada, pelas collecções, pelas paixões carnaes ou pelo amor divino... Não ha para elle propriamente vida physica e intellectual, mas vida moral, intensa, magnetica, allucinante! Por isso não raro o vedes — a) ou taciturno, ou dado a polemicas (predominio do mental); b) ou glutão e devasso ou dado a jejuns e a castidade. E' o moralismo (excessos vibratorios na vida de relação) anniquilando ou desnordeando o normalismo das funcções equipollentes da vida de nutrição e reproducção.

Ao contrario os orgulhosos (classe b deste grupo) em que a excessiva vibração cerebral se circunscribe a determinadas zonas e produz as monomanias, o exaggero das ideias, os arrebatamentos, o heroismo... Nestes, o excesso vibratorio do aparelho psycho-sensorial se faz, portanto, no polo opposto, no sentido da nutrição ou da reproducção: donde a razão de seu amor ás festas e aos banquetes, ás cores vistosas e aos amores faceis... O orgulhoso faz do exhibicionismo a sua gloria, porque só pensa o que vê: o seu ego, a sua figura, a palavra chuvosa e tonitroante, os ademanes a Quichoté... e basta! Tem um culto — a mentira, porque adora a soberba, que é uma illusão de força e a vaidade que é uma illusão de belleza; si tem o poder nas mãos se faz prepotente; si o não tem se faz ridiculo, vaidoso, embalde occultando o apoucado valor... Pode ser gastronomo ou

grande voluptuoso, heroe ou bandido, porque nelle fala mais alto o sentimentalismo da fama, do gongorico, ou do flammejante...

O degenerado superior pode ser comparado ao orgulhoso num ponto: este, tenha ou não tenha valor, de maravilhas faz alarde externamente; e aquelle tem sempre valor e delle faz um culto interior; um chama a si a attenção do presente, outro chama a si a attenção da posteridade. Acima d'ambos está o eugenico (classe ultima deste grupo) em que, sobre todos, prepondera a superioridade mental (ethica e esthetica). Neste não ha exhibicionismo, nem demasias, idealismo vesanico nem desproporções: resume o typo nobre e seleccionado da especie, realisando a synthese dos equilibrios do talento, da belleza, da força e da justiça. Força significando brio, valor ou dever; talento significando um profundo saber (real e objectivo) aureolado de ponderação e modestia; justiça significando character e lealdade nas occasiões; e afinal belleza significando a proporcional esthetica entre — a) a sua estatura e seu peso, b) a sua cor e os seus contornos e c) a pureza das linhas physionomicas — (exterior cerebral) combinada com a das attitudes, dos gestos e das acções (exterior sentimental). Tal o typo por excellencia reproductivel; tal o condensador de energias; o cerebro e coração sadios, o pensador alto sem paixões nem preconceitos, que produzindo proles seleccionadas, irradiando exemplos educacionaes de utilidade geral e fecundando energias sociaes, electrizando e fazendo evoluir multidões melhor interpretem o presente com as suas characteristics moraes e descobertas scientificas para approximal-o cada vez mais do futuro; e para tornal-o mais proprio e paradisiaco ás expansões nobres da vida moral e não anarchico e deficitario qual o que temos e herdamos dos antepassados (mentalmente inferiores a nós).

O eugenico tem rythmo musical no gesto, estylo na linguagem, medida nas attitudes, lealdade nas acções, clareza nos julgados, sangue e musculos á vista... Ignora o tragico, o comico, a ironia covarde, a satyra canalha, o humor cynico... porque nelle se enthesouram as reservas civilisadoras da humanidade postera: as leis e suas interpretações, as descobertas e seus resultados, as artes e seus ensinamentos, as gerações e suas normas, os seus orientes e os seus progressos, indefinidos no planeta.

Lipps, em seu "Tratado de Esthetica" (traducção espanhola directa do allemão) no capitulo referente ás "condições especificas para a belleza do corpo humano" estabelece uma norma proporcional, isto é, a proporção da apparencia que nos dá um rectangulo (deitado ou não) com a base menor = 5 e a maior = 8 ou 8:13. Não sabemos, entretanto, si essa proporcional exprime ao justo esse equilibrio de linhas que nossa vista está ha-

bituada a gosar na torre elegante em relação ao corpo do edificio, na fronde da arvore em relação ao terreno, no animal formoso, ou nisso que os poetas chamam "bocca espiritual", "olhar santo" ou posição artistica do cabello, nas mulheres bellas... Pois o facto é que nunca vimos em telas ou estatuas o jogo esculptural de linhas que se vê por exemplo no corpo nu de uma sevilhana bella... Pena é que os pintores e esculptores se preocupem tanto com ranchinhos, marinhas, céos, monstruosidades e outros aspectos da natureza morta e não nos revelem essas linhas "espirituaes" da moderna belleza humana, tão sedosa e florente, tão proporcional e inexprimivel, tão superior e tão distante das afamadas Venus de Milo e das Giocondas...

Parece-nos que o typo eugenico seria o que tivesse: a) a linha e a estatura do inglez, b) o craneo e a cor do germanico, c) a musculatura e a actividade do norte-americano, e d) os olhos e os cabellos do hespanhol (sul de Hespanha). Os physiologistas não sobem ás preocupações estheticas, mas sempre é interessante reproduzir-lhes as visões exteriores; eis o que nos diz Achille de Giovanni do "tipo ideale delle condizioni morphologiche individuale":

TYPO ESPADAÚDO (grande perimetro thoraxico): deve ter o porte erecto, com altura igual á distancia que mede os extremos dos dedos medios, mãos espalmadas e braços estendidos horisontalmente, e com a circumferencia do thorax (dilatado) igual á metade da dita estatura.

TYPO CABEÇUDO (grande indice cephalico): deve ter grande volume de peso na cabeça, muita altura de frente, orelhas insertas muito em baixo e inclinadas para traz.

TYPO VENTRUDO (esterno e abdomen saliente): não tem as proporções naturaes, as quaes devem ser: a) "a distancia da furcula á base do appendice xifoide igual á quinta parte da circumferencia thoraxica", e b) "a distancia que vai do appendice ensiforme á symphise pubiana igual a dois quintos da dita circumferencia".

Chaillou e Mac-Auliffe, que a nosso ver mais bem estudaram o assumpto, em sua "*Morphologie Médicale*" (Paris 1912, pags. 8 a 26 e 178 a 181) dizem mais ou menos isto: "o meio condiciona a forma, a função desenvolve o organ, etc. (axiomas de Biologia); portanto, havendo na athmosphera quatro superficies predominantes (o ar, o alimento, o movimento e a luz) quatro devem ser tambem as formas dos typos de vida (a respiratoria, a digestiva, a muscular e a cerebral) no organismo humano, exactamente como na planta a raiz, a haste, a folha e a flor...".

E concluem: “o typo respiratorio (distancia maior entre olhos e bocca) deve ter vida ao ar livre, altitude, florestas, etc. sob pena de constipados frequentes; o digestivo (maxillares inferiores largos e queixo saliente) deve ter alimentação cuidada e sufficiente sob pena de soffrimentos de estomago, figado e intestinos; o muscular (contorno dos musculos desenhado sob o derma) deve ter exercicios, actividade, sob pena de tornar-se gotoso ou rheumatico; e o cerebral (predominancia do frontal) deve dar-se a estudos, viagens, meditação, etc., sob pena de congestões, delirios, febres...”.

Isto, debaixo do ponto de vista geral, clinico. Nós, porém, vamos deduzil-o sob outro aspecto o physico-chimico ou da apparencia esthetica.

Physicamente	}	typo digestivo = gordalhudo, indolente, bonanchão.
		„ respiratorio = attento, impulsivo, sonhador.
		„ muscular = laborioso, resistente, sincero.
		„ cerebral = magro, vibratil, concentrado.
Chimicamente	}	typo hydratado = gordo, timido, preguiçoso, (digestivo) alegre.
		„ oxygenado = sanguineo, sensual, destemido. (respiratorio)
		„ carbonado = pallido, voluntarioso, emprehendedor. (muscular)
		„ azotado = inquieto, curioso, observador. (cerebral)

E' o que nos diz mais ou menos a observação diaria. E de facto: ás “quatro superficies atmosphericas” alludidas devem corresponder as quatro fontes de succão do organismo humano; e conforme as qualidades e quantidades absorvidas mais vida ou vibração haverá nas quatro zonas visadas. O nariz — bocca dos pulmões — comendo mais ozona, oxygenio etc. torna-nos mais phantasistas, volateis, gazosos por assim dizer; a bocca — nariz do estomago — ingerindo mais hydratos, proteínas e carbono torna-nos mais pesadões, animalescos, reptilicos por assim dizer; os poros — bocca dos musculos ou nariz da pelle — consumindo mais calor e impulsões do movimento torna-nos mais equilibrados entre a oxygenação e a azotação (do respiratorio e do digestivo) e portanto mais ágeis, mais trabalhadores, mais defensivos: donde — mais lealdade; — e afinal o tacto — cuja bocca são os demais sentidos corporaes principalmente a vista — absorvendo

mais luz, mais som, mais perfumes, mais cores etc. tem de nos deixar mais aptos para sentir, para medir, comparar e deduzir: donde — mais intelligencia.

Em summa, recapitulando tudo: aos degenerados superiores, deve o Presente os seus desatinos, os grandes retrocessos da civilisação, os factos sociaes anomaes e os incoherentes, as cidades infectas, as nações prisioneiras de si mesmas, as epidemias, e as degenerescencias... todas; — aos orgulhosos, devem os povos os seus imperialismos e a guerra delles resultantes; — as sociedades devem as suas etiquetas caricatas, os seus conflictos individuaes, as superstições, as modas de arlequim e os falsos preconceitos... E só aos eugenicos — tão somente — deverá o Futuro a sua paz mundial: a concordia dos lares e a socialisação das escolas!

VILLAR BELMONTE





POESIA PAU BRASIL

UM PREFACIO

A poesia “pau-brasil” é o ovo de Colombo — esse ovo, como dizia um inventor meu amigo, em que ninguém acreditava e acabou enriquecendo o genovez. Oswald de Andrade, numa viagem a Pariz, do alto de um atelier da Place Clichy — umbigo do mundo — descobriu, deslumbrado, a sua propria terra. A volta á patria confirmou, no encantamento das descobertasmanuelinas, a revelação surprehendente de que o Brasil existia. Esse facto, de que alguns já desconfiavam, num clarão de milagre, abriu seus olhos á visão radiosa de um mundo novo, inexplorado e mysterioso. Estava creada a poesia “pau-brasil”.

Já tardava essa tentativa de renovar os modos de expressão e fontes inspiradoras do sentimento poetico brasileiro, ha mais de um seculo soterrado sob o pezo livresco das idéas de importação. Um dos aspectos curiosos da vida intellectual do Brasil é esse da literatura, propriamente dita, ter evoluído acompanhando de longe os grandes movimentos da arte e do pensamento europeus, enquanto a poesia se immobilizou no thomismo dos modelos classicos e romanticos, repetindo com enfadonha monotonia as mesmas rimas, metaphoras, rythmos e allegorias. Veio-lhe sobretudo esse retardo no crescimento do mal romantico que, ao nascer da nossa nacionalidade, infeccionou tão profundamente a tudo e a todos. Com a partida para fora da colonia do lenço de alcobaça e da caixa de rapé de D. João VI, emigraram por largo tempo deste paiz o bom senso terra a terra e a visão clara e burgueza das coisas e dos homens.

Em politica o chamado “grito do Ypiranga” inaugurou a deformação da realidade de que ainda não nos libertamos e nos faz viver num como sonho de que só nos acordará alguma catastro-

phe bemfeitora. Em literatura, nenhuma outra influencia poderia ser mais deleteria para o espirito nacional. Desde o apparecimento dos "Suspiros poeticos e Saudades", de Gonçalves de Magalhães, que os nossos poetas e escriptores, até os claros dias de hoje, têm bebido inspirações no craneo humano cheio de bourgogne com que se embebedava Child Harold nas orgias de Newstead. O lyrismo puro, simples e ingenuo, como um canto de passaro, só o exprimiram talvez dois poetas quasi desprezados — um, Casimiro de Abreu, relegado á admiração das melindrosas provincianas e caixeiros apaixonados, outro, Catullo Cearense, trovador sertanejo, que a mania literaria já envenenou. Foram esses, melancolicos, desalinhados e sinceros, os dois unicos interpretes do rythmo profundo e intimo da Raça, como Ronsard e Musset na França, Moeriken e Uhland na Allemanhã, Chaucer e Burns na Inglaterra, e Whitman nos Estados Unidos. Os outros são lusitanos, francezes, hespanhoes, inglezes e allemães, versificando numa lingua extranha que é o portuguez de Portugal, esbanjando talento e mesmo genio num desperdicio lamentavel e nacional.

O verso classico

"Sur des pensers nouveaux, faisons des vers antiques".

está tambem errado. Não só mudaram as idéas inspiradoras da poesia, como tambem os moldes em que ella se encerra. Encaixar na rigidez de um soneto todo o baralhamento da vida moderna é absurdo e ridiculo. Descrever com palavras laboriosamente extrahidas dos classicos portuguezes e desentranhadas dos velhos dictionarios, o pluralismo cinematico de nossa epoca é um anachronismo chocante, como si encontrassemos num Ford um tricornio sobre uma cabeça empoada, ou num torpedo a alta cravata de um dandy do tempo de Brummel. Outros tempos, outros poetas, outros versos. Como Nietzsche, todos exigimos que nos cantem um canto novo.

A poesia "pau-brasil" é, entre nós, o primeiro esforço organizado para a libertação do verso brasileiro. Na mocidade, culta e ardente, de nossos dias, já outros iniciaram, com escandalo e successo, a campanha de liberdade e de arte pura e viva, que é a condição indispensavel para a existencia de uma literatura nacional. Um periodo de construcção creadora succede agora ás lutas da epoca de destruição revolucionaria, das "palavras em liberdade" — em que se destacam, em varios momentos, Ronald de Carvalho, Mario de Andrade e Guilherme de Almeida.

O manifesto de Oswald, porém, dizendo ao publico o que muitos aqui sabem e praticam, tem o merito de dar uma disciplina ás tentativas esparsas e hesitantes. Poesia "pau-brasil". Designação pittoresca, incisiva e caricatural, como foi a do confettismo e fauvismo para os néo-impressionistas da pintura, ou

a do cubismo nestes ultimos quinze annos. É' um epitheto que nasce com todas as promessas de viabilidade.

A mais bella inspiração e a mais fecunda encontra a poesia "pau-brasil" na affirmação desse nacionalismo que deve romper com os laços que nos amarram desde o nascimento á velha Europa, decadente e exgotada. Em nossa historia já uma vez surgiu esse sentimento aggressivo, nos tempos turbados da revolução de 93, quando "pau-brasil" era o jacobinismo dos Tiradentes de Floriano. Sejamos agora de novo, no cumprimento de uma missão ethnica e protectora, jacobinamente brasileiros. Libertemo-nos das influencias nefastas das velhas civilizações em decadencia. A começar pela lingua e pela grammatica. Do novo movimento deve surgir, fixada, a nova lingua brasileira, que será como esse "Amerenglish" que citava o *Times* referindo-se aos Estados Unidos. Será a reabilitação do nosso falar quotidiano, *sermo plebeius* que o pedantismo dos grammaticos tem querido eliminar da lingua escripta.

Esperemos tambem que a poesia "pau-brasil" extermine de vez um dos grandes males da raça — o mal da eloquencia balofa e roçagante. Nesta epoca apressada de rapidas realisações, a tendencia é toda para a expressão rude e núa da sensação e do sentimento, numa sinceridade total e synthetica.

"Le poète japonais"

"Essuie son couteau:"

"Cette fois l'éloquence est morte",

diz o haïkaï japonez, na sua concisão lapidar. Grande dia será esse para as letras brasileiras. Obter, em comprimidos, minutos de poesia. Interromper o balanço das bellas phrases sonoras e ôcas, melopea que nos aproxima, na sua primitividade, do canto erotico dos passaros e dos insectos. Fugir tambem do dynamismo retumbante das modas em atrazo que aqui aportam, como o futurismo italiano, doze annos depois do seu apparecimento, decrepitas e tresandando a naphthallina. Nada mais nocivo para a livre expansão do pensamento puramente nacional do que a importação, como novidade, dessas formulas exoticas, que envelhecem e murcham num abrir e fechar de olhos, nos cafés literarios e nos cabarets de Pariz, Roma ou Berlim. Deus — que é brasileiro — nos livre desse snobismo rastacuerico, tão pernicioso como o velho romantismo do seculo passado.

O manifesto que Oswald de Andrade publica encontrará nos que têm (essa infima minoria) escarneo, indignação, e mais que tudo — incomprehensão. Nada mais natural e mais razoavel: está certo. O grupo que se oppõe a qualquer idéa nova, a qualquer mudança no ramerrão das opiniões correntes é sempre o mesmo: é o que vaiou o *Hernani* de Victor Hugo, o que con-

demnou nos tribunaes Flaubert e Baudelaire, é o que pateou Wagner, escarneceu de Mallarmé e injuriou Rimbaud. Foi esse espirito retrogado que fechou o *Salon* official aos quadros de Cezanne, para o qual Millerand pede hoje as honras do Pantheon; foi inspirado por elle que se recusou uma praça de Pariz para o *Balzac* de Rodin. E' o grupo dos novos-ricos da Arte, dos empregados publicos da literatura, Academicos de fardão, Genios das provincias, Poetas do "Diario Official". Esses defendem as suas posições, pertencem á maçonaria da Camaradagem, mais fechada que a da politica; agarram-se ás taboas desconjuntadas das suas reputações: são os honzos dos templos consagrados, os santos das capellinhas literarias. Outros, são a massa gregaria dos que não comprehendem, na innocencia da sua curteza, ou no affastamento forçado das coisas do espirito. Destes falava Remy de Gourmont quando se referia a '*Ceux-qui-ne-comprennent pas*'. Deixemol-os em paz, no seu contentamento obtuso de pedra bruta, ou de muro de taipa, inabalavel e empoeirado.

Para o glugú desses perús de roda, só ha duas respostas: ou a alegre combatividade dos moços, a verve dos enthusiasmos triumphantes, ou para o scepticismo e o aquoibonismo dos já descrentes e cançados o refugio de que falava o mesmo Gourmont, no Silencio das Torres (das Torres de marfim, como se dizia).

Maio, 1924.

PAULO PRADO





PAU BRASIL

O livro de poemas "Pau-Brasil" compõe-se de 9 partes intituladas: 1) *Historia do Brasil*. 2) *Poemas da colonização*. 3) *R. P. 1*. 4) *São Martinho*. 5) *Carnaval do Chico Rei*. 6) *Postes da Light*. 7) *Correspondencia*. 8) *Minas Geraes*. 9) *Balas de estalo*.

A DESCOBERTA (*Pero Vaz*)

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Paschoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

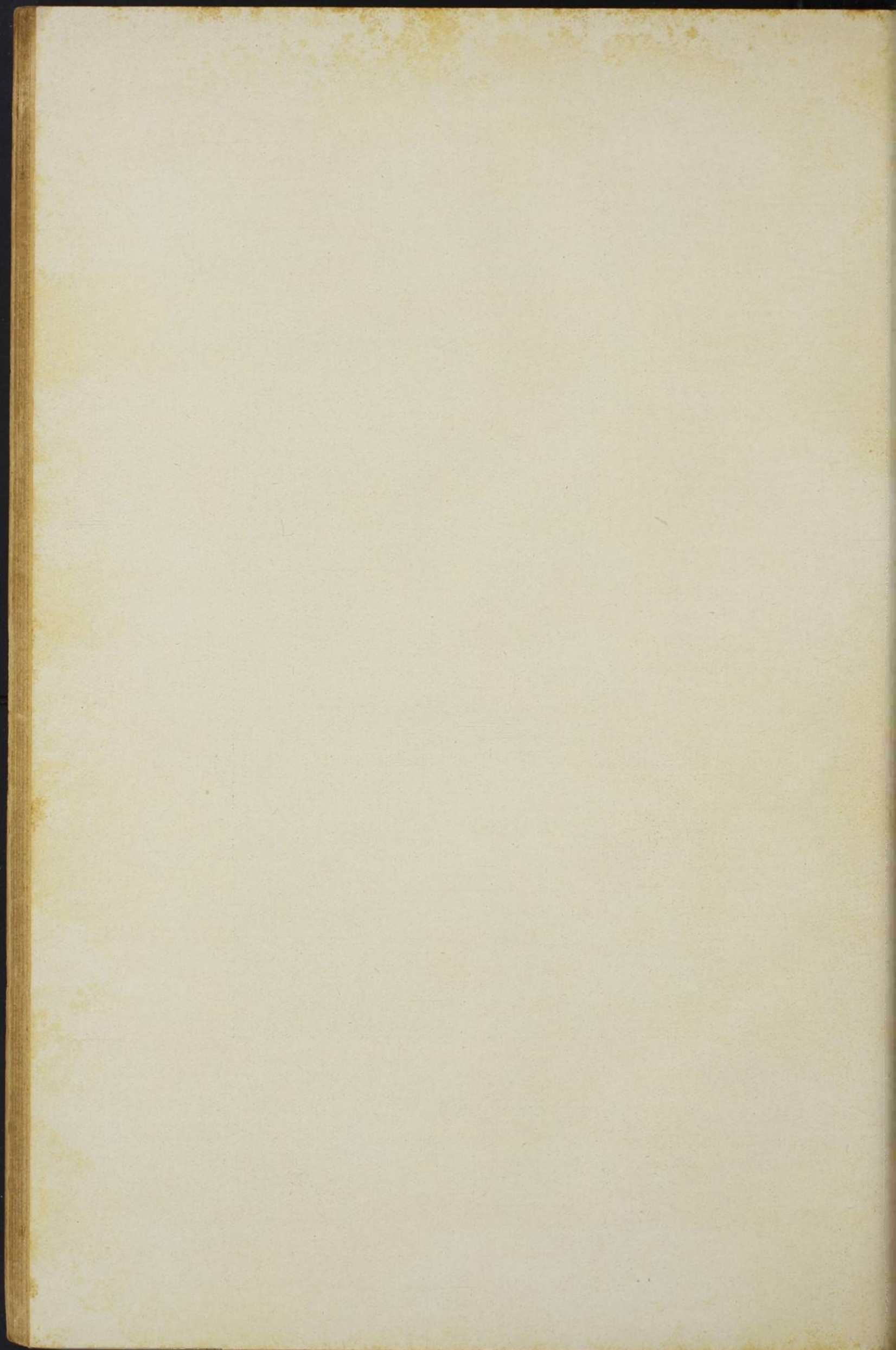
SALUBRIDADE (*Gandavo*)

O ser ella tam salutifera e livre de enfermidades
Procede dos ventos que cruzam nella
É como todos procedem da parte do mar
Vem tam puros e coados
Que nam somente nam danam
Mas recream e accrescentam a vida do homem

GALERIA DOS EDITADOS



ABEL JURUÁ
autora d'A veranista.



CARTA (*Fernão Dias*)

Partirei
Com quarenta homens brancos afora eu
E meu filho
E quatro tropas de mossos meus
Gente escoteyra com polvora e chumbo

Vossa Senhoria deve considerar que este descobrimento
E' o de maior consideração
Em rasam do muito rendimento
E tambem esmeraldas

MEDO DA SENHORA

A escrava pegou a filhinha nascida
Nas costas
E se atirou no Parahyba
Para que a creança não fosse judiada

CIDADE

Foguetes pipocam o ceu quando em quando
Ha uma mulher muito bonita que entrou no cinema
Vestida pela ultima fita
Conversas de jardim
Sapos na illuminação de hulha branca
Mamães estão chamando
A orchestra rabeçôa na matta

ESCOLA RURAL

As carteiras são para anõezinhos
De pé no chão
Ha uma pedra negra
Com syllabas escriptas a giz
A professora está de licença
E monta guarda a um canto numa vara
A bandeira alvi-negra de São Paulo
Enrolada no Brasil

APERITIVO

A felicidade anda a pé
Na Praça Antonio Prado
São 10 horas azues
O café vae alto como a manhã de arranha-ceus

Automoveis vermuthes cigarros
A cidade sem mythos

CONGONHAS DO CAMPO

Ha um hotel novo que se chama York
É lá em cima na palma da mão da montanha
Está a egreja no circulo architetonico dos Passos
Paineis quadros imagens
A religiosidade no socego do sol
Tudo puro como o Aleijadinho

Um carro de boi canta como um orgão

BENGALO'

Bicos elasticos sob o jersey
Um maxixe escorrega dos dedos morenos de Gilberta
Janella
Sótas e azes desertaram o ceu das estradas de rodagem
O piano fox-trota
Domingaliza
Um gallo canta no territorio do terreiro
A campainha telephona
Cretones
O cinema
Planos de comprar uma ford
É dois terrenos a prestações
O piano fox-trota
Janella
Bondes

OSWALD DE ANDRADE



VINDICTA BRÁBA

I

POR toda aquella fieira de gentes, das Três Pontes ao acco dos Limões, raras as bôccas que não haviam gúspido em riba de Constança — disfeitas e debiques.

Creada fóra do sitio, nas bandas dos graúdos, não era rapariga topadiça em fontes ou fandangos, que bastantes fiducias tinha ella, a princêza, para andar assim batendo a lingua ou gastando os borzeguins.

Manhãzinha, mal s'ouvia na estrada a chiêira dos carros de bois, já estava agarrada aos livros que nem uma doutora ou, entônces, batendo os bilros, mais branca de pós de cheiro que uma comica da cidade.

O pae délla, o velho Izidro, homem de bôa nascença e de rijo carão como o vento sul, quando a mulher lhe vinha com inculcas e ditos do povo no tocante á filha, mettia os dedos na barbalheira quasi branca, ficando a vista nos ramos bentos que o pó forrava, ao pé de redômas, em riba da commoda de páu preto.

E gente que o mirasse assim, tão mofino de falas, não havéra de sismar que dentro do peito d'elle a gana fervia e refervia, como a gárapa no côcho da engehóca.

Mas o velho era um christão a modos de boi de carro, de quem se diz que mal-val' se precatar que se ir fazer artes de burlantin entre os dois galhos.

Pessôa não havia que d'elle conversasse maldades ou lambanças, que a sua fama d'homem sério vinha de crecença e comêra muita estrada, contadinha de légua em légua.

Mais d'uma feita puxára as váras da porteira a compadres e a vindiços e, com as quatro pontas do lenço estalando de patácas, batêra p'ra cidade á compra de riscados e remedios.

E da volta, graças ao Bom Pae, nunca faltara um *nilke* ou um chanchão, desses que o Manoel Balbino pregou em riba do balcão por móde da má sorte.

Verdade seja dita que somentes se mexericava, sem pinguinhos de próva, que o velho era um unha de fôme desgraçado e só não comia espinhas Je corvina — por ser devalde a força p'ra fazel-as escorregar pelas guélas.

Mas tanto a mulher, a Chica — uma velha tão vincada de pés de gallinha como o carôço do pessêgo — lhe businou nas orêlhas os máus dizeres do povo acerca de Constança, que um ardume lhe subio ao cheiro, como a pimenta que os excommungados da cidade põem nos bailes — por disfeitas e maldades dos infernos!

E o Izidro estourou, tal qualzinho o ráio do baiacú, o come anzol, ao lhe baterem o calháu na pansa inchada com cósquinhas.

— Que, mulher? Pois não hai d'um póbre de Christo s'amofinar? O Miguelinho da Damasia, aquelle coisa nenhuma, que não s'alembra que a porca da mãe d'elle vira mais cacháça que um gambá?

Porém desestimados foram os conselhos da mulher, “p'ra que não s'arrenegasse assim depois do conducto, que até podia ter um ataque de cabêça”.

— Não paga a pena o consumir — fallava ella. Amenhã de menhã, Izidro. Vancê s'alembre do compadre Durvalinho, coitado, que por móde se quisilar com o Jorge turco, depois do comer, bateu-lhe o trang'lomango e foi p'r'o cemiterio mais negrinho que camarinhas.

Só a desinfeliz da rapariga não mexêra os carrinhos com tal consumição e chorava que nem um pagãosinho baldádo de mamminha.

O velho, agóra, mais vinagrado com o carpir da filha que pelas viltaças do péste do diabo, metteu aos gadanhos o fuêiro de rabo de macaco, a murmurinhar, como um perdido da cabeça:

— Cachorro dos infrenos! Carrégue-me o quimbinga p'ras profundas, si te deixar ôsso de costélla ou pelanca dos peitos sem malhar.

E com estas falas o Izidro bateu a piscurar o damnado do Miguelinho, mais curtido de ganas que um couro de bruáca.

No ceu as estrellinhas piscavam e repiscavam como raparigas namoradeiras.

Um cagalume passou pingando luz na negridêz, como uma alma penada.

Falâres de homens caminhavam nos escuros, nas bandas dos cafezeiros.

No terreiro do João Xandóca, adonde havia luzes enfumaçadas de candêias, um porco na matança botava a bôcca no mundo, gritando que era um Deus nos accuda.

A noite, escura como brêu, era dessas que sastifazem os raios dos gambás e ajudam os lobis-homens e mulas sem cabêça — excomungados do diabo que atacam os pobres que andam nas suas obrigações.

Ao passar fronteiro ao cemiterio o Izidro se benzeu, a se alembra do compadre Durvalinho já muito rôxo, muito rôxo, a botar uma gósma côr de barro pelas ventas do nariz, enjuento que nem bicheira e com mais

môscas em riba da triste cara — que peccados na cacunda da Rufina feiticeira, que matara, com mandingas, a mulher do Zé-Claudino, por móde ella se amigar com o desgraçado.

E lhe vieram nas scismas as pareenças de um vulto branco, bóle que bóle nos áres, que até se dizia a vára de paina quando hai vento.

O velho, entonces, afugentou as más visagens, apressurando o caminhar; o coração apurado de quisilias, máilha que máilha como um ferreiro que tem préssa de sair.

Não que lhe mettêsem mêdo os estupôres que andam soltos nas noites negras, a espéra dos caminhantes, bem escondidos, os malvados, nos escuros das folhagens ou nas cóvas dos barrancos.

Agadanhado que nem ôstra ao rabo de macaco, mascando na bôcca dizêres d'esconjuros, léva que léva os passos á casa do Miguelinho, só lhe vinha na querença a tentação de salgar o lombo do Tinhôso, filho de cadélla e causador d'aquelle desconchavo na sua vida honrada.

Havia, por isso, d'escarmentar o estupôr que bifára tres cruzados na venda do Manuel Balbino e se gavava, o sujo, d'andar com a Constança por baixo dos cafezeiros...

E por via de Nossa Senhora não se quebrantaram os fôlegos dos seus bófes e faltava um pingo de caminho, pois já avistava a estrada que trépa p'ra Carvoeira e era ali bem juntinho a casa do maldicto.

Um cachorro uivou de dentro d'um cercado; outros ladraram longe, arrespondendo ao agoirento.

Cheiros de laranja se caldejavam com a fortidão adocicada dos currais de vacca.

Mas a gente, por vêzes, apercebia o *pâtechuli* das boa-noites.

D'ahi a pouco o Izidro alcançou o terreiro do Miguelinho.

Dois bacôros, que fussavam n'um montão de palhas de milho, com o barulho da cancélla fugiram a grunhir, os tristes, batendo as orêlhas como as matrâcas da Semana-Santa.

A mão grossa do Izidro socou na porta, de cujas grêtas fugia para a rua uma luzinha tirante á pitanga, que alluminava em tiras a areia prêta do chão.

— O alma excomungada está em casa! — pensou o velho, com os heiços da bôcca num tremor de maleitas.

De dentro da casa o Miguelinho, a scismar que era a mãe, berrou com a sua vóz ranhenta, sahida d'aquella bôcca sempre cheia de guspe e que escumava nos cantos uma gósma amarella enjuando a sárro e a dentes pôdres:

— Táca a dormir p'r'o chiqueiro, bebedona d'uma figa, que eu não quero que vancê me venha gumitar a cachaça na mesa do cômer. Cruzes! Peste arrenegada!

E funga que funga que nem gato, o desaventurado assoprou a candêia; e o negrume lá dentro e o negrume cá fóra — fez tudo da côr do senhor mestre...

De novo o Izidro bateu e rebateu com mais ganas, resmungando que nem sujeito mal-criado.

O Miguelinho, entonces, abriu a janellinha e perguntou:

— Quem é o christão que me piscura?

— Sou eu, o Izidro da tia Chica —

A módos que o outro nem desconfiou das intenções, pois sem espéras se ouviu o barulho da tramella e a porta se escancarou como uma bôcca negra que bocêja.

Mal, porém, o Miguelinho botou de fóra o cocorúto, e vae uma, e vae outra, e toma lambadas de pé atraz pelas fontes da testa, que o jogam estirado, sem um ai, na terra dura, n'um pantâno de sangue de metter mêdo.

E ainda o velho a malhal-o, como ás sócas na debulha, pelas pernas, pelos peitos, que a cabeça do coitado ja estava que nem uma lata de *Kroséne* depois d'uma dansa de boi e o miôlo se agarrava na caréca, como as tripas de um gato que se socou n'um pilão.

Só mesmo quando sentio os dois braços dormentes de canceira, foi que o Izidro largou o péste do Miguelinho entregue a balzabú, p'r'o levar, mais a alma desgraçada, p'r'as profundêzas dos infernos.

Sastificito com a licção que déra ao ráio do aleivôso que se gavara da filha, virava o velho a prôa no rumbro da casa delle, quando s'alembrou de que o safado, d'escárneo, carecia levar uma barrélla d'urinas na sangueira...

E voltou a verter aguas no defunto, cuja cabeça os dois bacôros já lambiam com delicias.

Mas a olhada no corpo do inimigo tanto lhe virou e revirou a sanha da vindicta, que topando ali perto uma gamélla com estrume — zás — a despejou até ao fundo em riba do caipóra.

— Toma lá, cão sujo arrenegado, que nem terra meréces que te coma. Peste!

A lua subia das bandas do mar, redonda e reluzindo como um tostão novinho em fôlha.

Os gallos, scismando que amanhecia, cantavam p'ra móde acordar as frangas dorminhocas, como é de usança entre elles.

Nem viv'alma na estrada; apenas os sapos, de cócoras, latejando a papêira, pasmavam p'r'a clareza que vinha de riba, com lumes báços nos bugálhos saltados e redondos como bagas de rozarios.

O silencio fazia uma tal chieira nos ouvidos, que até se pensava que a noite, d'avental de luar, frigisse petiscos p'r'o almôssô da manhã.

As mais das vêzes uma corrida do vento bulia nas arvores, derrubando as folhinhas enroladas em cartuxos e adonde as aranhas fizeram as casas dellas.

Ao meio do caminho o Izidro topou um vulto de mulher.

Quem era cambava daqui p'r'alli que nem arruinado das patóllas.

— E' a velha — scismou elle —. Já não vae mais p'r'o chiqueiro a bebedona.

E soltou a gusparada.

Ao depois:

— Ráios te partam, excomungada! Bichos te comam. Cruzes! Gente mais vil que jararáca.

A' vista da casa delle sentiu sustancias nos seus passos.

Agóra, ao se alebrar da filha, lhe attentava o entendimento que ninguem mais metteria a catãna na rapariga, que a móstra ficara d'escarmento aos aleivósos e linguarudos estuporados.

Muito de valha, sim, o que commettêra, pois não havéra de deixar um coré como aquelle, um bôcca suja, a se gavar sem págo da Constança, moça limpa e que não fastava o pé de junto d'almofada e não era nenhuma franga sem vergonha.

Gentes graúdas, doutras láias, tinha ella engeitado, como o filho do Maméde Zeferino, rapaz de bôa cabeça, que cortava a lingua com o Jacob'lemão e andava na cidade estudando p'ra medir terras.

Espalhavam eram alavéllas; e isto e aquillo, e coisas e loisas; mas tudo d'invéja, córja estuporada, por móde o passadío que a rapariga tivéra desde as fraldas.

Fôsse ella uma pobre de Christo como a Véva lavadeira, que deu o abôrto p'r'os bacôros, e ninguem lhe havéra de chuviscar ditos em riba.

— Amenhã quero ver as apparencias do povo — ia mastigando, ao entrar em casa.

Mas ao bater a cára na cosinha, topou com a Chica num alagoeiro de chôros, tão céga da vista, tão ceguinha, a coruja, que até nem botou reparos nas vestes do marido, com mais pingos de sangue que salpicos num ovo de perú.

O velho empacou d'encontro aquella choradeira, como um homem ao pé d'uma pinguélla que a cheia escangalhou.

— Que foi, que foi que assucedeu? — gritou elle, com a fala prêza nas guéllas, como embuchado com passóca.

— Uma desgraceira dos peccados, Izidro!

— Já sabes do feito?

— Eu t'amostro — carpia a velha, a piscurar nas prateleiras alguma coisa perdida. — Olha! continuava ella, assim que tu te botaste a caminhar, credita, eu m'alembrei do compadre Durvalinho e me arroudeou a cabeça umas scismas rúins. Entonces m'ajoelhei no quarto da Constança, a me pegar com a Nossa Senhora dos Afflictos, que me tinha batido uma tremedeira dos peccados. Crédo!

E vae, ao depois, voltei apressurada p'r'a varanda, a consolar a rapariga por móde d'uns suspiros que deu a pobresinha. Foi quando, Izidro da minh'alma, topei em riba da mesa este papelinho.

O velho, como um gato, pulou nas mãos da Chica, arregalando os olhos como um perdido da cabeça.

E o papelinho falava na bôcca destes dizeres:

Meu pae

Perdão, mais a mãe.

*E' a sina de cada um. Deixo-os,
para voltar depois, si aquelle
que me levá quizer reparar, pelo
casamento, todo o mal que me
fêz. A benção.*

Constança.

Izidro fincou a vista na parêde, 'bestrácto, com o sangue caminha que caminha p'r'a caixa da cabeça, e uma zóada nos ouvidos que nem chuva em riba de palhuço.

Mas de repente cahio no chão, a escumar, já roxo, que até parecia o compadre Durvalinho.

Um bafo de vento quebrou o lume da candêia, estirando um fiápo preto de fumaça, que ondejou e se perdeu na escuridade, adonde fuzilavam os dois olhos vêrdes do *Malhado*.

O luaceiro, lá fóra, era um leite de luz que o úbre apoiado da lua mungia em riba da terra, para a manença das plantas pequeninas.

II

No outro dia, quando a manhã trepou pelo céo arriba p'ra móde espiar melhor a terra, o filho do Manéco da Chica, o Nastacio, que ia a vender leite na cidade, topou com o Miguelinho num pantâno de imun-dicias, arrodado d'urubús como uma gallinha de pintinhos.

O Nastacio, entonces, n'uma tremedeira de caniço verde — pernas, p'ra que vos quero? — bateu p'ra casa do pae d'elle, a berrar tal e qual um terneiro desmammado.

A nóva — tira-que-tira — ligeirinha como as aguas da ribeira, parou a contar de porta em porta o assucedido, que nem que fôsse uma velha linguaruda.

Dahi uns instantinhos já os homens e as mulheres, que a familagem ficara em casa nas esteiras, embicavam p'r'a casa do defunto, cada qual a breganhar scismares a pique do contado, como no dia em que encalhou, na Lagôa, uma baleia — que era um nunca se vio de tão grandôna!

Miguelinho, a se falar a verdade, vivia fugidiço e no sitio ninguem lhe tinha bom querer, pois o diabo do infeliz, tirante os perdigôtos que enjuavam como estrume, era um filho arrenegado e carregava na cacunda a morte de dois homens.

Corria no povo que o triste, em noites de sexta-feira, virava num porco branco e ia lamber os côchos de melado ou chupar as têtas das pobres vaccas, mais uma cambada de lobis-homens.

A Gertrudes Curandeira, por muitas feitas, ao ver os dentes d'elle mais verdes que pedras d'agua e mais pinicados que moirões onde bateu o

cupim, benzia-se toda por móde do quebranto, a se alembiar, roidinha de desgostos, da *Vermelha*, pobre d'ella, que morrera tão sêcca, tão sequinha, que os urubús nem a quizeram para o pandúlho, pois Deus lhes deu foi hico p'ra furar e não dentuça p'ra roer óssos e galhos.

O irmão do defunto Durvalinho, esse, na noite do velório, ao sahir ao terreiro a verter aguas, topou com o ráio do excomungado — fússa-que-fússa n'um montão d'estêrco, com os olhos da cara que nem duas brásas e a botar, pelos ilhózes do focinho, crêdo! uma fumaça que ardia no cheiro e queimava na campainha das guélas como o cajú que se comeu ainda verde.

Ético de nascença, a tossir, sempre a tossir como um cachorro constipado, o Miguelinho era tão comido de carnes, tão comido, que até criava dó nos peitos das creaturas.

A cabeça, pellada que nem cação, que os cabellos queimaram-nos todinhos as fêbres das sezões, parecia uma bóla de botica espetada n'um cabo de vassoura!

Morava só com a mãe d'elle, a Damasia Bebedona, uma velha scismatica do juizo por móde da cachaça e a quem o triste malhava e remalhava como a cadella sem vergonha.

E nunca um christão bebeu com elle o mata-bicho, ou jogou as cálhas quando a tarde era d'agrado e o péste do vento sul não remexia a poeirama que embáça a vista e entúpe as ventas do nariz.

Mas naquelle dia o povolêu, não que tivesse dó do desgraçado, batia o pé p'ra casa delle, a ver si era de verdade a nóva que corria.

Pois bem sabido e sabidinho se contava que ninguem, mesmo com sangue de barata, fastava as unhas do gógó do estuporado.

Isto ia scismando dentro da cabeça, de hôa razão, o coronel Delcides da Trindade, a attender o máu acerto que o tirava, assim de manhãzinha, da sua roça, onde teimava elle, o obstinado, a caldeiar a terra rúim com pós de mocotó.

O coronel era um chefe politico de grande estimação, que dava remédios de *mópathia* e cantava nas missas de importancia vestido de balandráu.

Trazia de mamma as suas bôas apparencias e, tendo sido um bandão de vezes imperador do Divino, nunca se amostrava por isso suberbôso, nem pinicara, com debiques, a pobreza de Christo.

Era o mais ouvido e preguntado dos sabichões d'aquellas bandas, porque tirante o compadre Zé Carneiro — homem de grande entendimento em contas e de hôa cabeça p'ras historias — e o seu Maméde Zeferino — vendedor de fazendas no caminho das Três Pontes e Inspector de quartirão na beira de quinze annos — ninguem cortava letras mais bem cortadas nos papéis de pedido p'r'o governo, nem botava mais saber nos remédios p'ras sezões ou p'ras ligeiras que atizánam as tripas e deixam um pobre mais sumido que o dêdo mindinho do macaco.

E por estes e outros merecêres carregava um poder de votantes, todinhos agarrados nas suas costas desde os tempos da republica, que ainda o

coronel era homem de arranjar perdões d'impostos ou d'espantar os péstes dos meirinhos — que ás vezes batem no sitio como urubús ao cheiro da carniça.

No tempo da revolta, mal o Custodio e mais os homens dos navios arribaram nos Ratônes, ajuntou, o valerôso, compadres e amigos, e vae conselhos desta banda, e vae opiniões daquella outra, e foi como a buzina na práia á hora do peixe fresco.

E não houve taquary, nem bidóque, nem vára de porteira sem proveitos, pois mais havéra um homem de bater o trang'lomango que deixar, ao pé das unhas de qualquer lambiza ou maragáto, ás árcas e os engenhos.

Mas no rumbro do Miguelinho o coronel s'alembrou do Zé Carneiro, que a nóva quiçá, lhe não furasse ainda os buracos das orelhas e elle roncasse, a bom roncar, como era de usança na sua vida.

E de facto, mal se achegou da porta da cosinha do compadre, onde uma vacca esperava d'úbre chêio e a mascar, a péste, que nem velha desdentada, foi logo contando o assucedido, visto na casa ninguem haver cuidado no povo que passara...

— Pois si foi agóra, nestes momentinhos, que abri a porta e fiz o fôgo — informava a Maricas.

— Nem a comadre scisma o poder de povo que passou.

— Crédo! E não se sabe quem foi o malfazejo? — indagou ella, a se benzer.

— Scismo que não — arrespondeu o coronel, a lascár fôgo do isqueiro.

— Deus que me perdõe, compadre, se alevanto falsos! Até de m'alembrear, ave Maria! me vem um abalamento nas guélas. Vae ver que foi a mãe que matou o defunto Miguelinho, á traição!

Aquillo é bruxa que tem fol'go de chupar os innocentes, quanto mais de dar cabo d'um arrenegado que ajudiava d'ella.

— Apois que não, comadre.

Mas sem amostrar que botara tento nestas falas, o coronel topou nas ditas um rastro d'opinião e, s'alevantando, a agradecer o cafézinho que a Maricas lhe trouxerá, quente e a convidar, gritou p'r'os fundos da alcóva cnde o Zé Carneiro, gême que gême, tentava enfiar nos borzeguins os pés inchados da dormida.

— Ande d'ahi, compadre, ande d'ahi, que podem remexer no cadaver do assassinado.

— Fique de certêza, compadre, que foi a velha, aquella péste, por móde as lambadas que levava! — obstinava-se a Maricas, dando a tigéla do aparado ao Manéquinho, que, de camisa em riba do umbigo, o semvergonha, choramingava, a coçar as pélles da barriga impazinada de bichas e ásperas de brotoêjas.

Quando os dois amigos sahiram para a estrada, já o sol esfregava a barbalheira de fôgo em riba das arvores e um ar de vento sul, ligeirinho e frio, pinicava o rôsto e bulía nas folhas, trazendo na plumagem um cheiro bom de bergamótas maduras.

Era no mez de Julho e caminhava tão fermôso o tempo, tão fermôso, que o céu, sempre azul e enfeitado com as rendas brancas das nuvens, parecia a capa nova de nossa Senhora da Conceição.

Vinha ainda mais povo p'r'as bandas da Carvoeira.

Eram as derradeiras pessoas que moravam na beira do Sacco e se botavam a caminhar, desde que souberam da nóva.

Ao encostarem parêlha á casa de velho Izidro, o coronel e o Zé Carneiro ouviram lá dentro chorar a Chica; e fallares de mulheres em cochichos, e barulhos de passos apressurados da sala para a varanda.

— Gentes! murmurinou o Zé Carneiro.

Entônces o coronel, a saber do que houvêra, bateu na mêia-porta.

Um cachorro, o *Leão*, pulando de riba da marquezia ladrou, o desavergonhado, com os pellos do lombo em pé e os vidros dos dois olhos a luzirem, que nem si tivesse uma candêia por dentro de cada um.

— Acomoda-te, excomungado! — gritou a Chica, dando-lhe com a chinélla uma lambada de mestra no fôcinho.

O *Leão*, ganindo, fugio p'r'os fundos da varanda, com a cóla grudada no trazeiro e a chupar, de mêdo, as pëlles das costéllas cheias de gafeira.

— Que hai, comadre Chica? — perguntou o coronel.

— Ai! minha Nossa Senhora dos Afflictos! Nem lhe falo, compadre! Crédo! Uma cousa rúim que deu hontem no Izidro! A móde que foi um ataque de cabeça, que o pobre de Christo empeçou a ficar rôxinho, rôxinho, e, ao depois, gumitou pela bôcca uma sangueira, tanta, tanta que deixou a cama n'um pantâno. E tudo por móde da Constança, compadre, que desgarrou p'r'a cidade com o péste do Mestre-régio, que attentou a rapariga com falinhas e promessas.

— A Constança? louvado! Quem diria, comadre Chica!

— Pois que foi. Nem quero me alembrar!

E os dois amigos repararam o fêio feito da rapariga, que assim sujava as barbas do Izidro, homem de honra e de vergonha.

— E o Izidro? vae melhor? — indagou o Zé Carneiro.

Que sim. A Chica, com a cara n'um alagôeiro de lagrimas, contou que a Gertrudes, mulher de boa sabença e de entendimentos como um doutor, já déra de beber ao infeliz um caldinho de cannos de gallinha com bagos de mamôna, e o benzêra sete vezes com arruda, pois o pobre o que tinha era muito máo olhado por móde o passadio e a vida abastóza que levava.

— Já sabes? o Miguelinho! mataram elle! — contou o coronel.

A Chica não soubêra desta ruindade, que todo o tempo fôra curtinho, bem curtinho, p'r'a carpir as consumições dos seus peccados, vindas assim, sem que ella s'aprecatasse, mais a disfeita da Constança.

E afundando a cara no avental, a velha soltou os chôros novamente, aos tempos que a filha da Bicóta, viúva do Durvalinho, batia-lhe nas costas, a 'conselhar.

— Assossêga-te, mulher! Não faças espantos, crédo! O Izidro amenhã, si Deus quizer, já póde sahir p'r'as suas obrigações.

— Bem, comadre. Se percizar mande lá em casa, que é de gosto. Até logo, si Deus quizer, que não entramos por móde a pressa que nos leva. Da Constança eu vou falar ao compadre Maméde Zeferino.

E já largando os passos: — Estimo as melhoras do Izidro.

Agora o sól lavava a pótes a estrada, deixando-a molhadinha de luz como os enxurros das chuvadas do inverno — que derrubam as cêrcas e dissóram a mandióca.

Sem ouvidos á róda p'r'a saberem das conversas, os dois homens, entônces começaram a falar do Miguelinho.

E foi o Zé Carneiro, pessôa de bôa cabeça, que memorou a desgraça do boi na vara, carregada por muita gente a escuidos do defunto Antonio Juca, mas que elle, Zé Carneiro, attentava em maldades do Miguelinho.

— Agóra, compadre! — recusava o coronel.

— Cant'eu estou que sim — arengava o outro. Aquillo era creatura de ruindades, pois que não foi p'ra bôa cousa que Deus Nosso Senhor o marcou naquelles geitos.

E Zé Carneiro, obstinado, jurava que fôra por maldades, que fôra por vindictas das más opiniões do povo á roda da vida d'elle, que o Miguelinho puíra a corda do boi-na-vára e fizéa aquella desventura — como igual nunca se contou em terras da Trindade.

Dois homens e quatro mulheres, carregadinhos de familia, com as tripas p'r'a fóra da barriga, os pobres, como rolos de linguiça cahindo de samburás!

Tirantes os desaventurados que as chifradas pegaram em riba da cama, e os estragos nas roças, e os estragos nas cêrcas, que foi como si por alli cruzassem os ráios dos ciganos e mais a sua fome arrenegada.

— E olhe uma cousa, compadre — continuava o Zé Carneiro — o Miguelinho nem teve um dito de pena; e era só que a desgraça chegara p'r'a castigo do povo, que atizanova, d'agrado, o pobre do animal.

Era já passante das dez horas qando elles vararam a cancélla do Miguelinho.

E foi um caro custo, santo Deus, passar través o povoléu, abafado em roda do defunto, topetando o terreiro, vasando p'ra fóra das pitangueiras do cercado, que era mesmo como nas festas do Divino, quando o Juca leiloeiro abre as guélas amostrando as prendas ou as massas doces — que cheiram melhor que o incenso das novenas.

Estirado, de papo para o ar, lá estava o Miguelinho, com os buracos dos olhos que nem cóvas e os beiços da bôcca já pinicados pelos urubús.

Um bandão de formigas, das vermelhas, ia e vinha pela cabeça tirante a barro sujo, corria na terra em duas fileirinhas, uma para cá e outra para lá, conversava uns instantinhos e, ao depois, se sumia adeante, no meio das folhagens, debaixo das laranjeiras.

Môscas verdes, dessas que sujam varejo na picada, as péstes, tapavam-lhe as orêlhas, brigando umas com as outras por móde do logar.

A's vezes maribondos vinham vindo, vinham vindo, com as pernas em cácho, e pouzavam na bôcca escancarada do cadaver, arrodêando daqui, mexendo as barbas d'alli, desenquiétos, os raios dos malvados, como se houvéra quem os quizesse segurar.

Já um enxume, que principiava de rôxo nas unhas e azulava no can-góte, ia enchendo, ia enchendo as pernas das calças do Miguelinho, abrindo mais nos pés as grêtas das frieiras, que aguavam como troncos ao depois da chuva.

E o christão que se achegasse rente a elle, crédo! nem podia direito suspirar, pois sahia do morto uma catinga d'azedo e d'estrume velho, que enjuava no cheiro e fazia na campainha das guélas engrulhos p'ra grumitar.

Num canto da casa, picando fumo em rôlo, o Jóca Serrano conversava, a contar umas historias das bandas delle, o próza, de dois defuntos que amanhecera na estrada, no "passo" do Caveiras, tendo um delles a cabeça tão socada, barbaridade! que até nem se sabia quem era o infeliz!

E deixa que o malvado do assassino, andava tudavida nos olhos do povo, fala a um, escuita a outro, ajudando a carregar os dois defuntos, porque um, moço viageiro do Rio Grande, era mesmo amigo delle.

— Mas campêia daqu', — falava elle — bascúia dalli, e o bicho foi logo de verêda pealádo. Era o Brocatinho, justado com o irmão, um doutor italiano, o malvado do assassino. Matára os homens p'ra roubar.

E o Jóca Serrano — amostrando com a mão o povo todo á róda, jurava que si elle fôsse "vaqueano naquelles mattos, havia de garrar o criminoso pela cóla", pois talvez o bandido andasse ali a farejar, como um graxain, o cheiro do cadaver.

— Me representa que o miseravel é crioulo destes rincões e tem que-rencia bem rentinho de nós — assuntava para um velho d'olhos de boi manso e que, de quando em quando, coçava e recoçava o pescoço resequi-do e mais cheio de grêtas que a casca da aroeira.

Entonces o Zé Carneiro, que escuitara de longe esses dizêres e era homem entendido, nos raciocinios do miôlo, s'achegou ao pé do Jóca Serrano a se pôr cêrto áquellas falas de juizo.

— Mas credite, compadre Jóca, que mal o desgraçado botar os pés maldictos no terreiro, tão verdade como viver o Nosso Pae no céu, o Miguelinho hai de gumitar as sóbras da sangueira que tem nos bófes.

— Bótem elle de bôrco! — berrou o velho d'olhos de boi manso — Bótem elle de bôrco, que eu amostro como o malvado se achega num instantinho.

E já os dois filhos de Manoel Albino pegavam no defunto, quando o coronel, que vinha do grupo adonde o Alvico da Gertrudes arresmun-gava por móde o descazo da velha, falou que não fizessem aquillo, que deixassem o homem p'ra policia bulir, pois era prohibido cotucar defun-tos antes do Delegado.

Mas o tempo ia passando, apressurado, na garúpa do sól, como si fôsse tirar o pae da fôrca.

Uma a uma as mulheres bateram p'r'as suas casas, a perparar o comer, que as familias, coitadinhas, já deviam estar com as tripas numa ronqueira de gastura.

O sól queimava; fazia tanto calor como nas zinas do verão.

Por móde disso, entônces, o povo s'abrigou á sombra dos cafezeiros, a pitar, nas folgas das conversas.

Bem no céu, arrodendo como a pedir vento sul, um bandão d'urúbús avôejava, tarando o Miguelinho cá em baixo e mais aquelles que o velavam.

Para adeante, n'um logarzinho verde de pasto, por entre os ramos dos cafezeiros, avistava-se uma vacca vermelha deitada sobre as unhas, remoendo, remoendo, com dois vira-bóstas escanchados em riba da canda.

E de quando em quê, não se sabia donde, uma corruíra pirrichichava, como um ráio da cidade que estivesse a inticar, escondido entre as folhagens.

— Vancê vio o Maméde Zeferino, compadre? — intentou o coronel ao Zé Carneiro. — Que diabo, homem! como é que elle até agora não veio cuidar d'um caso como este!

— Não lhe botei desd'hontem os olhos em riba. Vi foi a velha, que lá está a roncar no chão da cosinha, mais a gata.

E reparando na mão do amigo:

— Que páo é esse que é mesmo como um alevadoiro de engenhoca?

— E' p'ra entregar a policia, que o topei ali debaixo e ainda está sujo de sangue e de miôlo. Foi com elle que mataram o Miguelinho.

Já um bandão de gente se achegara e o Candinho Reculúta, que vendia puxa-puxa nos domingos e fôra soldado no tempo da revolta, botava a bôcca no mundo, a jurar que na véspera, na bôquinha da noite, vira a velha carregando aquelle páu p'ra móde se aguentar na bebedeira.

O coronel, naquellas falas, trancou a physionomia, a se alebrar dos dizeres da Maricas, logo de manhã cêdo.

Entônces chamando de banda o Zé Carneiro, cochichou com elle uns instantinhos; e o povo abrio a bôcca ao avistar os dois vararem a porta do Miguelinho.

— Hum! aqui hai rabo de malvado! disse p'r'ós outros o Candinho Reculúta.

E se querendo fazer de sabichão, saiu a bafejar, aqui e alli, que topara o assassino; que não fôra, pois senão a velha, bruxa excommungada, que déra cabo do filho p'ra livrar o lombo das lambadas e ter de noite, sem reparos, os innocentes p'r'a chupar.

— Bichos a comam, estuporada dos infernos! — gritava o velho d'olhos de boi manso. — Mesmo que o Miguelinho fôsse um filho arre-

negado, um péste que tinha na cacunda duas mortes, carregara elle na barriga nove mezes e lhe déra o leite dos seus peitos.

Uma vóz, porém, sahio da manta d'homens á beira da cancella, a dizer que fôra muito bem feito o escarmento no falador, lobis-homem desgraçado que botara quebranto nas ninhadas e matára, só com os olhos, a vacca da Gertrudes.

Mas o Manoel Balbino, que até aquella hora só abrira a bôcca nos "bons dias", protestou, coçando a cabeça por baixo do chapéu:

— Não é bom p'ra Deus falar dos mortos, nem s'alevantar falsos testemunhos. Crédo! A velha é uma pobre de Christo que não faz mal a ninguem e toma por móde s'esquecer das consumições da triste vida.

O Alvico da Gertrudes já déra p'r'o lado a gusparada e ia desmentir o Manoel Balbino, quando o coronel, o Zé Carneiro e mais a Damasia-Bebedona appareceram na porta, todos três.

A velha, branca que nem cal, tinha a cara de gente do outro mundo, que assim só a filha do Izidoro da tafôna, a come-barro, que déra conta da parêde do quarto d'ella e penava agóra na Santa Casa.

Na claridade do sól fechou os olhos, sacudindo a cabeça d'um lado para outro, tal si o capenga do sachristão lhe tinisse a campainha da missa nos fundos do miôlo.

— Bamos, bamos tia Damasia — convidava o Zé Carneiro. — Bamos ver o Miguelinho.

Borbulhos de conversas ferveram no povo.

Nuns instantinhos um poder de gente se achegou, tapando os passos, os de trás nas pontinhas dos pés por móde ver a velha.

— Deixem caminho — dizia o coronel. Deixem caminho, homens de Deus! Caréce levar ella p'ra junto do cadaver.

Mas, nesses tempos, um homem que ficara junto ao Miguelinho e, que, sem querer, o coitado, tropicou e cahio em riba da barriga do defunto, gritou n'uma fala de susto:

— Olhem! o Miguelinho! está botando a sangueira pela bôcca!

Ao ouvir o dito do sugeito o povo teve um estremeção; e correu, sem pôr tento nos rumbros, empurra d'aqui, vára d'alli, que era mesmo como a cambulhada dos doceiros sem plaquinhas quando avistam o ráio do Fiscal.

De fôra do cercado o Candinho Reculúta, escumando, gritava, como um perdido da cabeça:

— Foi a velha, foi a péste que deu cabo do Miguelinho. Foi a bruxa excomungada!

Um torrão de barro bateu em riba, no portal; desmanchou-se, a respingar p'r'os lados, manchando de vermelho o azul claro da pintura.

Com a azôada que o povo fez, a velha abriu os olhos, mais vermelhos que pitangas e baldos de pestanas.

E ficou-se a olhar, a olhar, com a cara de quem quer rir, babando que nem tálho de mamão.

Ao depois, amostrando as gengivas, raladas como pedras de lavar, cantou na sua vóz que alembrava um doente de cachumbas:

“Saracura do pantâno”,
 “Quando chóca é todo o anno.”

Já o sól cambava p’r’as bandas da cidade, dobrando o morro do Antão, e os sapos, inchando a papeira, os suberbozos, contavam as historias dos bréjos, quando o raio do *tomovel*, o *come-leguas*, bufando como um boi na vara, parou na porteira do Miguelinho.

Uma fumaça de *krozéne* que o diabo botava do trazeiro, defumou o ambiente, que havia uma catinga que empéstava como os bérnes d’um cachorro.

Eram cinco as autoridades da cidade, com a policia de somma, o excomungado, que mal s’apeiou da boléia: — já queria saber adonde estava o criminoso p’ra móde elle marcar a lambadas de facão.

Primeiro foi o doutor, um moço mofininho de carnes e com os cabellos tirantes a barba de milho, que se achegou ao pé do Miguelinho, a tapar o cheiro com um lenço de sêda branca.

Môscas e mais môscas, num zunidoiro dos infernos, alevantaram os vôos de riba do cadaver, que era assim como se estivessem n’uma gamella de frissuras.

Ao depois, foi o delegado, homem alto e barrigudo, que vêio e bateu com a bengala na parêde.

— Arre! como deixaram este póbre!

— Coisas d’esses homens do sitio — arrespondeu o doutor.

E mal acabaram os dois esses dizeres, e já se foram para dentro da casa do Miguelinho, que o Maméde Zeferino, agora azafamado, perguntava si o escrivão podia principiari a *otópsia* do cadaver.

Entónces vêio um magricélla com cara de cachorro que lambeu sabão, e róda que róda um caninho de vidro, e camba d’aqui uma caixa de tres pés, e méte lá dentro a cabeça cabelluda, como si piscurasse alguma cousa, a tapar o cangóte com um pano preto a módos de cápa de viuva.

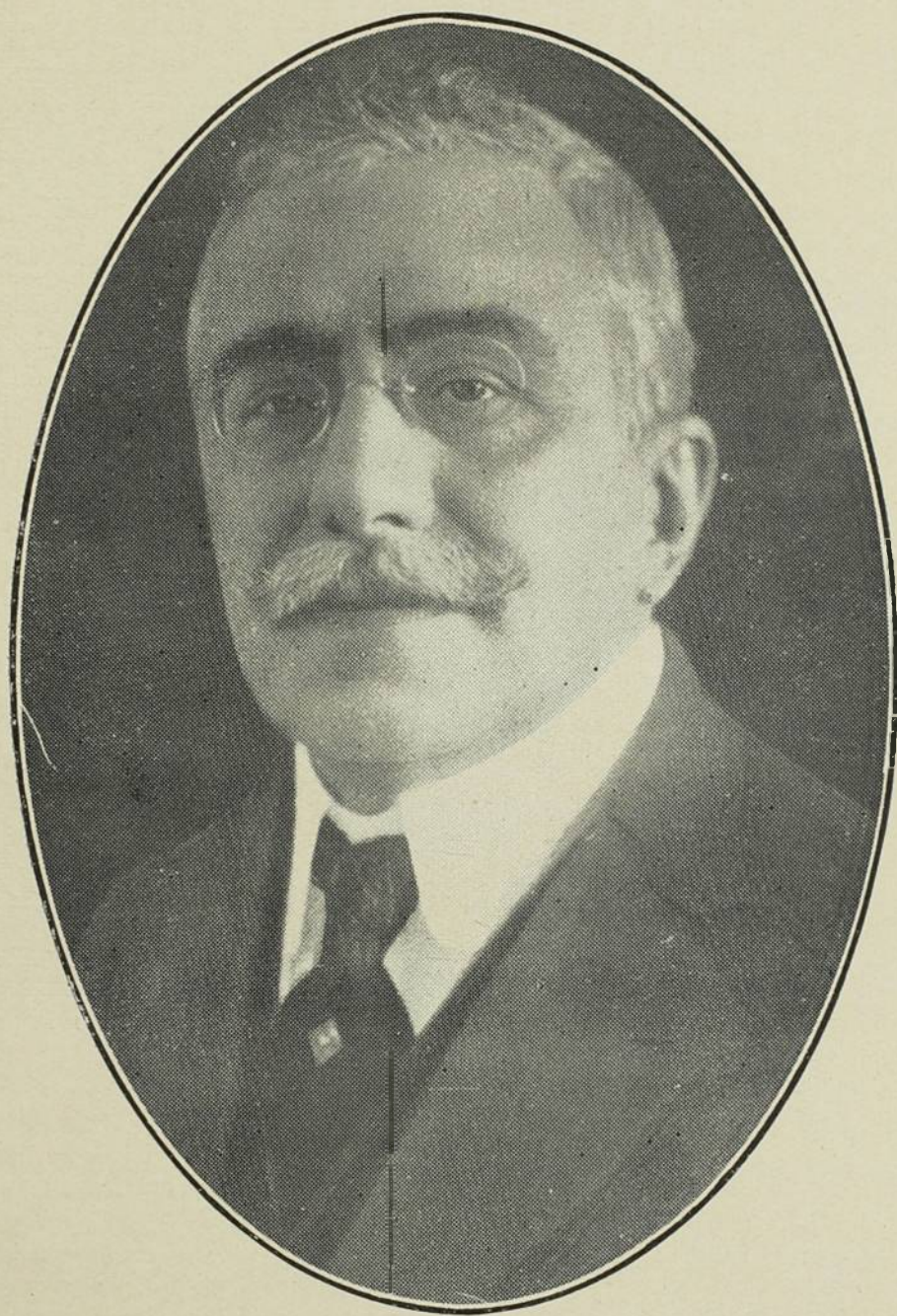
E vae, ao depois, o obstinado, e apérta com força uma xiringuinha de borracha, que nem si dêsse um clisté no ráio da combúca.

— Prompto! — disse elle ao péste do policia. Já está o defunto aqui na chápa.

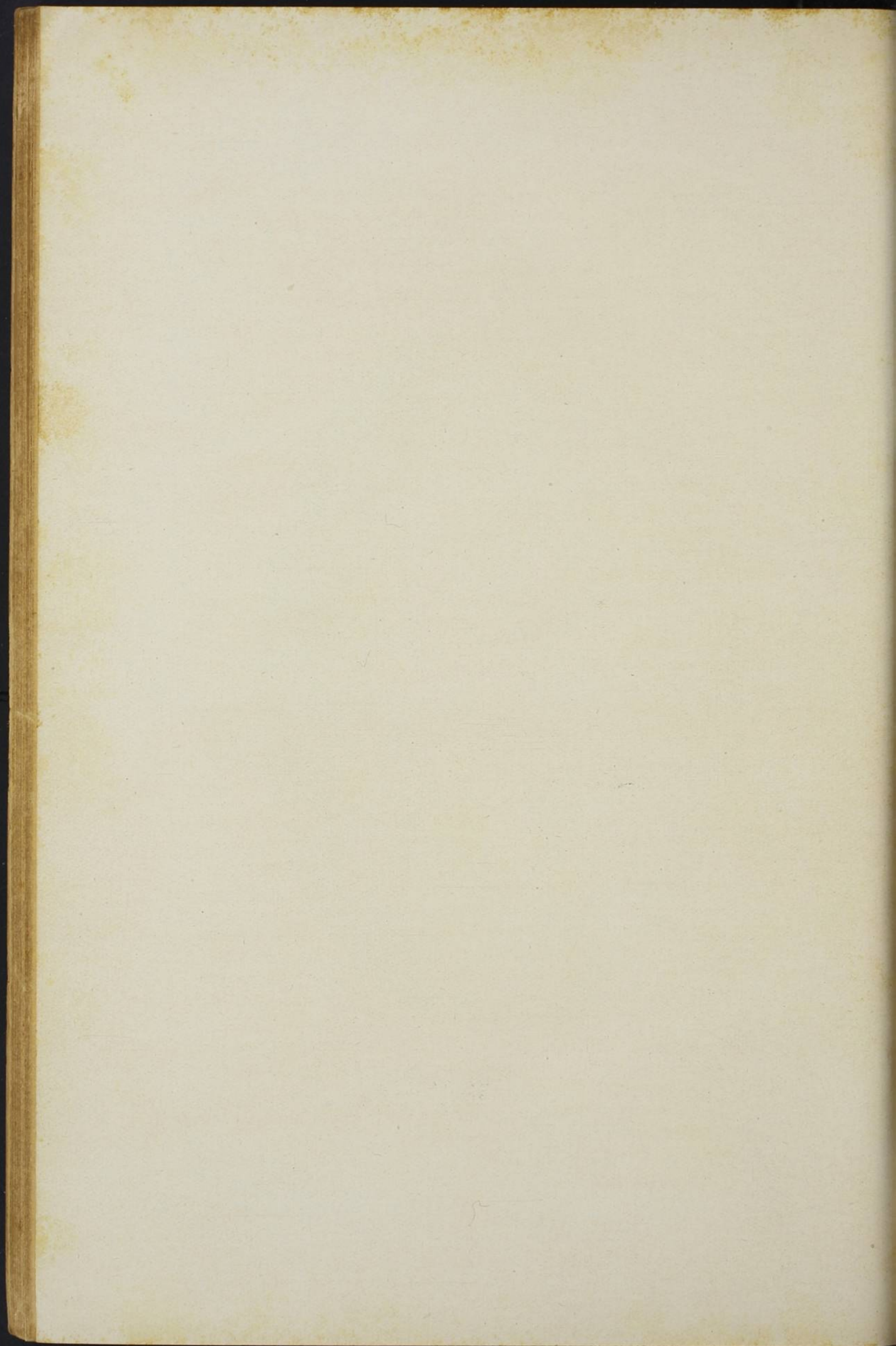
Mas o povo ouvindo os faláres altos do delegado, correu todo de novo p’r’a beira da casa, a espiar p’ra dentro como em noites de terço.

Estavam indagando o feito da Damasia, a plantar o vêrde p’ra colher o maduro, conversas d’aqui e aripucas d’ali, tal o triste do Inspector quando vem na escóla atizarar as póbres das creanças.

GALERIA DOS EDITADOS



MEDEIROS E ALBUQUERQUE
autor de *Fim*.



Agachada no chão, a olhar as unhas mais roídas que buracos de ratos, habando como um boi, a Damasia, dura da cabeça, apenas murmurinhava o seu dizer de todos os dias:

*"Saracura do pantâno",
"Quando chóca é todo o anno."*

E foi devalde que o doutor, e ao depois o Coronel, e até o Zé Carneiro, lhe malharam e remalharam no bestunto, amostrando-lhe o alevadoiro, com promessas de que mal não lhe faziam si ella confessasse.

Mais de valha, porém, fôra cortar a velha no pescôço, como era de módos nos tempos da revolta, que ella estava mais trancada que o bahú do Jorge Turco ou a cabeça d'um póbne desattendido.

Não havia com que a fazer gumitar p'r'ali, o feito rúim das suas mãos, pois mais havéra um triste de soffrer sendo innocente, que a bruxa ir, pelos seus pés ás grádes da cadêia.

Já o Miguelinho, dentro do caixão que chegára da cidade, era levado p'r'os sete palmos, e ainda ella, sem nada no bucho, s'obstinava a mirar as unhas e a dizer o seu canto de todos os dias.

Na bôquinha da noite, malhados de tantos indagamentos, sem nada saberem a fóra o dito da saracura, o delegado, o escrivão e o ráio do policia embarcaram de novo no automovel — que o doutor e o homem da combuca já haviam batido p'r'a cidade — enquanto o coronel mandava a velha p'r'a casa delle.

Não fôra a Damasia Bebedona, no entendimento do Delegado, o maldôso que fizêra o Miguelinho embirar para o outro-mundo.

Nem era de valía p'r'a Justiça atizamar a velha, uma póbne maluca da cabeça, perdida da cacháça, que nem sangue tinha p'ra matar uma barata.

— P'ra que prender uma innocente? Tenha a velha por esmóla em sua casa, coronel — falava o Delegado. Eu vou me interessar, na cidade, para a recolher ao Asylo. Até outro dia.

— Até outro dia, si Deus quizer.

O automovel deu tres búfos, ringio nas engrenagens, botou uma fumaça catinguenta do trazeiro, pulou em riba d'uma pédra e largou a dis-parada, o maluquento, corcoveando que nem cavallo picado de motúca.

— Heim, compadre! — fez o Zé Carneiro. Não foi a velha! Entonces aquella sangueira que o Miguelinho gumitou, gentes, mal ella botou os pés no barro do terreiro, não vale nada?

— Homem! São historias das leis novas. O Delegado falou que faltam indicios, próvas, e coisas e loisas. Para mim é preguiça por móde a trabalheira do inquérito.

— São todos uma cambada — rematou o Zé Carneiro, lascando fogo do isqueiro. Mais próvas que a morte do caipóra?

Autoridade tambem, mas sem querer desagradar os dois amigos, Maméde Zeferino trancou as falas e não foi por este nem por aquelle.

— Sabe o que mais? Nem pága a pena a gente se consumir! O Miguelinho era rúim. Mas era um vivente de Christo e está da cóva a pedir o págo p'r'o malvado que o matou. Caréce agora é que a velha não me arrenégue em casa muito tempo.

— Crédo! — exclamou o Zé Carneiro a se benzer.

E os três homens, em pássos de procissão, sahiram do terreiro do Miguelinho.

No céu as primeiras estrellas abriam os olhos de prata.

E um cheiro de matto caminhava nos ares, demorava-se uns instantinhos e, ao depois, se sumia, para deixar apenas o perfume côr de oiro das laranjas maduras.

III

Um dia passou, léva que léva, ligeirinho, como quem vae de atrázo p'r'a novêna; e vieram outros, com chuueiros e vento sul, e o Miguelinho nem teve falas de lembranças nem missas por alma delle.

A velha, essa, que o coronel tinha ganas de vél-a pelas cóstas, lá se foi para o Asylo, a curtir a falta da cacháça.

E ninguem mais no sitio cuidou do assucedido.

Mas n'um sabbado, tendo fechado a venda por móde os ráios das posturas, o Manoel Balbino, que dava o mata-bicho á custa das patácas que tirara na cabra, s'alembrou do negregado.

E foi entoncez que falou das suas scismas acêrca d'um mascate, um gringo de más feições, que elle topara a resmungar prágas e debiques p'r'o Miguelinho, que a tarde inteira pechinchara dois côvados de baêta.

— Mas foi ou não foi a Damasia Bebedona? — intentou o Alvico da Gertrudes, alimpando com a mão a bôcca molhada do tráguinho.

— Nem vélha nem pêra vélha, coitadinha, que aquillo não é vivente p'ra matar uma creatura — informou o Manoel Balbino. P'ra mim só foi o excomungado do Mascáte, já corrido d'outras bandas por móde as linguças de gente que fazia, como escutei da bôcca do compadre Maméde Zeferino.

— É a sangueira que o defunto gumitou ao ver a velha no terreiro, que era mesmo como a xiringa quando s'aperta no saquinho?

Deante desta pergunta que só o coronel podia arresponder, o Manoel Balbino trancou os beiços e mexeu os hombros.

Mas o Quincas Barnabé, que era Méstre régio aposentado, atirou que, p'ra elle, haviam sido os “figados do coitado que rebentaram por móde a quentura do sól e o pêzo dos estrumes.”

— Que malvadêza como aquella ninguem hai de fazer outra! Crédo! — ajuntava elle, a se benzer com a mão esquerda.

— Olhem vancês — intrometteu-se o João Xandóca, homem de pós-ses e dono dos chiqueiros mais gordos da Trindade. Olhem uma cousa, A gente deve dar o perdão aos que morreram. Mas o Miguelinho, Ave

Maria, era homem de máus intimos! Alembam-se do dito da Constança? A fujona, verdade se diga a custa da cabeça, não era nenhuma santinha de páu ôco, tanto que resvalou com o tinhôso do professor e a estas horas deve estar se regalando na cidade. Môça do Miguelinho é que não era, pois aquillo nunca foi homem p'ra girar a cabeça d'uma sôberba, que nem bôcca tinha p'r'os bons dias.

E ao depois de beber um trágo:

— Aquelle dito era mesmo de ruindade.

— Afóra a lambança dos três cruzados e os maus olhares que elle tinha — ajuntou das bandas o Quincas Barnabé. Que estes olhos, que a terra hai de comer, nunca viram cousa mais piór.

Mas o Zé Cardôzo, que attendêra bem o dito de Manoel Balbino, depois de alimpar na manga do casaco a bigodeira, berrou para os que o ouviam:

— Pois fiquem sabendo da minha opinião. Quem deu cabo do Miguelinho foi o péste do mascáte, creditem, e não outro malfazêjo. Aqui no sitio não véve gente capaz d'uma ruindade daquella. Alembam-se vancês de quando o Miguelinho esteve co' as sezões? Não foi o povo que o cuidou?

Entonces o Candinho Reculúta, que desde os principios das conversas somente envergara o braço, soltou que fôra a velha, e que nem que o defunto do pae d'elle viesse arrenegal-o com ditos ao contrario, deixava de jurar as suas scismas.

— O que foi é que a Damasia Bebedona tem a capa dos graúdos da cidade, que já andam, os urubús, a farejar a casa e mais o sumido do terreiro.

— Appróvo eu os teus dizeres, aggregou o João Xandóca. Nem é de duvidar que os unhas de fome estuporados, ao pé d'umas patácas, topem sempre razões p'ra se desquitar de maçadas e deveres. Vancês estão alembados da Custodia?

— A mulher de João Camillo? — indagou o Zé Cardôzo.

— Ella mesmo. Pois nem um pingo das heranças a triste vio, que as rôças do finado, e mais as inconomias, nem chegaram para o ráio da Justiça. E foi tudo em cómes e bébes! E ao depois ainda ella, a coitada, nem cóbres teve p'ra págar ao Maméde Zeferino a mortalha que o marido levou p'r'o cêmitério.

Uma catanga pinicante de cigarro, que se caldêava aos cheiros do asucar nêgro e da bolácha dôce, andava nos áres como um vagabundo: sem nada o que fazer.

As mais das vêzes, porém, se respirava a fortidão da cacháça, que era mesmo como na beira do alambique do Cantidio Rosa, na Lagôa.

Do lampeão, pregado n'um páu da grade azul que defendia a barrilha do mata-bicho e bem ao pé do chifre prêto que dá os bons negocios, uma tira de fôgo, que esfumava o vidro, ia subindo, ia subindo até

se esparramar no fôrro baixo, redemoinhando n'um fervido de maribondos que tiveram a canzóla desmanchada.

Já a misturar a vista que nem o ráio d'um mirólho, o Zé Cardôzo, quebrantado e requebrantado d'aquellas falas, agalchou-se a um canto, com a gaita em riba do jôelho, a tocar o *Maçanico*.

E foi o Candinho Reculúta que de primeiro abrio as guélas, tirando a cantiga por móde inticar com o Alvico da Gertrudes.

Oh! Alvico! vancê disse
Que é senhor p'ra me embrulhar?
Pois as táboas que tem no fôrro,
Quero vêr vancê contar.

O outro, pinicado, pelo dito do Candinho e mais as gaitadas dos ouvintes, arrespondeu, n'um báfo de fumáça:

Vá s'embóra, reculúta,
Não s'entúfe a sabichão,
Que eu não sei de porco velho,
Avexádo por leitão.

Entrementes o Candinho se achegou ao pé do cantador.

E todo proza, revirando os olhos para o Manoel Balbino, que alinhava de novo em riba do balcão os cópinhos da branquinha, bateu os beiços:

Sae d'aqui seu frango d'agua,
Toma lá minha resposta:
Do boi nunca tive mêdo,
Quanto mais da triste hósta.

— Arre! gritou a rir o Zé Cardôzo, apertando com mais força o fóle da gaita.

Houve naquelles momentos umas cruzas d'opiniões.

Entônces o Alvico da Gertrudes, perdido da cabeça com a viltança, levou a mão atrás e cantou uma biana nas fússas do Candinho.

E os dois gudunharam-se ás véras, que nem cachôrro por móde um mocotó.

Com pouco, porém, o Manoel Balbino, ajudado pelo Zé Cardôzo e o João Xandóca, desapartaram os brigadores, "que allí era casa de familia e todos deviam arrespeitar."

Mas do meio dos braços do João Xandóca, escumando de ganas, o Candinho Reculúta jurava, pelo leite que mammára nos peitos da mãe delle, como havia de tirar desfórra grossa, pois não havéra de deixar sem págo a bofetada que levara.

— Que venhas que eu t'amostro, seu ráio excomungado! — berrava o outro, com os olhos que nem pitangas de vermelhos.

A noite ia caminhando, bate que bate no relógio, sem parar, como quem vai á casa do vigário ou da parteira.

A luz do lampeão, baldia de *krozéne*, quasi não alumia a cara das pessoas.

Um cheiro de fumaça cossegava nas guélas, sujando de pretúme as ventas do nariz.

Ainda o Zé Cardôzo virou mais um traguinho por móde da friagem que intanguia na rua.

Um gato miou atrás d'uma barrica, amolando as unhas na madeira.

No silencio que se abriu, como uma caixa vazia, percebia-se, longe, um terneiro berrando, ao par do barulho do vento nas folhagens.

O Manoel Balbino, com medo d'algum repique, prendeu na venda o Alvico da Gertrudes; entanto o Zé Cardôzo e o Quincas Barnabé, que moravam p'ras mesmas bandas, carregavam o azôinado do Candinho.

Na rua fazia um frio d'empedrecer as juntas e gerar tósses e reumatismos.

Com pareenças de mais alto, muito nêgro e muito largo o céu fais-cava d'estrelinhas, que era mesmo como um fôrro de velludo com cagalúmes dependurados.

Por móde o traçoero do sêreno, que incha as tripas e resfria os bófes, os três bateram os 'pés n'um cento e vinte papa léguas.

Caminhavam sem falas, tira que tira, enjuados de canninha e a resmoer as scismas da cabêça.

Só o Candinho Reculúta ia pitando, por móde s'esquecer da disfeita que o avexava e mais o ardume que esquentava a cara delle.

Mas tão verdade, tão verdade como ser elle o filho do finado Anicéto da Carvoeira, havia descarmentar o estupor da Gertrudes, que bem cêdo saberia o gôsto dos sete palmos.

Agóra passavam em frente a morada do Izidro, toda de bôa telha, com janéllinhas azues e cêrcas de pitangueiras nas duas bandas e adonde cantavam, em dias de sôl quente, canarios e gaturamos.

Lá dentro, que seria? ainda não se assôprara o lampeão, pois se avistava luz pelas fisgas da porta e mesmo pelos vidros da janella ao lado, a que dava p'r'o laranjal e tinha caixas de magiricão nos peitoris.

— Crédo! — exclamou o Zé Cardôzo, parando. Quere ver que o Izidro está pior?

— Coitado delle, que aquillo era homem de vergonha e a disfeita da filha foi mesmo p'ra dar cabo dos dias d'um vivente.

— Bamos lá? convidou o Zé Cardôzo.

— Eu que não vou. — foi logo dizendo o Candinho Reculúta. Que não quero topar com aquella bruáca da Gertrudes.

— Pois entoncos até amenhã, si Deus quizer.

E os dois se foram p'ra casa do doente.

— O compadre Izidro? — foi logo de chegada perguntando o Zé Cardôzo p'r'azafamada da Gertrudes, que viéra abrir a porta, a caminhar na pontinha dos pés.

— Ruinzinho, bem ruinzinho. Estou que nem pássa desta noite. Deu uma somneira no coitado, que até parece a morte que vae chegando. Entrem, entrem que está um frio de matar as bananeiras.

Na varanda, assentada num banquinho, a Chica chorava a carpir aquella sina rúin da vida della.

Em róda algumas comadres, de cháles na cabeça, n'um silencio de velório, assuspiravam, a passar de vez em quando o lenço no nariz por móde enxugar as aguas da friagem.

Da cosinha chegava um chiádo alégre de chaleira a ferver e a referver; mas o tic-tac do relógio, cruces! era assim como uma têsoura a cortar fazenda p'ra mortalha.

Um sabiá, pula que pula nos poleiros, gragolhejava, espantado com a luzama.

Ao avistar o Zé Cardôzo, a Chica desandou na choradeira, enquanto elle ia dizendo, para acalental-a:

— Deixe disso, comadre Chica. Não s'amofine tanto, que até póde ficar murchinha do juizo com essas consumições.

— Não que me precáte — arresponhia ella — Mais val' se andar no mundo sem por tento nas pessôas, que chorar as desgracias da má sorte. Valha-me a Nossa Senhora dos Afflictos, pois cem annos viva eu e cem annos lhe darei as contas do meu roزاریo.

— Caréce bem que vancê s'achegue p'r'a santinha, comadre Chica — advertio a Gertrudes, alimpando os olhos no avental. — Homem bom como o compadre Izidro — não hai de haver outro no mundo. Desta elle não se fina; mas a desdita da Constança, aquillo! lh'o hai de levar p'r'o cêmitério.

E ao depois dum suspiro mais triste que um gemido:

— O padecer do coração é como a doença dos peitos; vae chupando, vae chupando um triste aos poucochinhos.

— Já teve nóvas da Constança? — perguntou o Zé Cardôzo.

A Chica não recebera nada até ali, pois não foi de merecimento os pássos do Maméde Zeferino. O coronel, esse, que tinha importancia na cidade, estava em riba d'uma cama com leicenços nos quartos.

— Póde até que os fujões nem 'tejam na cidade — adeantou o Quincas Barnabé.

— Agóra! — informou de entendimento a Gertrudes. — A cidade é um mundo de grandôra e hai muita bibóca p'ra esconder quem tenha culpas no escrivão. Da derradeira vez que eu fui correr os Passos. — continuava ella — inda em vida do finado, quebrei uma rua por móde cercar a proçissão. E quando dei por mim, Ave Maria! nem sabia adonde estava! Era um bandão de ruas a se cruzarem daqui p'r'ali, d'ali p'r'aqui e a gente a piscurar um rumbro — mais tonta da cabeça que uma coruja na luz do sól.

— Mas a policia já está de olho arregalado, ajuntava o Zé Cardôzo. Mal os pombos se bótem a caminhar — é só pegal-os p'r'o casório.

— Pois sim, pois sim. — duvidava a curandeira. A Véva do tio João-sinho, a desinfeliz, ahi ficou de barriga á mostra, entrementes o ráio do estupôr do filho do Izidro se foi a casar com uma graúda da cidade. São tudo embustes dessa gente da Justiça. A Damasia Bebedona deu cabo do Miguelinho e lá está no Asylo, a excomungada, a gosar o bom comer e a dormida em bôa cama.

— Não foi a velha não, Gertrudes! Aquillo só foi feito das mãos do péste d'um mascáte, que cruzou por aqui.

Um ar de somno andava amolentando os olhos.

Moída dos penares e da tardança, a Chica dormia a bom dormir, com os queixos em riba dos peitos e os braços á rôda dos joelhos.

Desde que o Izidro tivéra o ataque de cabeça, na noite da disfeita, que a póbree s'esfalfava a trabalhar.

Camba o velho deste lado, que o triste nem forças tinha p'ra se mexer; perpara remedio d'ali, pois a Gertrudes não cansava d'escarfunchar no fundo do miôlo — tizanas ou rézas de benzedura.

E nunca o seu corpo se deitára p'ra sossegar d'uma horinha só, tantas eram as obrigações das suas mãos e as scismas rúins do seu juizo.

Morre não morre, com a lingua mais grossa que lingua de papagaio, o Izidro já estava um poder de dias em riba d'aquella cama, sem valía dos chás e dos defumes d'arruda apanhada na lua nóva.

E, tirante isso, batiam e rebatiam no desgosto a vergonha da filha e mais a soidade della, lá dentro dos seus peitos a roer, a roer, e cá fóra sempre viva na boluda almofada das rendas, que ficara n'um canto, coitadinha, como a chorar tambem a falta da sua dona.

Bem que a rapariga, quem soubéra! talvez nem se alembrasse da desgraça do pae e da morte que, por causa délla, o velho carregava na cacunda!

Bastamente, nos instantinhos em que o marido dormia um somno de doente, ia indo o scismar da pobre Chica ao feito d'aquella noite, pulando-lhe na cabeça, como as manjúvas nas arêias, os pingos de sangue que topara nas véstes do Izidro e que as suas mãos lavaram, bem lavadinhos, por móde o povo não descobrir que fôra o velho o malfazêjo.

E, p'ra maior pensão dos seus pezares, vinha subindo, vinha subindo a cértá de que o Izidro, ao se finar, ia direitinho p'r'os infernos, tal e qual o homem que ella vira, num quadro do Santo Anjo, na casa do coronel.

A's vezes, de tanto scismar assim, dava um grito que assustava a Gertrudes!

Era que tinha visto o Izidro a se carpir, arrodado de quinbingas, dentro d'uma tina de bréu a ferver, entrementes o Miguelinho, com cára

de pôrco, ia dando lambadas de porrête na cabeça do triste, tirando d'ella mais faíscas que o fuzil da pedra d'um isqueiro.

E quando não esta vizagem, parecia-lhe ver dois pés de cato no lugar dos pés do velho, como assucedeu no dia da botija.

Mas como se muda assim a vida d'um christão, que mal nenhum nunca fizera e tinha sempre as mãos abertas p'r'as esmólas!

— Seja tudo o que Deus quizer — consolava-se ella nos intimos dos peitos. Hai tempo de sol e hai tempo de chuva!

E a Chica memorava, entônces, pedaços velhos da sua vida.

Ai! como sentia, por uns instantinhos, as suas consumições mais longe que a cidade!

A Constança inda comia as pápas de polvilho e a casa em que moravam, na práia dos Inglêzes, tinha rósas subindo nas paredes e pitangueira á róda.

Da janella de caixilho azul, todas as tardesinhas, com a filha nos braços, ficava a ver o mar, a ver o mar! a espera da vélla branca que lhe trazia o amor e a abastança dos varais.

E agradava tanto ao seu coração, tanto, ouvir o marulho arrastado da onda que, mesmo dormindo, nos seus sonhos, ou entônces alegre, no seu canto — era aquelle ruido que a embaláva e a enchia de felicias.

Para ella a terra toda estava ali; ali dentro daquillo que os seus olhos viam!

E os seus olhos, esses, viviam sempre a se enxarcar no vêrde das arvores e no vêrde do mar — adonde tambem os olhos azues do céu ficavam o dia inteiro, como os olhos de um namorado.

Nos tempos da chuva, quando o triste do inverno esfriava como defunto, e o vento sul gania nas fisgas das janellas, a Chica passava os tempos á beira do oratório, a pedir á Nossa Senhora a protecção para o Izidro, pois que seria d'ella no mundo, viuva, e com uma filha pequenina nos pobres braços.

Mas no fundo dos seus peitos, caldeado nas rézas, batia tambem o amor d'ella pelo céu azul e pelo sol; que sol e céu eram as soidades dos seus olhos!

E lembrava-se do Izidro môço, encalhado na práia, a canôa cheia de peixes côr de prata, com as calças regaçadas e a gandóla de baêta azul, e mais os nêgros dos cabellos que o vento desmanchara, cheirando a marazia; ou, entônces, nas tardes de tainha farta, que era mesmo alegre como um dia de festa, com a agua do mar até á cinta, arrastando, com os outros, a rêde que ella cruzara, malha a malha, e lh'a déra, por São João, nas vésperas do casório.

A rêde! Dias e mais dias levava a trabalhar, do amanhecer á boqui-nha da noite, com tantas felicias no coração, tantas! como se aquillo fosse uma renda gráda do enxoval!

— Larga um pouquinho esse affazer, que até pódes ficar arcada da cacunda — vinha o pae e lhe dizia.

Mas a Chica, soltando muchôchos de sorrisos, atirava a cabeça para trás, fazendo tinir as argólas d'ouro das orêlhas.

E tanto repuxava nos peitos a blusa de riscadinho, tanto a repuxava, assim a rir, que até se via por baixo da fazenda — as fôrmas das duas rôlas...

Como se carpira uma feita, ai desgraçado! quando o Izidro lhe trouxera a rêde cortada pelo ráio do cação, que soltara, ainda em riba, a peixaria toda e tirara o pago d'uma noite de trabalhadeira!

Ao depois, por móde da Constança, já crescidinha, que pegara a tósse comprida, vieram para a Trindade e o Izidro alevantara, com as economias de dez annos e as heranças do pae d'ella, a casa de bôa têlha em que moravam.

Desde ahi o velho, todo lambido pelas rôças, nunca mais botara os pés dentro da canôa, pois a terra era farta de summos e dava cada repólho, louvado! que era p'ra empazinar a barriga mais faminta.

Veio um Santo Antonio; e vieram outros; e um bandão de vezes as andorinhas fizeram os ninhos na beira dos telhados.

Um dia o Izidro, com os olhos vermelhos, vêio a ella e falou em vóz de chôro:

— Chica! A Constança está botando os peitos e perciza saber. Bamos mandar a rapariga p'ra escola das freiras, que o coronel 'tá sempre me dizendo: "Attente Izidro, que aqui no sitio só se aprende a cavucar nas rôças."

Ella vae com a filha d'elle, a Mariquinhas, e nós, ao depois, todos os mezes...

E não acabou o póbre de falar!

Uma fonte de lagrimas correu dos olhos d'elle, como de duas cóvas d'uma pedra.

A noite toda d'aquelle dia a Chica não unio as pestanas, coitadinha, a suspirar, a se mexer em riba da cama, o coração só: bate que bate, que nem se quizêra, o aperreado, sahir para pular nas taboas do soálho...

E cada vez que ella suspirava, e cada vez que ella se mexia, o Izidro preguntava, n'uma vóz sumida e triste:

— Inda não dormiste, Chica? Não déve haver esperas p'ra se ouvir cantar o gallo! Estou com a cabêça n'um ardume!... Crédo!

Passante um mez a Constança deixou o sitio.

Ai! minha Nossa Senhora da Soidade!

A casa ficou tão grande e a chieira do silencio era tanta, tanta! que mais vontade a Chica sentia de chorar!

Três dias e três noites os dois carpiram aquelle vazio na vida d'elles.

De manhãzinha, quando se alevantavam, nem ella, nem o Izidro tinham vontades de viver, que de valia não lhes era a vida tão longe da Constança!

E os pássos dos dias! Louvado seja Deus! Tão degavarzinho elles caminhavam, tão devagarzinho! que, quando a póbre da Chica, quebrantada

e requebrantada de carpir, olhava as duas pernas do relógio — ellas lá estavam, preguicentas, em riba do mesmo numero!

Até o sabiá, tão cantador que era! vivia jururú n'um canto da gaióla!

A Chica ficava só, de sol a noite, sem conversantes p'ra cortar o tempo, que o Izidro, por móde se consolar, comprara uma canôa e os dias todos pescava de caniço ou de tarrafa.

Mas com as estrellas, ao voltar das aguas, nem o triste de um peixe trazia no fundo da canôa; soltara-os todinhos, p'ra que a falta d'elles não fôsse carpida pelos póbres dos paes e pelas póbres das mães!

— Que os peixes, dizia o velho, são viventes e têm coração nos intimos dos peitos.

Todos os mezes iam, entônces ver a Constança no convento.

E quando voltavam da visitação, coitadinhos dos dois! vinham mais tristes e mais velhos, tanto que no sitio, á bôcca pequena, toda a gente falava que elles não demoravam a bater p'r'os sete palmos.

Assim caminhou na terra a vida do casal, 'té o dia em que o sol entrou de novo pelas janellas.

Foi quando a Constança, de sáia cobrindo mêia perna, chegou no carro do polaco, letrada e sabendo tão bem falar, louvado! que maior agrado não havia que escutar os seus dizeres.

Vinha outra, a rapariga, com o cabello repartido em dois no meio da testa, o rosto de bôas côres e tão lindo, tão lindinho, que era mesmo, mal comparando, como o rosto de Nossa Senhora!

— Ai! meu menino Jesús! — dizia a Gertrudes toda alegre de prazeres — E' mesmo uma linda que ella vem.

Houve festanças; e até o cantar do gallo, na fogueira que lavrava no terreiro, chiaram gôrdas batatas dôces e grossas cannas d'assucre.

Entrementes, dentro de casa, dansou-se a mais não poder, que o Izidro mandou buscar três musicos de fama da cidade e foi de fazer doer os mocotós.

Até o Zé Cardôzo espremeu de gôzo a gaita; e nunca se ouviram no sitio tiradas mais bonitas!

O Juca Serrano, esse, tambem descantou, á vióla, a quêrumana das bandas d'elle, botando versos por móde inticar com os dansadores.

E a Chica, coitadinha d'ella, ao memorar o que fôra a sua vida, vinha vindo até aquelles dias de desgostos, deixando no caminho um alagoeiro de chôros.

Esperavam-n'a a chieira dos peitos do Izidro, ou, entônces, a vóz rouca da Gertrudes. — Ande d'ahi, comadre Chica; deixe de s'amofinar, creatura, que o sol que vae s'embóra volta noutra menhã.

E a sua vista se retrançava ao dar com o póbre do Izidro em riba d'aquella cama, vermelho do queimôr da fébre, e tudo por móde o péste do Mestre régio, que carregara a Constança por maldades da sua alma arrenegada.

Não que tanto o consumissem os ditos do povo e a morte do outro estupôr, que pagara bem pagado as aleivosias da sua lingua e, a estas horas, tinha mais bichos a rebolarem que os berneiros d'um cachorro.

Mas o ráio do professor, esse, havia de ter a lingua mais esturricada que uma fôlha sêcca, que era a praga que lhe rogava da desgraça feita na familia.

Naquella noite, a despique do parecer agoirento da Gertrudes, o Izidro não tève a carencia d'ares p'r'os suspiros, nem o chiádo na cruz das costas, que o atiravam rôxinho em riba dos travesseiros, com os olhos fixos e suando que nem tampa de panélla.

Desde quasi um pouquinho antes do Zé Carneiro chegar, o velho dormia n'uma somneira tão sumida, que duas vezes a Gertrudes scismou que elle tinha se finado.

Por isso, e não por nada, a Chica pudéra arriar o queixo nos peitos e os mais conversar em descanso uns instantinhos.

Já os gallos começavam a cantar, os apressurados, a pedir logo a madrugada.

Com os olhos pisca que pisca de somneira, Quincas Barnabé namorava, no relógio, o ponteiro pequeno, que parara em riba das quatro horas, entrementes o outro, o grande, magro como um caniço, ia trepando no numero doze.

Com pouco se ouviu como um estálo, e ao depois uma chiêira, e logo as horas: *pan, pan, pan, pan!* como os pingos da goteira nas bórdas d'uma bacia.

— Não demóra o amanhecer — falou, abrindo a bôcca, o Zé Cardôzo.

— E' certo, — concordou a Gertrudes, fréstando um pouco a janella que dava p'r'o gallinheiro. No verão já estava claro. Agóra, neste ráio de inverno, o sol é preguicento, preguicento! Mal se bóta em riba e já está, o dorminhôco, a espiar os morros por móde se deitar. Um tiquinho de dia, crédo! e é escuro como brêu.

Nesses tempos, a Chica, dando um grito, abriu os olhos.

Quem sabe um sonho máu da póbre cachimónia?

Mas não! Era que o pescôço lhe doía tanto como castigado d'uma canga. Quiz se alevantar e foi devalde.

— Pois vancê, mulher, vae dormir de cabeça p'ra baixo que nem cajú? — ia dizendo a Gertrudes, afomentando-lhe o cangóte com enxundia de gallinha preta defumada em palha benta. Até lhe podia bater uma molestia rúim e vancê ficar sem guéllas, cruces!

A Chica, debaixo d'aquelles passamentos de mãos que a alliviavam, perguntava pelo Izidro, que ella nem sabia como fôra aquelle dormir o tempo todo.

Em róda todos falaram, entônces, que Izidro ia bem, que dormira a noite todinha sem falta d'ares nem gemidos.

— Ai! E' certo? Minha Nossa Senhora! que eu até scismo que é sonho da cabeça!!

E como o Zé Cardôzo lhe batia nas costas, a dizer que nóva melhor não podia receber ao abrir dos olhos, a Chica desatou na choradeira e bateu, apressurada, p'r'o quarto do marido, pois o Izidro já se mexêra em riba da cama, suspirando.

A Gertrudes, azafamada, correu logo p'ra cozinha, a buscar a canéca do remedio.

Uma das velhas, que o barulho espertára, com os olhos da cara que nem hófes de gallinha, abriu a bôcca, fazendo o signal da cruz por móde trancar a entrada ao estupôr.

As outras duas roncavam bem roncadinho um somno assossêgado, pois si eram sózinhas, avezadas a grudarem as pestanas até sol alto e não lhes atizanava o passadío — o incerto dos pobres de Christo.

Filhas do finado Theodóro Veterano, pagava-lhes o Governo o mêio-soldo, que dava bem p'r'o consumo da barriga e ainda p'r'as pitadas do rapé.

Maridos sem contagem as duas engeitaram, pois o pouco que o pae deixara não havéra d'ir parar aos bôlsos de qualquer malvado, p'ra elle depois viver á tripa fôrra.

Porém, no sitio se mexericava, fala aqui, fala acolá, que ellas guardavam a donzellia por móde o amor que ambas tiveram, cruzes! ao defunto vigario Machadinho.

— Bamos, compadre? convidou o Quincas Barnabé — Bamos nós, que já cumprimos as obrigações e a massáda foi mesmo d'alimpar a alma d'um culpado.

— Sem o conducto?

— Crédo! Nem que vancê não tivesse em casa beijú para o aparádo.

Na sala toparam com a Gertrudes, que voltava carregando nos braços uma bacia de louça branca, d'onde sahia a fortidão do vinagre e da mostárda.

E vinha tão cega dos olhos, ella, que nem vio os dois de chapéu nas mãos, já rente á porta, andando na pontinha dos pés por móde não fazer zonzeira nos ouvidos do doente.

A Gertrudes ia falando, como aguada do miôlo, que aquillo fôra milagre, só milagre, pois inda na vesp'ra o Izidro avistava môscas a róda d'elle e tinha os olhos parados e vidrentos como os olhos d'um bonéco.

Na rua a madrugada se desembrulhava das suas capas negras, mostrando o corpo claro e a cabelleira de luz.

O vento sul havia parado.

Apenas a friagem, que andava no ar, raspava como um rálo e tinha cheiros de mattos humidos e de laranjas.

Ao pé da porteira do Coronel uma vacca preta mugia, botando pela bôcca um bafo quente e fumarento.

E esse mugido — era o unico rumor que espertava o silencio.

IV

Emfim, graças a S. Sebastião, o Izidro sempre se alevantou d'aquella cama, tão magro, tão sumidinho, crédo, que era mesmo um *me válha aqui senão eu cáio!*

Quasi vinte noites e vinte dias padecêra o póbre, vae não vae, por mór dos seus peccados e da assanhada da Constança.

Pelas guélas, coitado, nesses tempos, não lhe descera nem sôpinhas nem conductos, pois a Gertrudes batia o queixo só em scismar que, por móde do comer, podia a sangueira subir de novo p'ra cabeça do compadre ou tapar-lhe as cóvas do coração.

Por isso, e mais pela doença, o velho estava mais fino que um bilro de rendeira.

Mal tomava, o triste, um góle de caldo de gallinha — assim mesmo bem assôprado em riba por móde os olhos de gordura — batia-lhe a sustancia na fraquêza e era um dó se vel-o juntar logo as pestanas e ali jazer, branco que nem cal.

Quando espertava da somneira, vinha entônces assim como umas friagens no miôlo e o desaventurado começava a falar, a falar, tal e qual um homem baldío de entendimento.

E essas falas, grossas e peganhentas, tinham parecenças com bólas de páu boiando no meládo.

— Ai! meu Deus! — assuspirava d'um canto a póbre Chica, ao avistar o Izidro fazendo visagens com a mão direita, que a outra, a esquerda, ficára tão esquecida como si não fôsse d'elle.

— Acalente-se, compadre! — vinha a Gertrudes e consolava. — Antes o ter assim que debaixo da terra.

— E' que o triste dá mostras de desarvôrado da cabeça, que nem a mulher do compadre Zé Cardôzo.

Atontado do juízo, por móde da fraquêza, que faz embrulhos no raciocinio e embaça a vista! — explicava a curandeira — Alembra-se do meu Alvico, quando teve as fébres das sezões? Entônces?

Mas a Chica, com o coração a negar os dizêres da Gertrudes, só via, través o aguaçal das suas lagrimas, o seu bom velho ali naquella cadeira, sem um pingo de vontade, os pés chumbados dentro das chinéllas e os olhos fixos na gaióla do sabiá, bóle que bóle, dependurada no fôrro por um gancho de arame a que as môscas, as péstes, empreteceram de immundicias.

E o trabalho p'ra deital-o!

Era de fazer suar as téstas da cabeça!

O homem ficava assentado em riba da cama, olha p'r'a Chica, olha p'r'a Gertrudes, fazendo tanta força p'ra dizer — que até parecia, o coitado, querer gumar as suas falas.

E como s'obstinava em não tirar as chinéllas, mais as calças!

Antanho o infeliz dormia as noites todas!

Mas agora, crédo! passava-as d'olhos arregalados e a se remexer como um picado de sujeira.

Assim corriam os dias, sem pressa, atormentando a Chica e lhe deixando pobrezinha de esperanças.

Já nem scismava em ver o Izidro como era elle antes das desgraças.

Porém, um domingo, S. Sebastião fez outro milagre e ganhou mais uma véla de libra, d'aquellas que tentam os santos nas promssas e o Maméde Zeferino enfeita de papel de chocolate — por mde vendel-as pelos olhos da cara d'um christão.

O Izidro andou por seus dois ps, muito devagar,  certo, muito devagarinho, mas sem o ajudrio da mulher e da Gertrudes.

Era um domingo lindo, tão lindo e alegre como a bandeira do Divino Espirito Santo!

Fazia sl; e no céu muito limpo e muito claro, avistado c de baixo, por entre uma renda fina de luz, um urub avjava, avjava de mansinho; e, de tão alto que elle estava, parecia uma carcha prta a caminhar em riba d'um chle de sda azul.

Não ventava, nem de lve; de maneira que no calr que vinha dos ares e subia da terra, as bergamtas derretiam o summo cr de oiro que ellas têm, as ricas, nos favozinhos das cascas.

E aquelles chiros naquella manhã fermsa, manhã de missa com sinos a repicarem, espertavam nas creaturas as soidades das festas da Trindade, quando as raparigas namram e os rapazes, por vindictas, atizanam nos leies os ráios da cidade,  sombra das barraquinhas de folhagens.

Foi um alegro os passos do velho da cadeira p'r'a janella da varanda!

A Chica, n'uma tremura que lhe fazia bater o coração, nem ria, nem chorava, n'um canto da msa do comer, com a bcca escancarada d'espanto, a scismar, até, que era um sonho da cabeça aquillo tudo!

Entrementes a Gertrudes, com as mãos em cruz nos peitos, gritava, que nem maluca do juizo, a dizer que fra um milagre, pois nunca scismara ella que o Izidro caminhasse tão pertinho.

E foi um falatório em todo o sitio, de casa em casa, que parecia nas vésperas dos fgos; e se contava que, na hora do Izidro andar por seus dois ps, a Gertrudes sentira um cheiro de incenso e o sabiá, coitadinho, abrira o bico, a cantar, perdido de alegria!

Na boquinha da noite, já a casa era um tiquinho p'r'o bandão de gente que se mexia l dentro.

Todos tinham, bem no fundo dos seus peitos, uma vra satisfação por ver o Izidro senhor do seu andar, que o pbre padecra muito por mde do grande amor da filha e a vergonha da sua cara.

E não era elle p'ra merecer aquellas desgraceiras!

Homem bom até ali, pois desde o dia em que vira, com a familia, e mais os trastes, p'r'as bandas da Trindade, nunca as suas mãos se tranca-raram para os póbres ou a sua bcca se abriu p'ra debiques e viltanas que atizanam os mais.

Quem tivesse perciso e se achegasse a elle, levava p'ra sua casa o cruzado da farinha.

De principios o coronel, com ciúmes do pòvo, não botara no velho olhares de boas tenções.

Mas, ao depois, até lhe gavava o procceder e andava de falas com os graúdos por móde fazer o Izidro Juiz de Paz.

Era da bôcca de todo o mundo o caso da Bicóta do Amancio, a póbree, que ficara com cinco familinhas nos braços, uma na barriga e sem um ti-quinho de beijú em casa p'ra matar a fome.

Isso quando do desgarrre do péste do marido, excommungado cachaceiro, que, ao depois de malhar e remalhar a póbree da mulher, ainda a deixou, na noite negra, e alou de burlantin n'um circo de cavallinhos.

Mal a nóva, porém, bateu a correr os quatro ventos, já o Izidro, chéio de dó, carregava a desgraçada, mais a familagem, p'ra casa d'êlle, que um prato de feijão ninguem deve de negar.

E lhe deu, passantes dias, o rancho de tabatinga onde a triste vive hoje, no caminho das Três Pontes.

De virtude, pois, que o povo rezasse p'ra vel-o de saúde e já andasse de cóta p'ra missa de acção de graças.

A Chica nem mais tinha falas d'agrado na póbree da cachóla p'ra receber tanta da gente.

E era rizados, e era chôros, e era abraços, que até parecia que ella viéra da côrte.

— Ai, que foi mesmo São Sebastião! dizia a todos.

Só o Izidro, assentado na marquezia, não dava tento ás falações, com os olhos fixos na gaióla do sabiá ou, entônces, cochila que cochila como atontado da bebida.

— Hum! — vêio dizer ao coronel o Maméde Zeferino — O velho escapou d'esta, mas ficou vazio do raciocinio.

— Talvez que seja da fraqueza! — disse o outro.

Ao cabo d'uma semana já o Izidro caminhava a casa toda.

As côres voltavam-lhe pé ante pé ao rôsto; só o entendimento ficara que nem si estivesse embrulhado n'uma cólcha e o braço esquerdo, tão dormido e bambo como si fôsse destroncado das craveiras.

A bôcca abria apenas p'r'o comer e p'r'o beber; si tentava falar, coitado, nem mesmo os ouvidos do compadre vigario, que estavam mestres nos cochixos da confissão, apercebiam-lhe os dizeres.

Um dia a Gertrudes falou da desventura da Constança.

Foi como si disséssem a uma pedra: arréda que vem um ráio!

O velho nem mexeu com as pestanas, nem bulio com os carinhos, ficou-se adonde estava, o triste, com a vista fincada na péste d'uma aranha, que vinha vindo degavarinho, degavarinho, p'ra riba d'uma póbree môsca descuidósa.

Entônces, a sacudir a cabeça, com um dó verrumando os fundos do coração, a Gertrudes ficou certa de que a doença aguara o miôlo do compadre.

E foi dobrada em chôros que ella se agarrou com a póbree Chica, a confessar que o Izidro perdera o entendimento da cabeça.

— Mais de vólha fôra o ter morrido — falavam no sitio á bocca pequena. No fim sempre era o descansar.

Um mez passou em riba daquella vida.

Já o frio batera as pernas p'r'as outras bandas e os espinheiros dos caminhos, topetados de flôres, eram mesmo, de perfumentos, como as moças que vão p'r'os bailes.

Cigarras chiavam de quentura todo o dia, as descuidôzas, a dizer onde estavam aos famintos dos louva-deus.

E os pessegueiros, refohudos e todos vêrdes, escondiam da soalheira os fruticos peludinhos.

De tardezinha, quando o sol cambava o Morro do Antão, o velho vinha cochilar, assentado no terreiro da casa d'elle, em baixo da parreira.

Estava bom, é certo, porém não dava tento á fóra dos instantes de comer.

Podiam-lhe até picar motúcas e varejêiras.

Uma feita, o coronel, p'ra ver si o desempedrava, falou tambem do passo da Constança.

O coronel lêra nos livros que é bom se dar um chóque nos baldios de raciocinio.

O Izidro nem reparou nos módos da conversa, que foi até como si lhe falassem nas linguas das estranjas.

Cambaleou um pouco da cabeça e fechou os olhos, na somneira do seu costume.

— Ai! como elle está! clamou a pobre Chica. Quem havéra de dizer!

— Mas tambem o compadre Izidro não era homem de muitas falas — alembrou o coronel. Sempre foi muito trancado de bôcca.

— Agóra! compadre. Trancadinho p'r'os estranhos, e mais os ditos do povo.

Mas dentro de casa era um regalo nas historias.

A noite vinha vindo devagarinho, a accender as candêias das estrellas, por móde alumiar o caminho p'r'as almas do Paraiso, que sahem sempre a passêio pelos céus.

Os grillos, debaixo das pédras e nos buracos das parêdes, cricriavam que nem loucos, fazendo até nos ouvidos dos christãos, os péstes, uma chiêira dos peccados.

Entrementes longe, n'algum tronco de garapuvú, uma cigarra das grandes retinia alto, parecendo o sonido de um sino que ficasse demorando nos ares.

Dentro de casa a Gertrudes, que accendera o lampião, chamava a Chica, mais o coronel, p'ra beberem o café.

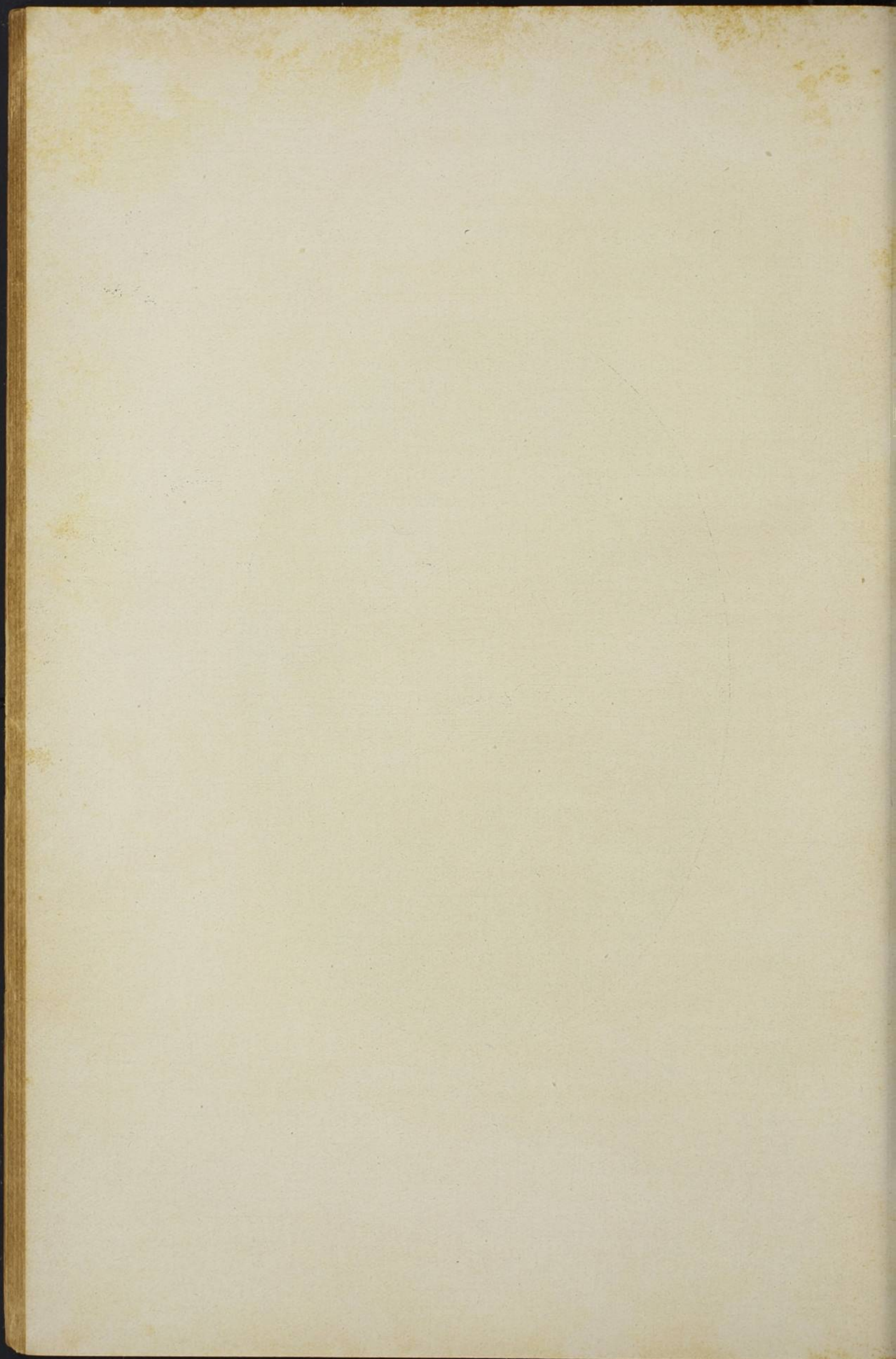
Já estava hem escuro e a vista, por mais fina que fôsse, nem differençava, debaixo das laranjeiras, um pôrco d'um cachôrro.

Fazia um calôr de trovoadas e na suspiração, apercebia-se o cheiro de arêia quente e de folhagens sêccas.

GALERIA DOS EDITADOS



ROQUE CALLAGE
autor 'O drama das coxilhas.



— Bamos, Izidro, bamos, que o café 'tá esfriando.

Mas o Izidro, máu grado o chamamento e a promptidez que tinha p'r'ó comer, nem despregou as pestanas, nem remexeu os pés a piscura das chinéllas.

— Ai! Minha Nossa Senhora! — já clamava a Chica, n'uma afflicção que lhe arregalava os olhos — Acuda aqui, compadre, acuda aqui, pelo amor de Deus.

Aos gritos da póbre velha a Gertrudes appareceu, aos tempos em que o coronel, com a mão na bôcca do Izidro, a ver si elle suspirava, dizia p'r'a coitada da Chica:

— Não s'assuste que não é nada. Caréce levar elle p'ra dentro de casa por móde do sereno. Isso talvez que seja do calor.

Um morcêgo, excomungado, passou avuando p'r'as bandas do curral, a chupar as tristes vaccas.

Cagalumes abriam, aqui e alli, as luzes dos corpos delles, que nem si tivessem, os lumarentos, pavios em baixo das azas e fôssem chêios de *krôzene*.

Devagar, com as mãos n'uma tremura de máus presentimentos, o coronel agarrou o Izidro na cruz dos hombros; a Gertrudes bateu ás bandas, a ajudar; enquanto a Chica, embaçada da vista por móde do chorar, segurava nos pés do velho, mais frios que as aguas na fôrça do inverno.

E assim os três, todos cuidadózos, o foram levando p'r'o quarto de dormir, donde o botaram em riba da cama, o triste, já com o nariz fino e as fontes da testa fundas como calcadas a dêdo grande.

O coronel, molhadinho de suór, esfregava nos pulsos do infeliz um pano com vinagre; mas a Gertrudes, que se tinha na conta de sabichona e não gostava de ver ninguem amostrando sabenças nas artes d'ella, gritava que o melhor era fazer a sangria no doente, "pois o sangue que parava no miôlo carecia sahir por móde não coalhar".

— Pique em riba do braço direito, um palmo abaixo do sováco e ao depois de bater sete vezes no logar — ensinava a curandeira. Pique sem cuidados, que eu vou na cosinha buscar um alguidal.

Ao dar com os olhos na Chica feita em cata-céga, anda que anda a se repelar pelo quarto, a Gertrudes destemperou a lingua, arrenegada:

— Oh! mulher? crédo! Vancê não enxérga a gente nestas trapalhães, com pouquidade de braços p'r'os trabalhos e nem se mexe p'ra ajúda dos mais! Tranque a janella, cruces! tranque a janella por móde o vento e deixe de chorar, que o Izidro com pouco fica bom.

A negra nova, por certo, corrêra o sitio, pois o Alvico apparecêra, apressurado, na porta do quarto.

— Sube na venda do Manuel Balbino — informava elle. Sube da bôcca do compadre João Xandóca.

Um calorão de afogar as ventas mais desentupidas, apertava a suspiração, esquentando que nem a bôcca de tafôna.

Em riba da commoda a lamparina d'azeite de mamona, dentro de um pires, erguia a sua luz muito clara, allumiando o rosto lindo e as véstes azúes de Nossa Senhora da Conceição que uma redoma de vidro defendia das môscas e da pœirama.

Já a Chica batera p'r'a cosinha a buscar o assucar, mais as têias.

— Agarre aqui, comadre Gertrudes, agarre aqui, que é p'ra poder picar certinho no lugar.

E o coronel, com a ponta do canivete, fez o tálho no braço do Izidro. Mas qual!

Nem uma gôta de sangue appareceu; apenas uma agua vermelhenta sahiu do pique feito, escorreu pelo braço do soffrente e começou a pingar, a pingar, em riba do lençol.

O coronel, entonces, botou o ouvido nos peitos do Izidro e ao depois exclamou, n'uma voz abafada, p'r'a Gertrudes:

— Deus tenha piedade dos seus peccados.

— Ai! o meu compadre! — gritou a Gertrudes, quasi suffocada, n'um soluço de chôro — Santo Deus nos válha! Que hai de ser da comadre?!

Em riba da cama o Izidro, de hõcca escancarada, tinha os olhos abertos, já baços e parados.

— Paciencia, comadre Gertrudes, paciencia, que Deus sabe o que faz — falou o coronel, a cruzar nos peitos as duas mãos ossudas do Izidro. Córre lá em casa, Alvico, e diz á Mariquinhas que o compadre se finou, agórinha mesmo.

A Chica entrava neste instante, trazendo o assucre e as têias de aranha para estanco da sangueira.

— O Izidro? — exclamou ella com os olhos esbugalhados, parando de sopetão. O Izidro...

E ficou trancada de beiços, tremendo das pernas que nem varas verdes e a olhar a Gertrudes, a olhar, crédo!

Ao depois, agarrando a cabeça com as mãos, cahiu nas taboas do soálho como um sacco que se esvazia de momento.

O Coronel abrira de novo a janella. por móde entrar o frêscio.

A noite caminhava suberbósa, arrastando o seu rico vestido de velludo negro, creio de estrellas de prata que luziam e reluziam.

Não corria nem uma aragemzinha p'r'o consolo dos tristes.

As laranjeiras, os cafezeiros, todas as arvores estavam paradas, atentas aos rumores, como se escuitassem encapuzadas nos escuros.

Um báfo môrno, em que havia um chêiro de flôr do matto e summo de cajueiros, atontava a cabeça.

E longe, para as bandas da casa do Zé Cardôzo, uma gaita ia gemendo a cirandinha-cirandôna.

Mas, quem a ouvisse, scismaria que a musica, de tão distante, era feita de algodão.

Florianopolis — 1923.

OTHON D'EÇA



A HISTORIA LITERARIA DO RIO GRANDE DO SUL

USAVA dizer o sorridente Remy de Gourmont, para explicar amavel e discreto as suas mascaras, que soia passear nessa viagem literaria á sombra das arvores: — “s’asseyant un instant au pied des arbres les plus forts, les plus beaux ou les plus agréables”. Tal attitude é agradável, além de ser atica e silenciosa.

Tenho que foi essa a maneira, muito nobre e esthetica, do snr. João Pinto da Silva, confessando que, ao traçar o caminho das letras no Rio Grande do Sul, despresára os pormenores da paizagem.

Pela sobriedade de seus conceitos e segurança de cultura literaria e largueza de visão, mereceu elle de ser altamente consagrado em todo o paiz.

Assim em evidencia na literatura nacional, como no Rio Grande, seus livros de logo despertam cuidado e attenção.

Pelo livro de agora esta curiosidade se extremou, até a da critica refohada e vindiça.

Escritor de sobejas virtudes, exercendo o mistér de critico sem as malquerenças e delimitações de escolas e nenhuma attitude, adquiriu o snr. João Pinto da Silva autoridade para tratar, nesse officio, das coisas do espirito. E o seu gesto nunca é de enfado ou oratorio, nem pesado, nem rutilante. Sabe guardar a sabia medida, num mixto da commissura da ironia de Anatole e do sorriso de Remy de Gourmont. São elles, aliás, os seus criticos predilectos. Vem a proposito dizer que o snr. Tristão de Athayde já havia elogiado este apuro e entendimento, reflexo de cultura e harmonia de uma nobre arte.

Mercê de tal entendimento e civilidade, procura o sr. João Pinto da Silva, na "Historia Literaria", discretear com variados assumptos, indicando as palavras desamorosas dos chronistas e as palavras amigas, que d'aqui falaram; e por vezes, discretamente, esclarecendo e suggerindo duvidas e opiniões. Mas, sereno e subtil, fugindo das coisas categoricas.

Eis porque, de animo dado a acompanhar ás suas ideias e a discordar dellas, abri a "Historia Literaria" com sympathia, lendo-a com maior aprazimento.

Empreendendo a traça das leis que determinaram a nossa psyché, para logo mostra o critico a antiga sabedoria de seus processos literarios. Não escreveu paginas embrechadas de nomes e citações de autores, conforme usa a gente inexperiente, que nos dominios da sociologia, as discussões são muitas e estereis, como é de saber-se pela leitura da conferencia de Azcárate — *Conceito da Sociologia*.

Além do mais, alcançou assignalar, com justeza, o caracter primitivo da nossa sociedade guerreira, em affirmando que, "para a formação do nosso caracter colectivo, a geographia physica influio muito menos do que a geographia politica".

E, acrescenta o grande Oliveira Vianna, depois de referir o movimento de expansão do povo brasileiro, que, no Rio Grande, essa conquista, sobre ser mais guerreira, foi mais violenta e bellicosa. Explica, após desta affirmativa, a formação do povo gaúcho: — "D'ahi o facto singular de que na sua maioria, os primeiros senhores de estancias, que se fixam nas regiões interiores do pampa gaúcho, são guerrilheiros e caudilhos brilhantes, vindos das grandes campanhas platinas." (1)

Portanto, os rio-grandenses, gente que se preza ainda de valente, têm o caracter magnifico e nobremente bellicoso, e altivo.

Verdade é que outro talvez seria o nosso evolvimento social, si outros os accidentes geographicos.

E' conhecido o aspecto do homem da collina e da planicie, ambos com idiosyncrasias peculiares.

O meio physico, como factor de civilização, apresenta um caracter geral.

Insulado nos socavões soturnos das montanhas tristes e serras agrestes, o continentino luctaria como outr'ora os guerreiros da cordilheira andina.

Não se esboçava, porém, a camperiada dos rodeios; a camaradagem guerreira das partidas volantes. Teriamos o homem sem aquella linha escultural do *lhaneiro* e aquella cavalleirismo antigo do farroupilha, aformoseado de gloria.

(1) Oliveira Vianna — *Evolução do povo brasileiro* — pag. 86.

Infante o soldado riograndense, outros se mostrariam os delineamentos de sua vida.

O cavallo, companheiro de vida e de morte do gaúcho, alçou-o da terra, dando-lhe a *capitis-diminutio*.

Ademais isto mesmo deixa entrever o snr. João Pinto da Silva, no fim do primeiro capitolo, ao assignalar que a solidariedade dos rodeios nasceu, enfim, da solidariedade dos entreveros e peleias hombro a hombro nas luctas guerrilheiras.

Tal commentario se refere ás observações do sr. Oliveira Vianna, no seu estudo sobre a função social do cavallo no pampa; o qual veio a declarar que tambem estudára aquella mesma influencia, noutra parte da obra que nos dedica.

Na verdade, a historia de 35 com a alforria nos negros guerreiros e a sociologia ao contemplar o caudilho, que representa sempre uma sociedade caudilheira, e a mesma ficção, como os contos narrativos de Xavier de Vianna, tudo mostra a democracia equalitaria das guerrilhas perigosas destes pagos, onde o valor nasce do instinto e da coragem.

Tem a crueldade da nossa batalha, belleza humana e esthetica.

Vejo por tudo isto, que á singular feição de um espirito agudo, culto e engenhoso, alia o sr. João Pinto da Silva o dom de compreender e amar ás coisas do Rio Grande, qualidades essas de capacidade e sabedoria. D'ahi se póde dizer que não é um escriptor descuidoso e que refuge do assumpto com esquivanças. Vê os factos, e pouco e pouco suggere...

São mais de admirar taes meritos de comprehensão que a linguagem derramada e o saber pesado de muitos dos nossos escriptores.

De tal maneira, aqui, usa assignalar a influencia ethnica do indigena no centro e sul do Estado, que a historia quanto ao fluxo pelo lado do rio Quarahy, recorda, e a chronica, no raconto do commercio de homens brancos e mulheres índias; ali, observa a ausencia paradoxal de espirito epico no trovar gaúchesco.

E tal advertencia, do mesmo passo paradoxal, permite outro paradoxo, senão verdadeiro, muito humano!

E' que, na época da grande conquista, os generaes eram homens de prosápia, e por aqui passaram com suas tropas, e voltavam para os cargos palacianos, como Barbacena, que ainda falava mal da gente e da terra. Poucos adquiriram, então, os nossos habitos e nenhum se fez igual ao conde Figueira: — "Il a encore un très grand mérite aux yeux de ses administrés, c'est qu'il n'est point étranger à l'art de jeter le lacet, qu'il sait monter à cheval aussi bien qu'eux." (2).

(2). Saint-Hilaire — *Voyage* — pag. 26.

Dos caudilhos brilhantes e gloriosos, do molde maravilhoso do gentil Bento Gonçalves, muitos exercitaram também a sua actividade na outra banda.

Assim, do "outro lado" nos attrahiam os costumes, acima referidos, da bôa lei de cavalgar, e lá quasi se confundiam os nossos destinos, oscillantes entre o molosso da federação brasileira e o molosso do vice-reyno do Prata.

A legenda farroupilha foi depois uma batalha desigual e retrahio o orgulho da musa criôla, sob uns laivos de ironia reflexa.

Viveu desencantada a musa guerreira, quasi sem verso e lenda...

Penthesiléa, sem heroes e deuses amorosos, não perdida de amores, antes esquiva e sobranceira, as suas vozes são desejos de amazonas fugitivas.

Pode-se, afinal, dizer que o homem, usando um direito divino — ao revés do conto lendario dos chronistas, paradisiaco — arrebatava ás amazonas da lenda.

A poesia do Norte canta a seducção das mulheres, soffre a doença, quasi permanente, dos adocicados romances; o nosso canto gaúchesco é de posse e desejo pagão, sem aquelle mysticismo ou abandono de si mesmo.

Sem embargo das referencias do erudito Carlos Bunge e mais outros, que justificam as ideias do avisado autor da "Historia Literaria", ao qual tenho a honra de contradictar agora, não creio que exista, conforme sua affirmativa, o predominio da nota lyrica em a nossa poesia criôla.

Para haver predominação lyrica, teria que desabrochar o lyrisimo, sentimentalismo, amor lastimeiro, elegiada lastimosa.

E a nossa lyrica popular nem apresenta grandes paixões, nem loucos enthusiasmos e sonhos fantasiosos, antes oscilla com o rythmo da vida. E' que o gaúcho acreditava, com a ironia de um grego, no fatalismo do destino. E, quando o destino era máo, rompia de quem não tinha deuses e altar, a palavra pesada.

O homem gaúcho outr'ora viveu quasi errante: assim abraçava ás mulheres, assim encordoava a guitarra.

Refere um velho chronista que: "huma cousa todavia differencia notavelmente o Rio Grandense dos outros ramos do tronco a que pertence e vem a ser a especie de alliança que tem contrahida com o cavallo", (3) para, emfim, dizer que "pelo menos, os gaúchos apparecem geralmente sem mulheres e manifestão mesmo pouca attracção para ellas".

Ao fino Saint-Hilaire, polido e amavel, impressionou mais de uma vez, a descortezia dos nossos patricios para com as damas

(3) Dreys — *Noticia descriptiva* — pags. 168 e 192.

gentis nas festas elegantes dos salões antigos: "Quant aux hommes ils sont peu empressés auprès des dames, leur parlent rarement, et ne montrent pas le moindre désir de leur plaire." (4)

Era o nosso homem fechado de sentimento.

Affirmei, ao estudar a ausencia do trovar epico, que a nossa poesia tomára um caracter de ironia reflexa, vivendo quasi sem verso. Aquella feição era antiga, e já se exprimia na letra dos velhos fandangos; foi, em certa época, desdenhoso epigramma. Não perdeu, porém, a symetria, para ser nótá aguda e constante; porque, segundo uma curiosa theoria do *folk-lore* musical, a planicie empresta certo rythmo de horizontalidade aos sons e harmonias. Tem a trova gaúchesca a vibração das cochilhas e cochilhões. D'ahi, talvez, com ser ironica, ser algo melancólica como os "*tristes*" platinos.

A poesia sertaneja apresenta, sob esse criterio, e, com mais propriedade, a brasileira, nótas salientes e delirantes. Por isto, os agudos, os gemidos e o lyrismo romantico e choroso do canto nordestino.

A poesia pastoril é bucolica e agreste, como sadia e violenta é a poesia arabe antiga. (5)

Primitiva e cheia de simplicidade, nem mostra exaggeros de chromatismo. No feitio dos poemas classicos do genero, Martin-Fierro, Fausto e outros como o de Amaro Juvenal, é narrativa, por vezes epigrammatica e descriptiva.

O gaúcho, como já disse, era fechado de sentimento, e reirahida foi a sua musa. Interpretada á bôa parte, segundo merece, traz a poesia criôla a confissão da indigencia. Tem ella o fulgor dos embrechados de muitas cores; parece rica e colorida, mas é pobre.

Isto não obstante, a libertação literaria se aproxima, e o esforço foi grande.

A gente rude poderá então redizer: — "braço ás armas feito, ... mente ás musas dada".

Será o reinado de Ariel, e esse optimismo brilhante nos revela o livro erudito do sr. João Pinto da Silva. Ensina o seu autor á feição de um mestre amigo e sorridente. E, discípulo suggestionado e attento, conversei, porém, para alongar o assumpto. Houve controversia, pois não é deselegante medir ideias com os homens cultos.

Ouvindo ás palavras de esperança do fecho do livro, olho com enthusiasmo para o passado e para o fulgor das estrellas, como aquelles sonhadores ensimesmados de Rodó.

(4) S. Hilaire — *Voyage* — pag. 109 e tambem 73.

(5) Pierre Louys — *Archipel* (*La Femme dans la poésie arabe*).

Resurge para logo o brilho antigo do "Parthenon". Friso do passado: figuras de esculpido e femininos camapheus brilhantes e mascaradas apagadas. Porto-Alegre, naquella tempo, era cidade velha e pequena, suas casas não iam além da rua da Conceição e margeavam o rio silencioso.

O autor da "Historia Literaria" evoca este passado com verdade e carinho, ora mostrando a vida daquella associação, cujos membros batalharam em prol do nosso abolicionismo e ensino; ora, as noites de arte, que mantinham uma especie de 35 literario, farrupilha e romantico.

Mas, entre as figuras estudadas, não foi lembrado o perfil romantico e amoroso de Amalia Figueirôa, lyra apaixonada que se quebrou de amores. Seu livro dos "Crepusculos" mereceu de ser prefaciado pelo grande Apollinario. Era este, critico judicioso, além de sabio, prosador e poeta.

Da obra regionalista de Porto-Alegre, as "Paisagens" pertencem ainda ao sertanismo romantico; mas nella se alteiam já perfis como o de Sancho Escafuza — monarcha das cochilhas.

Foi, em verdade, a quasi resurreição do nome, hoje ingratamente esquecido, de Appolinario Porto-Alegre, obra carinhosa e sincera que nobremente distingue ao critico consciente e generoso da "Historia Literaria".

Nesse empenho vivem todas as paginas de seu livro. Ora é o perfil romantico e amargurado de Lobo da Costa, pagina perfeita de critica; ora, a figura agorenta e mysteriosa de Mucio Teixeira, de estylo leve e sorridente. Sem negar os talentos deste poeta romantico e regionalista, julgo, porém, serem os seus versos regionaes inferiores aos de Taveira Junior; e não encontro impropriedades de imagens, como noutro logar se affirma, na musa campeira de Piá do Sul...

São duas pequenas discordancias, que antepoño ao livro que tenho em mão.

Pelo que já vai dito, não conseguirei externar todas as minhas impressões e tudo que aprendi desse livro meditado e escripto com larga sciencia pelo seu autor.

As paginas se succedem, e, ao depois, cruzam os grandes poetas mortos: — o maior, Marcello Gama, ao lado de outro, fidalgo e excelso, Fontoura Xavier. Ambos os dois têm emotividade e ironia, uma certa perversa bondade esthetica.

A escola parnasiana, que no Brasil foi marmore e carne, não domina entre nós, a não ser atravez da musa e da influencia gloriosa de Bilac, dos versos da mocidade. O nosso temperamento é mais calmo, quando não melancolico. É este parnasianismo, inflammado e titanico, embóra hoje Araujo Porto-Alegre seja mestre e avô da fórmula parnasiana, como Virgilio, "*rei dos parnasia-*

nos", não foi aqui muito imitado. E' que a nossa poesia é mais primitiva. Dahi, a influencia do symbolismo, Samain, Verlaine e Francis James, na obra, hoje escola dominante, dos modernos poetas rio-grandenses.

Assim tambem pensa o critico e autor, quando explica que o parnasianismo exerceu no Rio Grande limitadissima influencia, e o mesmo não se poderá dizer do chamado movimento symbolista.

A "Historia Literaria" não pretende ser um quadro da evoluçãõ dos generos, que determine então todas as modalidades do pensamento riograndense. Deseja, muito ao contrario, fugir até da chamada escola allemã; e, como seu titulo diz, não é obra de erudiçãõ, antes é de cultura literaria.

Foi consagrada ás glorias do passado, como cippo das nossas tradições, retomando, porém, feitiõ estrictamente literario.

Não cogita, por isso, do genero das monographias e obras de erudiçãõ, nem do jornalismo presente. Vai aqui uma leve referencia aos escritores que, nesse officio, actualmente se impõem pela continuidade de seus trabalhos. Pelos livros seus publicados, têm nome de prõl nas sciencias juridicas, os drs. Carlos Maximiliano e Fernandes Antunes. E os estudos, obras e monographias eruditas, do dr. Francisco R. Simch, deram-lhe gloria de sabio.

Além de ser dono de estudos historicos e economicos e autor de um livro recém publicado, "O Brasil e a doutrina de Monroe", o dr. Leonardo Truda exerce a critica das artes plasticas e musical, com grandes conhecimentos e visãõ esthetica. Pela amplitude de sua cultura e actividade, é elle um dos maiores jornalistas da actualidade no Rio Grande.

Vê-se agora que é resumida a actividade intellectual e relaçãõ de livros riograndenses. Na prosa não tivemos escolas literarias, além do regionalismo gaúchesco. Nenhuma outra brotou. E' que ainda pertencemos á terra grõssa. Sem cultura, nem arte, a gente riograndense possui o senso exaggerado das realidades. Vive a vida quotidiana de povo ainda pastor e movimentado.

O mundo das cidades populosas e coloniaes é um turbilhãõ de gente recém-chegada, e a quietude das pequenas é o patriarcalismo ignorante das cidades mortas.

Temos a paisagem interior; não temos, porém, a perspectiva humana de que falava Nabuco.

A nossa literatura de ficçãõ quasi se adaptou ao meio: — é nobremente regionalista. A tradiçãõ barbara do fogãõ nos dá uma literatura tambem barbara, unica realidade nossa.

Esta preeminencia foi estudada, com attençãõ, na parte do livro que trata do romance e conto gaúchescos.

Ahi, reapparecem, numa encruzilhada, os gaúchos antigos de Simões Lopes Netto, e os gaúchos de lenço de seda e paia de seda do sr. Alcides Maya, dois grandes regionalistas do pago.

Mas um morto illustre e poeta glorioso, vivo no coração riograndense e na voz dos gaúchos, não foi recordado.

Em verdade, seu livro traz um destino cruel, destino que representa um largo periodo de vida. Symbolisa a tristeza do gaúcho antigo ao contemplar a grande fazenda de São Pedro, moderna já, sem pasto nem tronqueira.

O fundo é politico, mas social, e a fôrma bem gauchesca. Amaro Juvenal escreveu a gesta do Rio Grande; seu poema campesino, *Antonio Chimango*, se tornou por isso, o mais conhecido aqui de todos os livros populares.

Digressão sem belleza, mas de entusiasmo foi esta minha pelo livro erudito e amavel que soube dar nobremente o balanço das nossas letras. Nelle as excellencias dos outros são realçadas. Muito de antes já as opiniões do critico riograndense eram acolhidas pelos escriptores nacionaes: assim Ronald de Carvalho, assim Tristão de Athayde, que o citava em seu culto ensaio sobre *Affonso Arinos*.

A "Historia Literaria", obra altamente traçada, veio augmentar esse tributo de valor.

Ella me fez pensar num elevado e generoso esforço em pról da nossa gente, e traz a confirmação dos meritos do escritor e critico elegante e artista.

Setembro — 924.

CYRO NOBRE





O ROSTO E A CAVEIRA

UM dia, ao passar por uma rua da Gloria, fui attrahido por um leilão. Entrei levado pela curiosidade. Era um interior confortavel, onde, entre quadros e moveis antigos, se viam livros preciosos em lotes, despertando a attenção de algumas pessoas, interessadas em adquiril-os por uma bagatela.

Fiz, machinalmente, um lance, e o leiloeiro loquaz, depois de apregoal-o e de, por uns minutos, perder o seu preconicio emphatico, bateu o martello.

Foi obra de acaso ficar de posse de um livro raro, uma velha edição de uma obra famosa sobre occultismo e cousas esotericas, onde o paciente autor commentava a sciencia theurgica de Pythagoras, e os dialogos de Platão.

Folheando, numa noite de tedio, o estranho volume picotado de traças, encontrei umas tiras de papel, amarellecidas pelo tempo, onde mal se percebiam as letras nervosas que continham.

Servi-me de uma lente para decifrar o seu conteúdo, que encerrava o enigma de uma alma satanica de mulher. Uma historia de amor que fugia á frivolidade do thema.

Eil-a:

“Conheci-a em todo o esplendor de sua maravilhosa belleza. Era uma estatua de carne, uma Venus plasmada em lôdo anímico...

Em seu corpo esculptural cantava o rythmo das curvas, na harmonia das linhas perfectas e na graça ondulante dos contornos.

Por onde passava a sua silhueta de Tanagra despertava nos homens uma gula de sensualidade, lembrando uma bacchante que dansasse sobre rosas, ao luar.

Possuia o encanto conjugado de todas as seducções: movimento lubrico de serpente, voz cariciosa de gorgeio, olhos magicos irradiando a caricia nocturna dos abysmos...

Léa era a espiritualização do mysterio, um paradoxo da natureza: tinha a suave angelitude das feições e um coração de féra. Dava-me a impressão de um monstro... por dentro, de uma Esphyngue que se fizesse alma.

Quanta vez, toda núa, a desprender os negros cabellos, numa attitude de Éva, não tive a illusão de sentir o affago da noite, suppondo-a um capricho goyesco da noite.

E, nesses momentos de extase, os seios surgiam-me á feição de dois mundos, de pomos lunares, offerecendo, no seu conjuncto opalescente, a belleza espherica do Universo, como si fossem uma floração exotica dos polos...

Nietzsche, si a tivesse conhecido, não diria que o mais formoso corpo é tão somente um veu, que occulta alguma cousa mais bella.

Léa era divinamente linda. Sim, de um corpo magnifico. Mas teria alma? Não creio...

A's vezes, no meu desespero imaginava-a uma estatua grega, que tivesse o dom da vida.

Quando a vi e me subjugou, dansava num *cabaret* de Montmartre, como rainha do vicio e da bohemia do Bairro Latino.

Entreguei-lhe o meu sonho de arte e a minha fortuna.

Fomos felizes dois mezes, emquanto o meu dinheiro conseguiu retel-a nos meus braços e satisfazer-lhe a vaidade morbida.

Os seus caprichos — soube-o depois — já haviam feito uma serie de infortunios. Em holocausto de suas joias, de seus vestidos e de suas extravagancias, um principe russo, despojado dos milhões, mettêra uma bala no coração; um pintor inglez, que a tomára para modelo, enlouquecêra; um estudante mexicano morrêra num duello e um apache fôra encontrado, em certa noite de inverno, com um punhal cravado no peito.

Era uma personagem tragica, parecendo a encarnação da Fatalidade, surgindo da imaginação allucinante de um morphinomaníaco.

Não sei como descrever a sua louca figura, entregue ao dominio absorvente do espelho. Dir-se-ia um sonho vertiginoso de Edgard Pöe.

Escrava do luxo, vivendo para o goso de sua propria contemplação, não amava ninguem, amava-se a si mesma, num requinte de egolatria.

Tinha o prazer sadico de se deixar torturar pelo seu narcisismo obsediante.

Recordo-me de um facto, que até hoje me ficou gravado na memoria. E quantos annos já se passaram!

Querendo surprehendel-a, trouxe-a-lhe uma braçada de rosas. Entrei pé ante pé no seu quarto. Deitada sobre uma pelle de tigre, defronte ao crystal polido do toucador, inteiramente despida, Léa se adorava, vendo reflectida a sua imagem soberba. Sorria, num supremo orgulho de sua carne esplendida. Semelhava, assim, a "Venus deante do Espelho", de Velasquez.

Após alguns minutos de enlevo, avancei. Ella nem deu pela minha chegada. Desfolhei, num gesto de galanteria, as flores sobre o seu corpo admiravel. E sob a chuva de rosas, Léa se me afigurava uma divindade, alguma cousa de irreal, de grandioso, como si fosse um cysne enigmatico, uma symphonia branca de nebulosas...

Quando, exgotados os meus recursos, procurava prendel-a para que não me fugisse, deixou-me sem um adeus.

Percorri todos os recantos de Paris. Não na encontrei. Desesperado e com um odio mortal pela mulher fatidica, viajei quasi toda a Europa.

Declarada a guerra, vim para o Brasil. Mas a sua lembrança não me deixava. Orgias e toda a sorte de loucuras e excessos não me fizeram esquecer-a.

Consegui voltar para Paris pouco antes da assignatura do armisticio.

Soube, por um amigo, que Léa morrêra, quando, numa cidade belga, os allemães entravam victoriosos.

Fui, movido por um impulso diabolico, ao logar onde ella succumbira. Mãos piedosas lhe deram uma sepultura. Uma cruz, com o seu nome gravado em letras mal traçadas, indicava-lhe o paradeiro.

Fiquei horas esquecidas ao pé da humilde sepultura. Depois, sem estar senhor de minha razão, num acesso de rancor insopitavel, comecei a destruir o seu pobre jazigo. O esqueleto estava quasi á flor da terra e o craneo separado do tronco. Fiquei presa de uma furia selvagem. Segurei a caveira e, depois de interrogal-a com sarcasmo, escondi-a sob o sobretudo, como quem occultasse um immenso thesouro.

De regresso ao Rio, trouxe-a commigo. Nunca mais me separei da funebre reliquia...

Parece que, em alguma remota vida anterior, já fui indio guerreiro, dos que guardavam como tropheus os craneos dos inimigos vencidos...

No silencio do meu gabinete, alta noite, quando, sem poder explicar o phenomeno psychico, se apodera de mim uma violenta

vingança postuma, fico longo tempo a fitar a caveira e a estabelecer o contraste com o rosto angelico que fôra antes.

— Como mudaste, Léa!

È rindo nervosamente, com um olhar de desdem e uma entonação de voz soturna, ponho-me a celebrar o meu hediondo triumpho, numa tortura hamletica:

— Onde estão os teus olhos que eram a fulguração do mysterio e encerravam um encanto nocturno?

A caveira, com as orbitas vasias, me olha sinistra, numa expressão de horror.

— Onde a tua bôca, taça transbordante do prazer, em que fervia a espuma dos sorrisos, a tua bôca, morada do rythmo, fonte de tua voz, e os teus labios, feitos para o beijo?

A caveira, com os dentes intactos, numa gargalhada muda fixa e pertinaz, surgia-me como um sorriso do Nada...

— Onde a tua belleza, mulher, que te extasiavas com o teu semblante auroral, gosando a tua vaidade, o teu orgulho, o teu invencivel poder?

A caveira, que, um dia fôra, revestida de carne, de uma belleza fascinadora, apparecia-me com o mesmo aspecto de pavor de todas as caveiras.

Os rostos se caracterizam por uma configuração peculiar a todos os seres humanos, mas a morte, arrancando-lhes a mascara, mostra nas caveiras uma uniformidade absoluta: todas são eguaes e a todas a terra destroe.

— Onde, Léa vaidosa, mulher de orgulho imperial, está o teu rosto-celeste?

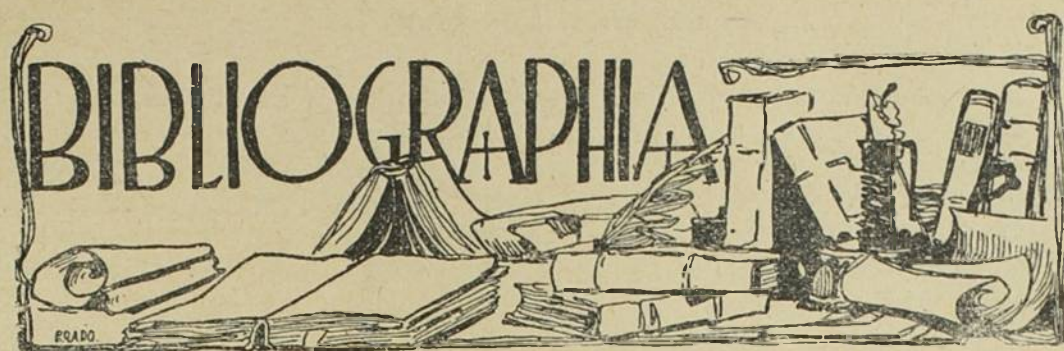
E, para maior tripudio da minha vingança implacavel, colloquei a caveira deante de um espelho..."

— De quem foi a casa da Gloria, onde hontem houve um leilão? — indaguei ao leiloeiro, quando fui pagar-lhe.

— Pertencia a um celibatario original, que desperdiçou a fortuna em Paris e se matou, ha uma semana, victima de uma neurasthenia aguda.

Ao chegar á casa, o meu primeiro gesto foi queimar as tiras de papel, que encontrara dentro do livro raro, picotado de traças. E, agora, ao se me deparar uma caveira, ponho-me ao trabalho de reconstituir, mentalmente, a figura que se apresentou em vida, estabelecendo o confronto sarcastico...

SAUL DE NAVARRO



SERVIÇO DE DEFESA DO CAFÉ — Arthur Neiva, Costa
Lima, Navarro de Andrade e Queiroz Telles — Publicações
ns. 1, 2 e 3 — São Paulo — 1924.

O “stephanoderes coffeae”, que infesta os cafezaes de alguns municipios paulistas, teve o condão de fazer com que, num repente, se organizasse em S. Paulo verdadeiro “exercito de salvação”, cuja eficiencia nada deixa a desejar ao que de melhor se faça ahi pelo exterior. Entregue á capacidade de Arthur Neiva, scientista forrado de homem de acção, a campanha se desenha com lineamentos auspiciosos, que fazem crer na mais bella e proxima victoria. O governo paulista teve felizmente a comprehensão exacta do mal e, abrindo mão de velhos e rotineiros habitos, facultou ao illustre patricio todos os elementos de que carecesse para a luta e lhe proporcionou a mais ampla liberdade de acção. O “Serviço de Defesa do Café”, improvisado em mezes, é hoje um aparelhamento que faz honra ao grande Estado.

Uma das modalidades de sua acção, a primacial quiçá, e a mais inçada de difficuldades — a tarefa de levar a todos os municipios, a todos os agricultores, a todos os habitantes, a noticia positiva da gravidade do mal e o conselho sabio sobre a sua minoração. Graças aos céos, porém, a mentalidade paulista evoluiu. Já se não despreza a palavra do scientista, do homem de laboratorio; o conselho da illustre commissão technica encontrou a mais franca acceitação, sendo obedecido sem pestanejar, embora mesmo ás vezes contra elle se possa levantar a voz dos praticos, que se dizem mais entendidos que os scientistas...

A propaganda que o Serviço de Defesa do Café vem emprehendendo é o que ha de mais bem feito. Póde rivalizar com o trabalho yankee. Nada de tapar o sol com peneira. A illustre commissão, a que pertencem, ao lado de Arthur Neiva, scientistas de valor como Navarro de Andrade e Queiroz Telles, não esconde a gravidade do problema, o que aberra dos moldes por que se tem pautado a luta mollenga contra outros flagellos do paiz. Não, com o intuito de gerar pessimismo. Mas sim, para não nos deixarmos tomar de palliativos, que, longe de beneficiar, podem trazer o descalbro da maior fonte de renda do paiz. Essa, a feição moral.

A material não lhe é somenos. Esmerou-se a illustre commissão no apresentar ao interessado a informação exacta sobre o mal. E para isso não olhou a despezas. Fez imprimir bellissimo cartaz a côres, em que, mesmo os ignaros dos segredos do alfabeto, podem ler toda a extensão do mal. Mostram nitidamente a evolução do caruncho em todas as suas phases, e o estado lastimavel a que se reduzem as bagas de café que afuroou. Impressiona. Não ha quem, vendo-o, se não deixe tomar de verdadeiro pavor pela sorte da lavoura cafeeira e se não disponha a entrar de corpo e alma na luta gloriosa.

Acompanham ao cartaz dois folhetos, admiráveis de clareza, nos quaes os illustres technicos se empenham em pôr ao alcance de todos os estudos emprehendidos sobre o terrivel insecto e as instrucções para o seu combate. Espalhados como estão sendo, hão de por força resultâr efficientes.

A proposito, entrevistado por um jornal carioca, assim se expressou Arthur Neiva, em palavras prodigas de encomio ao espirito de realização dos paulistas:

“O trabalho de divulgação e conselhos tem sido executado com rapidez. Penso intensifical-o, agora, pois, além da divulgação pelos jornaes diarios, dos conselhos e dos resultados obtidos com os trabalhos feitos nas fazendas, o Serviço de Defesa do Café já distribuiu, largamente, por todo o Estado, tres das suas publicações, numa das quaes, em cartaz artisticamente feito e colorido, são fornecidas instrucções sobre o modo de combater a praga, ao mesmo tempo que se torna conhecida a biologia do insecto.

“Em meados de Novembro, vae ser distribuido pelas escolas publicas, escripto em linguagem amena e ao alcance da intelligencia infantil, um livro illustrado, dando noticia da praga e dos processos de combatel-a.

“Deste modo o paulista ficará aparelhado para conter a devastação do malefico insecto, que sempre o ameaçará, temendo eu que invada elle outros Estados cafeeiros, o que é muito provavel aconteça, nos proximos vinte annos, ás culturas daquelles Estados, onde o espirito de realização e de determinação são bem differentes daquelles do povo paulista. Java, ha 16 annos que luta contra o “Stephanoderes”, o qual já deu cabo da cultura cafeeira de Sumatra.

“Tenho esperança de que em São Paulo a praga seja contida, embora não erradicada; e, se isto acontecer, como é minha convicção, será este mais um attestado da capacidade paulista para dominar o inimigo, que até hoje ainda não foi batido onde quer que tenha entrado.”

DA POSSE — Conselheiro Justino de Andrade — Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

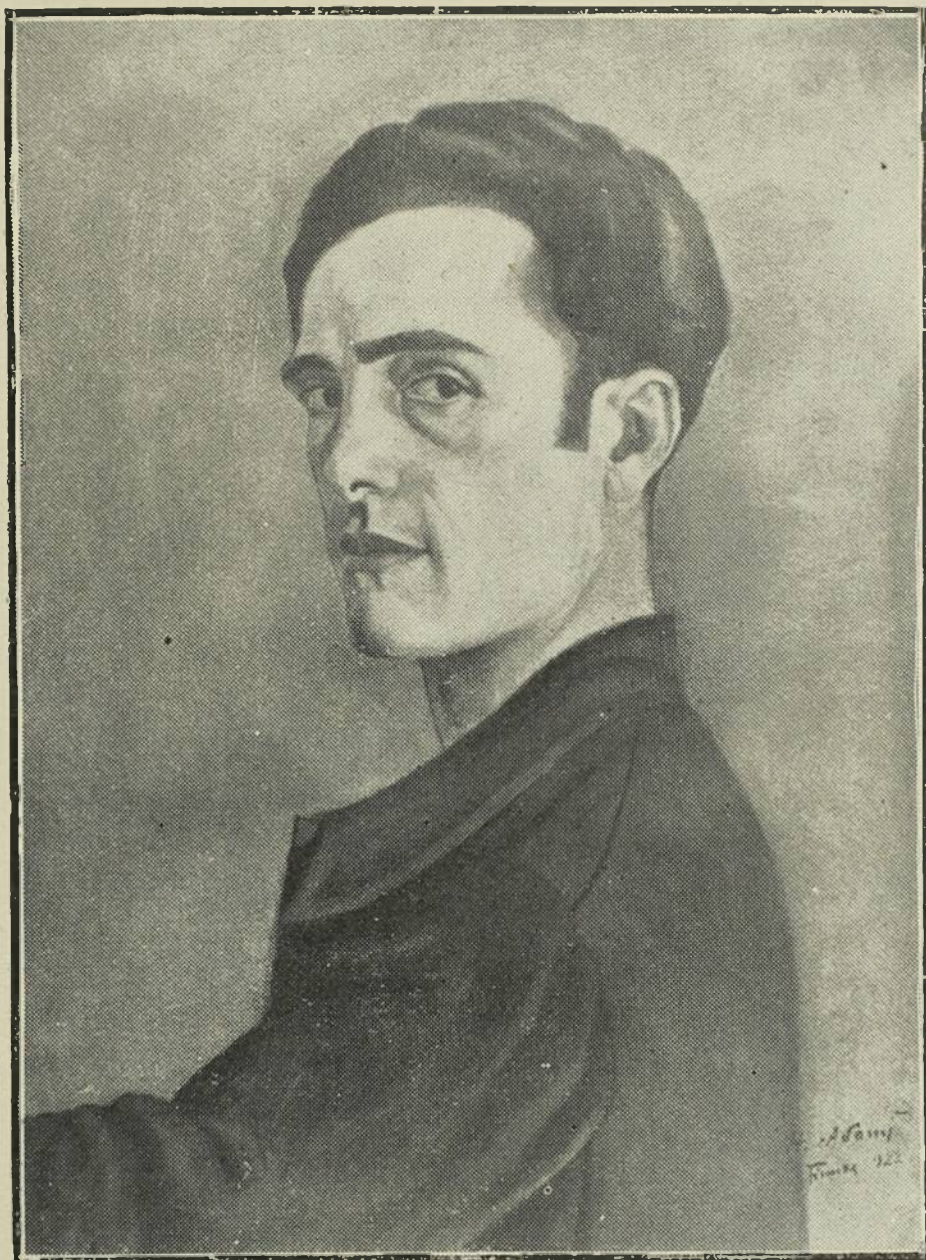
Professor da Faculdade de Direito de S. Paulo, onde leccionou por mais de um quarto de seculo a cadeira de Direito Civil e outras, o conselheiro Justino de Andrade escreveu um verdadeiro tratado daquelle ramo de Direito. Sobrevindo, porém, “a sua violenta jubilação pelo governo provisório, que o proprio snr. Teixeira Mendes verberou como um erro de Benjamin Constant”, queimou-o por completo, perdendo-se assim uma das melhores peças que viriam enriquecer o nosso patrimonio juridico.

Nem tudo, porém, consumiu o fogo... “Seus cadernos de prelecções, verdadeira preciosidade”, foram guardados pelo illustre ministro Sebastião de Lacerda, que intentava refazer por elles a obra incinerada.

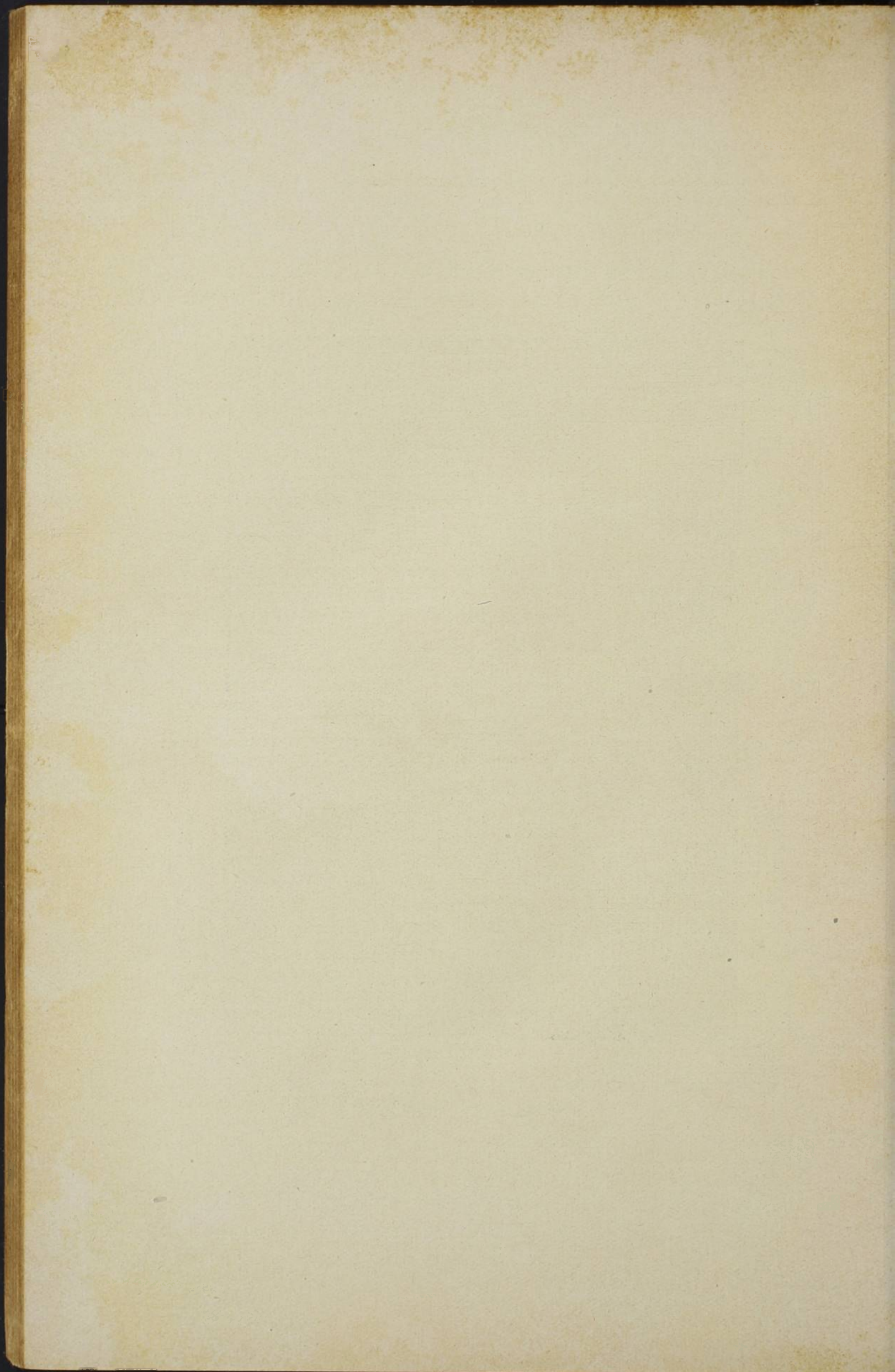
“São estes que constituem a presente monographia, a qual procurou adaptar e desenvolver, de accordo com as leis e o direito em voga, quando a publicou na “Revista do Supremo Tribunal”, em época immediatamente anterior á promulgação do Codigo Civil, que nesse titulo da posse guardou muitos dos principios explanados nas lições do grande professor, bem pouco sendo mesmo alterado na materia, que, de resto, não poderia, na sociedade actual, soffrer grandes modificações.

“O actual trabalho — escreve o sr. Sebastião de Lacerda — que representa o esforço de alguns lazeres dum longo ostracismo voluntario que o nojo da politica nacional me fez appetecer, e onde tinha de buscar no trabalho da terra como me bastar e a tres filhos que então educava e instruia para a vida pratica, só agora edito, com o relativo ao “direito da familia”,

ARTES E ARTISTAS



AUTO-RETRATO DE HUGO ADAMI,
joven pintor paulista ora em Florença.



que a elle farei seguir, porque no cargo por mim occupado se me demonstrou a deficiencia de nossa literatura juridica bem pouco rica de livros, principalmente sobre a posse."

Não é preciso pôr mais. O nome do conselheiro Justino de Andrade basta para recommendar o volume.

O CRIME D'AQUELLA NOITE... — *Menotti Del Picchia*
— *Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato* — *S. Paulo*,
1924.

O sr. Menotti Del Picchia continua a occupar um dos primeiros logares entre os que exploram a novella no Brasil. A' "A mulher que peccou", que o revelou habilissimo no genero, tanto quanto no verso, no romance e na chronica, seguiu-se "Dente de ouro", que vac fazendo carreira, e agora "O crime daquella noite..." Nos mesmos moldes a que se affeiçoou o publico, denuncia um grande conhecedor da carpintaria da novella, que é sempre a difficuldade maior que ao escriba se antolha. Já não ha aqui paginas a supprimir. Tudo é essencial. Só o essencial. Desenho de personagens em dois toques, scenas rapidas, dialogos incisivos, mas tudo muito bem concatenado, de maneira a não percer o interesse do leitor. O que outrem diria em paginas de analyse, dil-o o autor em duas palavras.

Outra qualidade a destacar: põe em letra de forma caso clinico perfeitamente plausivel, qual a obsessão da personagem central. Victima da sanha de um fauno de olhos vidrentos, revê-lhe a mãe a figura horrivel nas feições do rebento em gestação... Mal nado este, branco como os amores, enxerga-lhe, no delirio da febre, a pigmentação negra do satyro e, horrorisada, estrangula-o para que não lhe seja em vida opprobrio e tortura... Essa, em poucas palavras, a these da novella. Mas é preciso lê-la, para apprehender a felicidade com que o autor engendrou as scenas até o tragico desfecho final. Emocionante na verdade, muito emocionante.

FRIDA MAYER — *Vivaldo Coaracy* — *Cia. Graphico-Editora*
Monteiro Lobato — *S. Paulo* — 1924.

Frida Mayer — é uma descendente de allemães vindos para o Rio Grande do Sul. Sua vida, agitada aos entrechoques de preconceitos e de necessidades materiaes, deu ensejo a que o sr. Vivaldo Coaracy escrevesse um bello romance, que se lê com prazer. Não só, porém, a trama desperta interesse. Ha observações sensatas, ha typos bem delineados, que se movem num fundo desenhado com grande verismo. Nem sempre o leitor concorda com os conceitos que exprime, injustos muitas vezes, mas assim mesmo teima em acompanhá-lo até á ultima pagina — o incendio ateado pela mão irreflectida do povo ás propriedades allemãs de Porto Alegre, quando da guerra européa.

Quasi todo o romance, aliás, se desenvolve durante os primeiros annos do conflicto internacional, o que faz com que resulte nitida a superexcitação dos animos, tangidos de vibrações intensas de nativismo. O sr. Vivaldo Coaracy, embora exaggerando aqui e ali o alcance dos acontecimentos, conseguiu fazer obra apreciavel. "Frida Mayer" póde figurar entre os melhores romances das ultimas gerações.

O FUNDO DA GAVETA — Rodrigo Octavio Filho — Ed. Anuario do Brasil — Rio de Janeiro, 1924.

O sr. Rodrigo Octavio Filho, que já conheciamos através de uma collectanea de poesias, dá-nos agora livro de prosa, em que se revela tão bom prosista quanto poeta. "O fundo da gaveta" é uma serie de ensaios bem pensados e bem escriptos, em que fixa as suas impressões de leitura, de audições e de exposições artisticas. Embora lançados ao papel em varia época, apresentam relativa unidade. A expressão não se apedanta, nem vem no desamano tão do aprazimento da ignorancia que se enroupa de simplicidade: sempre correctea e com uma pontilha de originalidade.

A primeira parte são cousas do "tempo da guerra": uma evocação de Bruges "cidade morta", a arte de Steinlen, a poesia de Corrêa de Oliveira, a prosa de Henry Malherbe, cujo livro "nascido de entranhas sangrentas das batalhas", teve o premio Goncourt de 1917.

A segunda parte — "A alma dos outros"... — contém estudos breves mais percucientes sobre Cesareo Bernaldo de Quirós, Paul Fort, Carlos Reis, Oscar Wilde, Wiertz, Risler, Antonio Alice e outros, fechando o livro — bella evocação dos modos e modas de 1822.

O PECCADO ORIGINAL — Rocha Ferreira — Ed. M. Victor — S. Paulo — 1924.

O sr. Rocha Ferreira vae indo com muita sêde ao pote. Empolgou-o a febre da publicidade. Em menos de um anno, junta a seus tres primeiros livros, mais dois e já nos annuncia uma série de nada menos de oito... Este, porém, não chega a ser livro: apenas plaquette, com umas trinta e poucas paginas, afóra outras tantas em branco...

Mas o poeta progride. Deixou o soneto pelo epigramma. Saiu-se melhor, não obstante a difficuldade desta forma poetica de que se veste a sabedoria. Algumas das composições são apreciaveis. A mór parte, porém, apenas deixa ver a esperança de que os realize melhor amanhã, quando a lida com os homens e os livros lhe ensinar uma porção de coisas que não pode saber em razão de sua pouca idade.

Comtudo, não deixa de ser bella a coragem de quem se affoita a, tão a miude, vir a publico.

CARTAS A' GENTE NOVA — Nestor Victor — Ed. Anuario do Brasil — Rio — 1924.

O sr. Nestor Victor (neguem-no embora outros) tem exercido benefica influencia no animo das ultimas gerações de escriptores brasileiros. Mettido com os seus livros, só de raro em raro apparecendo na imprensa, mesmo assim age: discretamente vae dizendo aos que lhe vão á porta a palavra de applauso e de conselho.

Esta acção, porém, passaria despercebida ao publico se não se tivesse resolvido a enfeixar em volume as suas epistolas, o que acaba de fazer por intermedio da casa editora "Anuario do Brasil". Deu-lhes o bello titulo de "Cartas á gente nova", que não diz, no emtanto, o que na verdade é.

Entre essa gente nova ha escriptores que, tendo ido buscar-lhe acoroçoamento e lição, já galgaram o galarim da fama... E' bem o caso dos grãos de aveia de que nos fala o apologo. Acinte collocados nas raizes do buxo a plantar, dão-lhe o impulso inicial e se estiolam humildemente

entre as raizes bracejantes, enquanto elle se ergue para o céo, altanado e cheio de si... A quanto buxo que por ahi banca a importancia não teria o sr. Nestor Victor dado o primeiro ajutorio!

Em compensação, outros ha que não passaram da brilhante promessa que a critica costuma ver nos rapazes estreantes. Mas em conjuncto, o livro dá bella idéa do nosso movimento intellectual nos ultimos annos. Apenas destoam expressões de familiaridade e despiciendas cortezias, que, si têm logar em cartas, são em livro prova de máo gosto.

PERICLES DE MORAES, ANIMADOR DE SENSAÇÕES
— Leopoldo Peres — Ed. Livraria Classica — Manáos — 1924.

O titulo desta plaquette está a dizer do conteúdo. Não é preciso mais que ler o primeiro periodo para que se tenha idéa da desapoderada torrente de encomios que se derrama pelas suas paginas:

"O livro de ensaios esthéticos com que o sr. Pericles de Moraes vem de sacudir e alarmar, numa revelação magnifica e de todo o ponto sorprendente, as letras nacionaes, escalando, de um surto, o acume da mentalidade brasileira contemporanea, é o documento inconfundivel de um espirito que attinge o mais alto esplendor. Inquietante o espectáculo que nos offerecem esses refulgentes estudos: o do um escriptor, cuja arte venusta inesperadamente nos sorri, surgindo em face da vida, — como Pallas-Athena, "a deusa do claro olhar", da cabeça maravilhosa de Jupiter-Olympico, — toda abroquelada de oiro e apercebida para os jogos floraes da Belleza."

O sr. Pericles de Moraes — já o dissemos aqui — é, por certo, um critico de quem se pode esperar muito. Mas é victima da mesma obsessão da sonoridade verbal que nos revela este seu prodigo encomiador. O tempo ha de lhes repetir a lição que tão tardiamente se fez ouvir a esse grande espirito que é Coelho Netto.

LA VENUS CALCHAQUI — Gonzalez Arrili — Ed. "Nuestra America" — Buenos Aires — 1924.

A revista argentina "Nuestra America", que se publica desde 1918, inicia uma serie de edições de autores hispano-americanos. Seus intuitos se definem nas seguintes palavras:

"O intercambio intellectual em nosso continente vem-se realizando de maneira tarda e deficiente, por se carecer de uma empresa editora dedicada ao seu fomento. Vendem-se na America as obras de seus filhos que se editam em Madrid ou em Paris. Os demais não logram ver suas obras circular além das fronteiras dos seus respectivos paizes.

"Nuestra America" intentará libertar aos autores dessa dependencia das empresas editoras europeas, levando directamente a todos os paizes americanos o pensamento, a obra artistica, o sonho dos autores que se irmanam e se identificam pelo facto de manejar um mesmo idioma e possuir o mesmo espirito.

"Inicia sua serie com a obra de um joven autor argentino. A elle seguir-se-ão volumes escriptos por uruguayos e chilenos, mexicanos e peruanos, equatorianos e brasileiros, paraguayos e cubanos, colombianos e centro-americanos, venezuelanos e porto-riquenses, bolivianos e dominicanos, todos aquelles, emfim, que devem permanecer espiritualmente unidos através das distancias e apezar das chancellarias. Cada paiz da America Hespanhola figurará com um autor nesta primeira serie."

Isto posto, desnecessario se torna frisar o extraordinario alcance da empresa. Quanto ao nosso paiz, por uma razão economica, afóra a differença da lingua, julgamol-a menos facil; os livros argentinos e hespanhóes resultam-nos quasi sempre por um preço desanimador, tanto mais quanto os de outras origens se nos offerecem em boas condições de compra. A providencia inicial, pois, para a intensificação do movimento approximativo dos povos americanos, reside numa questão de moeda. Solvidã esta, o resto virá por si.

Quanto á obra com que se abre a bibliotheca de "Nuestra America", só bem se lhe póde dizer. "La venus calchaqui" é uma novella interessantissima, em que Gonzalez Arrili se affirma um dos mais bellos engenhos da moderna Argentina. Sua prosa fluente e singela, laiva-se de certa melancolia que vae muito bem com as scenas que nos põe sob os olhos, as quaes, por via disto, respiram realidade.

Para apresentação da série, nada melhor. E a prova de que empreendimentos deste jaez merecem acoroçoados está em que, sendo Gonzalez Arrili autor de varios volumes e nome acatado na Argentina, cá por estas brasiljas plagas soou com accentos desconhecidos...

DIAS DE PAVOR — Aureliano Leite — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

Os acontecimentos de Julho ultimo vão dar margem a uma nova literatura desconhecida por estas bandas: a literatura da guerra. Os vinte e tres dias horriveis em que a metralha atroou os ares do pacato burgo de Anchieta — improvisamente feito campo de operações, em que se erguiam por todos os cantos trincheiras e palissadas e em que se ouvia por toda a parte o grito da fome e da dôr — são, na verdade, de molde a inspirar as mais bellas paginas. Por outro lado, aos que se não fizeram apenas meros assistentes da ingloria luta, mas nella foram parte, muito haverá que contar e enaltecer, principalmente no capitulo do heroismo e da coragem, em que se praticaram de parte a parte proezas das mais destacaveis. Ha de vir tambem, de envolta com esses relatos, a palavra causticante que estigmatize os verdadeiros responsaveis pela situação precaria a que nos reduzimos naquelles ominosos dias.

Coube ao sr. Aureliano Leite iniciar o novo genero. "Dias de Pavor" é o primeiro livro que apparece sobre a revolta. Despertou grande interesse, não apenas pelo facto de ser a primeira contribuição escripta para a historia do movimento, como por apresentar ao publico uma serie de aspectos novos que passariam despercebidos, a não ser contados, como é o caso, por quem acompanhou de perto a marcha dos acontecimentos. Dá bem uma idéa daquellas tenebrosas jornadas. E a prova de que tem valia está em que, publicado ha menos de um mez, já se encontra em segunda edição.

CONSELHOS DE MINHA AVO' — Violeta de Dénis — Empresa Editora Portugal — Rio — 1924.

A sra. Violeta de Dénis, que conhecemos através de dois ou tres livros ha pouco publicados, reúne neste volume uma serie de chronicas de jornal e de impressões de leitura, que, se não trazem brilho novo á sua bagagem, tambem não se apoucam ao lado della.

THE RUHR CONFLICT — Henri Lichtenberger — Carnegie Endowment for International Peace — Washington — 1924.

A fundação Carnegie pró-paz acaba de publicar em folheto o relatório do sr. Henri Lichtenberger, a propósito da questão do Ruhr. Pondo o problema nos seus devidos termos, esse trabalho se caracteriza pelo cunho de imparcialidade que soube imprimir-lhe o illustre professor da Sorbonne.

SOLUÇÃO DA CAUSA DO MAL ESTAR DAS NAÇÕES — João Assumpção — São Paulo — 1924.

Orientado no mesmo sentido por que se orienta a Fundação Carnegie, o sr. João Assumpção propõe, para remédio ao problema universal de momento, a criação do Banco Emissor das Nações, cuja organização estuda com proficiência. Versa também o caso do desarmamento das potências, que julga viável com o instituir-se um exercito internacional. Suggestões sensatas e plausíveis desde que se conseguiu crear a Liga das Nações.

CARTAS DE TEÓFILO — Fran Paxeco — Ed. Portugalia — Lisboa — 1924

O sr. Fran Paxeco teve as honras da amizade de Teófilo Braga. Cartearam-se amiudadamente durante annos. Morto agora o grande sabio, não se julgou aquelle com o direito de guardar para si as formosas epistolas. Reuniu-as em volume, que alcançou cerca de cem paginas. Não andou mal. As cartas em geral tratam de cousas interessantes, principalmente questões literarias, philologicas e ethnographicas, em que o assenso ou dissenso do genial sabedor é sempre acatavel como palavra de mestre.

POEMAS HEROICOS — Juan Manuel Cotta — Ed. Arnaldo Moen — Buenos Aires — 1923.

Contando as glorias do povo argentino, de que mui se orgulhece, remonta-se o autor em voos épicos, que não deslustram o que de melhor tem produzido a intellectualidade do paiz amigo. Por algumas destas paginas, passa um largo sôpro emocional, de que só são capazes raros temperamentos.

BRIZNAS, SURCOS Y EVOCACIONES — Juan Manuel Cotta — Editorial Tor — Buenos Aires — 1924.

Neste outro livro, está outra face do talento do sr. Juan Manuel Cotta: a lyrica. São palavras suas:

“Este volume contém tres capitulos, como é facil observar, que podem ser tres livros pequenos. Em “Briznas”, faço poesia syntetica a meu modo, tratando de engastar um sentimento, uma idéa, ou uma imagem. Em “Surcos” ha largas tiradas de versos sobre temas velhos, mas sentidas com estro proprio e arrancadas ao vivo da experiencia ou da natureza. “Evocaciones” é um capitulo de confidencias, de quadrinhos

contemplados através de varios lustros. Em resumo, todo o livro é uma demonstração... Um mosaico, dirão. Seja. Eu digo "uma demonstração".

CODIGO DA SAUDE — Dr. R. Chapot-Prévost — Typ. Metropole — Rio — 1924.

O eminente cirurgião Chapot-Prévost, cujo nome está ligado a um dos mais celebres casos de cirurgia que se têm dado em nosso paiz, publica uma pequena obra de grande alcance. Com a sua longa pratica de clinico, estabeleceu uma serie de 22 preceitos de hygiene, que constituem de facto verdadeiro codigo de saude. Eil-os:

- 1º) Dividir o dia em tres partes: uma para o trabalho, outra para o somno e a terceira para recreio do corpo e do espirito.
- 2º) Deitarás cedo e cedo levantarás.
- 3º) Todas as manhãs lava-te, com presteza, dos pés á cabeça.
- 4º) Dentes, boca, ouvidos, unhas, cabellos, limparás cuidadosamente.
- 5º) Não temas calor nem frio, mas teme resfriar-te.
- 6º) Com roupas amplas, leves e limpas te vestirás.
- 7º) Adquire resistencia ás intemperies por exercicios frequentes.
- 8º) Desimpedirás o teu ventre á hora exactamente fixa.
- 9º) A poeira retiral-a-ás passando panno humido.
- 10º) Ar e sol devem inundar tua habitação.
- 11º) Procurarás respirar ar puro com a boca hermeticamente fechada.
- 12º) Destruirás todos os animaes nocivos do corpo e da habitação, para evitar males virulentos.
- 13º) Escolherás teus alimentos com cuidado e criterio.
- 14º) Deverás ser sobrio, especialmente no verão.
- 15º) Faras perfeita mastigação dos alimentos e deglutirás lentamente.
- 16º) Beberás a agua aos goles e só no fim das refeições.
- 17º) Farás tres refeições diarias, sendo a terceira pouco abundante.
- 18º) Abster-te-ás de carne á noite, pois é veneno.
- 19º) O alcool e o fumo, desprezarás como toxicos.
- 20º) Dormirás com as janellas do quarto largamente abertas.
- 21º) Quando doente, deverás tratar-te sem demora.
- 22º) Assim protegerás tua saude e viverás vida longa.

ARCHIVOS DO MUSEU NACIONAL DO RIO DE JANEIRO — Direcção de Arthur Neiva, Miranda Ribeiro e Roquette Pinto — Volume XXVI — Imprensa Nacional — Rio — 1924.

Está sendo distribuido o 24º volume dos "Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro". São mais de trezentas paginas, em que se contêm os seguintes trabalhos:

- O Rio Iran-Vedj nas tradições persas — A. Childe.
- Notas philologicas — A. Childe.
- Catalogo systematico e synonymo das formigas do Brasil — Thomaz Borgmeoer, O. F. M.
- Opoliones liniatores do Brasil — Dr. Mello Leitão.

- Observações sobre algumas phases evolutivas de ceratophrys e stombus — Alipio de Miranda Ribeiro — Versão ingleza de E. May.
- Viagem mineralogica na Provincia de S. Paulo (hoje Estado) — José Bonifacio de Andrada e Silva e Martim Francisco Ribeiro de Andrada.
- Nota critica sobre a ornis do Itatiaya — Alipio de Miranda Ribeiro.
- Avifauna da serra do Itatiaya — Pedro Pinto Peixoto Velho.
- Dez dias de observação sobre a fauna do Estado do Pará — Pedro Pinto Peixoto Velho.
- Um cafeeiro interessante — Professor Alvaro da Silveira.
- Oribatideos brasileiros — Dr. Max Sellnick. Trad. de Dona Snethlage.
- Contribuição para o conhecimento dos phorideos do Brasil (phoridae-diptera) — Thomaz Borgmeier.
- Observações sobre a duração da phase pupal de rothschildia speculum (Maas. & Weym).
- Especies congeneres — Edward May.

RECEBEMOS MAIS:

- Revista de Filologia Portuguesa* — Rua de S. Bento n. 40-2º andar, salas 12-14 — S. Paulo.
- Revista da Sociedade Rural Brasileira* — Rua Libero Badaró n. 119-3º andar — S. Paulo.
- Brasil Agricola* — Av. Rio Branco n. 133-1º andar — Rio de Janeiro.
- Chacaras e Quintaes* — R. da Assembléa n. 18 — S. Paulo.
- Vozes de Petropolis* — Petropolis.
- Boletim Hebdomadario de Estatistica Demographo-Sanitaria* — São Paulo.
- Varietas* — Rua da Consolação n. 284 — São Paulo.
- Camera Italiana di Commercio* — Rua de S. Bento n. 79-1º andar — São Paulo.
- Brazilian American* — Av. Passos n. 48 — Rio de Janeiro.
- D. Quixote* — Rua D. Manuel n. 30 — Rio de Janeiro.
- Boletim da Associação Commercial de Porto Alegre* — Rua dos Anáradas n. 242 — Rio G. do Sul.
- O Itiberê* — Estado do Rio Grande do Sul — Paranaguá.
- Revista de Revistas* — D. F. Mexico.
- Inter-America* — 407 West 117th Street — Nova York.
- Nosotros* — Florida 323 — Buenos Aires.
- Nativa* — Venezuela 670 — Buenos Aires.
- Sirio* — Rep. Uruguay — Montecaseros.
- Planter and Sugar Manufacturer* — 424 Camp Street — Nova Orleans — U. S. A.
- Cultura Venezuelana* — Rep. da Venezuela — Caracas.
- Iberica* — Hanseatische Verlagsanstalt, Hamburg, 36.
- La Revue Hebdomadaire* — Rue Garancière, 8 — Paris (6e).
- La Pensée Latine* — Boulevard Saint Michel, 30 — Paris (6e).
- Journal des Débats* — 17, rue des Prêtres Saint Germain-l'Auxerrois — Paris.
- Revue de l'Amérique Latine* — 2, rue Scrib. — Paris.
- La France Nouvelle* — Bd. Saint Germain, 286 — Paris.



A ONDA VERDE

Nestes dias frios de motim militar emquanto S. Paulo arde em peleja, decidi ler o livro de Augusto Ramos sobre o café. Elle me dera o seu trabalho o anno findo; mas, só agora tive tempo de affrontar aquelle "chemin des dames" de 645 paginas batidas, onde a rubiacea é apreciada, desde a sua influencia no scenario mundial, até na composição chimica da baga vermelha.

Dizia um critico celebre, recebendo Frederico Masson na Academia Franceza, que graças a este historiador, a historia hoje conhece até o rol das ceroulas, que possuia Napoleão. O eminente escriptor enfrentou os minimos detalhes da existencia de Bonaparte; e nem as suas cuecas deixou por inventariar... Graças a Augusto Ramos temos agora, depois do centenario da independencia do Brasil, um livro em que até o papel da rubiacea na hygiene alimentar é abordado e discutido com a sympathia ardente do propagandista. A sua obra parece, a certos respeito, um solido trabalho de crespá erudição allemã.

Sobre o café não ha nada mais a investigar. Tudo está ali descoberto, catalogado com uma minucia... á Frederico Masson. Não é só do que se passa no clima ideal, para a cultura do caféiro, entre os parallellos 20 e 24, atravez dos tropicos de Cancer e de Capricornio, que temos informação. Augusto Ramos esmerilha todos os factores, que dizem respeito á existencia da cultura caféira: acção dos ventos, da intensidade luminosa, das chuvas, das seccas, das altitu-

des, das geadas, dos mercados, dos processos de classificação e separação; questão de transportes, de plantação das arvores, horizontes da industria em todas as latitudes, para concluir sempre, com sereno optimismo, batendo sempre na sua técla favorita, que as intervenções do governo em nosso paiz, no commercio de café, não podem gerar o espantallo temido pelos adversarios desta intervenção, e que é o augmento da capacidade productiva dos nossos concorrentes dos outros paizes.

O seu enthusiasmo pela nossa industria é intraduzivel: "A industria caféira, diz elle á pag. 362, em nosso paiz, sobretudo em S. Paulo, é uma verdadeira maravilha, sem rival em nenhuma industria agricola do mundo."

Neste ponto, como aliás em tantos outros, Augusto Ramos tem inteira justificativa. O seu orgulho patriotico é perfeitamente explicavel.

O café, importa quasi num truismo repetir, constitue a espinha dorsal do nosso organismo economico. Se a praga que acaba de ser descoberta nas velhas plantações de Campinas e Araras, fôr um destes flagellos dotados da intensa força de proliferação do pink boll worm, por exemplo, não sei que dias turvos aguardarão a nacionalidade brasileira. O nosso futuro se apresenta carregado de nuvens escuras. Na cifra total do movimento exportador, a parcella da rubiacea varia entre 50 e 60 o/o. Por ahi se vê que, qualquer crise caféira deixará de ser a crise de um producto, para se tornar um cata-

clysmo nacional, repercutindo devastadamente em todos os outros ramos das actividades productoras do paiz.

Crises, como as que podem ocorrer numa industria da vitalidade da caféira do Brasil, não têm effeitos locais, mas de ordem geral, quero dizer, reflectem-se lá fóra. Lembro-me, a proposito, de uma phrase, que ouvi ha dez annos, de Joseph Caillaux, o qual se referia à guerra. "O mundo, dizia-me elle, está hoje de tal modo ligado por vinculos de interdependencia, numa tão intima cadeia de interesses, que o soffrimento do mais pequeno povo pôde acarretar dores no organismo mais robusto da Europa." Se o preço do café em ouro baixasse demasiado, amanhã, no mercado de Nova York, do Havre e de Liverpool, o cambio brasileiro cahiria a uma taxa de tal modo vil que os capitães britannicos, americanos e francezes, aqui investidos, correriam o risco de não receber qualquer remuneração. Isto mostra como uma crise nossa pôde ser ao mesmo tempo uma perturbação para as finanças de grandes mercados de dinheiro, como a Inglaterra e os Estados Unidos.

Em 1882, tivemos um momento de super-produção do café. Esta crise repercutiu em Java de forma tão intensa que o governo hollandez vendo as cotações do seu producto cahindo 4 annos seguidos, no Havre, resolveu mandar ao Brasil um tecnico para estudar o problema "in loco". Temos assim uma crise de super-produção brasileira, reagindo contra a economia de uma longinqua possessão flammenga no oriente.

Não tenho espaço aqui para analysar como desejava, este livro rico de suggestões, de alvitres, de conselhos praticos, de idéas, que o mais ardente e pugnaz dos nossos economistas acaba de lançar a lume. Augusto Ramos é um convencido de que a palavra convence. Dahi esta obra indefesa de propagandista, que elle tem feito no jornalismo, o qual é o campo predilecto das mais memoraveis campanhas. De resto, o triumpho de algumas dellas dá-lhe a melhor das recompensas das suas jornadas de febre e de rude actividade campeadora.

Augusto Ramos é um homem de acção, um homem de lucta, e destes combatentes joviaes, que não cançam e não desani-

mam nunca. Vendo-o falar, tem-se a impressão de uma destas imaginações, que nunca amorteceram no borralho das desilusões.

O seu verde outomno é dos espectáculos mais emocionantes que se podem offerecer á juventude sceptica deste paiz, mocidade que não se quer fazer, como elle, pelo trabalho, pelo amor das coisas bellas da vida, e pelo enthusiasmo desinteressado das grandes causas. Pôde dizer-se que esse luctador sorridente encaneceu na peleja, sem nunca ter pensado em si, senão nas grande soluções economicas, que deveriam, na sua opinião, fazer o progresso e o engrandecimento do paiz. A gente pôde divergir de Augusto Ramos, discordar das doutrinas financeiras que elle prêga, mas o que seria injusto desconhecer é a immensa sinceridade, com que se bate o polemista vigoroso. Elle guarda, na flor dos labios, o perfume daquellas almas antigas, que se sacrificavam por idéas.

A primeira valorização do café é obra sua. Aquella grande operação intervencionista do Estado, no mercado de café, para restabelecer o equilibrio entre a offerta e a procura, retendo o governo provisoriamente, nas suas mãos, a mercadoria em excesso, é um plano por elle estabelecido como negocio de "infalliveis resultados" e não uma "aventura", como se dizia.

O livro de Augusto Ramos precisaria ter uma diffusão nacional, para que se acabasse, no Brasil, com o preconceito idiota de que o café é um problema paulista regional. Se eu fosse governo, além de uma tiragem popular desse livro, ainda pediria a Augusto Ramos que visitasse o norte e o sul do paiz, para explicar aos nossos compatriotas do septentrião e do meio dia a acção da rubiacea no rythmo financeiro e economico da Nação.

Seria essa uma tarefa para um benigno philosopho, cheio de uncção, persuasivo e penetrante, e com as qualidades de encanto pessoal, que irradiam da face e dos ademanes de Augusto Ramos.

O enfeitadoz economista, que é Augusto Ramos, tem a virtude magica de entender de café e assucar ao mesmo tempo.

Como seriam doces as palavras desse orador delicioso, que tem vivido a existen-

cia inteira a distribuir o mel da sua sabedoria e as visões da sua intelligencia maravilhosa, com os homens de espirito, e os bohemios mais interessantes do Rio de Janeiro!

Augusto Ramos poderia ser o chefe de uma "bandeira", que se internasse pelo

norte e o sul do Brasil, levando a todos os nossos compatriotas a convicção do que vale o café no rythmo da existencia nacional.

Assis Chateaubriand.

("A Noticia", Rio).

O CAFÉ' E A CARESTIA DA VIDA

A PRODUÇÃO DE CEREAS EM S. PAULO E EM OUTROS ESTADOS O FEIJÃO QUE CADA BRASILEIRO COME

Intensifica-se no Rio a campanha contra o café, considerado, por aquelles que não querem ver, como o causador dos males economicos e financeiros do paiz. Essa propaganda insincera assume agora um aspecto novo: — accusa-se o nosso principal producto de motivar a carestia da vida, já não por effeito do cambio, que o café manteria baixo, mas devido á sua propria cotação alta, que leva o produtor a só cuidar dessa cultura, abandonando a dos generos de primeira necessidade...

A verdade é, entretanto, exactamente o inverso. Com a valorização do café, a produção de cereas em São Paulo tem duplicado. Os antigos colonos, abandonando em massas as fazendas caféieras em destino ás zonas novas, ahí foram plantar feijão, arroz, milho, etc. Os que permanecem nas fazendas igualmente plantam cereas, não só para o sustento proprio, como para negocio, constituindo esse facto um motivo de sérias preocupações para o fazendeiro, que assim encontra no trabalhador um socio quasi sempre mais attento ás suas plantações que ao trato dos caféiros.

Se a carestia nos assoberba, outras devem ser as suas causas: — as estradas de ferro desprovidas de material; o des caso das mesmas pelo transporte de generos; a insufficiente navegação de cabotagem; os açambarcamentos e o jogo de bolsa, por um lado; e de outro, o formidavel crescimento das populações urbanas, aggravado com a longa cessação das correntes emigratorias para a lavoura, sem fallar nos phenomenos climatericos, a que estão sempre sujeitas as culturas annuaes.

Só quem ignora por completo a vida economica deste Estado poderia lançar uma affirmacão tão destituída de fundamento. O café é o grande regulador da actividade paulista, que oscilla com elle, prosperando ou estacionando conforme a sua alta ou baixa, multiplicando-se, transformando-se, e ramificando-se com áquella, emquanto se contráe e se immobiliza com esta. Todo o organismo de nossa economia lhe acompanha as palpitações. Café alto é trabalho, é producção, é vida.

Ao mesmo tempo, porém, é uma affirmacão da mesma fórma, sem base essa de que o café representa a nossa cultura mais remuneradora e de que, por isso, monopoliza o trabalho. Mais remuneradora é a lavoura do algodão, é a da alfafa, é a de frutas, especialmente a de laranjas e todas são consideravelmente impulsionaldas entre nós, no actual momento. Os problemas economicos, mais complexos do que parece aos gratuitos inimigos do café, offerecem desses aspectos curiosos, que a sua logica não alcança: — sendo a rubiacea a base da riqueza nacional, ha, entretanto, mesmo onde ella é mais cultivada, culturas que offerecem maior remuneracão. E' que não se resolvem questões praticas assim a golpes de razão pura...

Felizmente, ao passo que não nos faltam maldizentes, tambem temos alguns espiritos comprehensivos que sabem vêr as nossas cousas. "A Noticia", do Rio, em seu numero de 25 de Julho ultimo, publicou um artigo em que o Sr. A. Chateaubriand, a respeito da obra "O Café", diz:

"O livro de Augusto Ramos precisava ter uma diffusão nacional, para que se acabasse, no Brasil, com o preconceito

idiota de que o café é um problema paulista regional. Se eu fosse governo, além de uma tiragem popular desse livro, ainda pediria a Augusto Ramos que visitasse o norte e o sul do paiz, para explicar aos nossos compatriotas do septentrião e do meio dia a acção da rubiacea no rythmo financeiro e economico da Nação”.

E' aquelle mesmo preconceito, de que falla o Sr. Chateaubriand, que pretende agora, responsabilizar o café pela carestia da vida.

Se a vida está cara, todos podem ser accusados, menos os lavradores deste Estado que produzem de tudo, mais e melhor que os de outros Estados. Em numeros absolutos ou relativos, a contribuição de S. Paulo para a alimentação publica ainda é a mais séria e a mais consideravel do paiz, só sendo inferior á do Rio Grande do Sul, “per capita”.

Consultando os volumes do “Recenseamento do Brasil”, encontramos os seguintes dados, quanto á producção de generos pelos Estados:

ARROZ

	<i>Quintaes</i>
S. Paulo	3.480.000
Rio Grande do Sul	1.127.000
Bahia	127.000
Pernambuco	9.700

Dahi se deduz que São Paulo produz arroz 3 vezes mais que o Rio Grande do Sul; 27 vezes mais que a Bahia; e 358 vezes mais que Pernambuco.

MILHO

	<i>Quintaes</i>
São Paulo	11.922.000
Rio Grande do Sul ...	11.486.000
Bahia	1.445.000
Pernambuco	1.067.000

São Paulo, colhe, pois, tanto milho quanto o Rio Grande o mais 436.000 quintaes; 8 vezes mais que a Bahia; e 11 vezes mais que Pernambuco.

FEIJÃO

	<i>Quintaes</i>
São Paulo	2.135.000
Rio Grande do Sul	1.211.000
Bahia	457.000
Pernambuco	176.000

O nosso Estado produz, assim, quasi duas vezes a quantidade de feijão que o Rio Grande produz; 4 vezes mais que o que produz a Bahia; e 12 vezes mais o que Pernambuco colhe.

Comparado a Minas, se São Paulo produz menos milho em compensação produz arroz 2 vezes mais e 1/3 mais de feijão.

Como accusar-nos, pois, de que encarecemos a vida, só produzindo café? Produzir o que compensa o trabalho, seja café ou batatas, é dever de todo trabalhador. São Paulo produz café para se enriquecer e produz cereaes para se alimentar e alimentar seus irmãos.

Recoñhecendo-se o feijão como base da alimentação nacional, vejamos, quanto aos Estados acima — os mais importantes da União — a sua producção “per capita”, considerado o numero de habitantes consignado no Recenseamento e reduzindo a kilogrammos os quintaes metricos:

	<i>Kilos</i>
Rio Grande do Sul	55
São Paulo	46
Minas	26
Bahia	13
Pernambuco	8

Cada habitante de cada Estado produzirá, com isso, para o proprio sustento?

Emquanto cada paulista dispõe de 126 grammas de feijão por dia e cada gaucho dispõe de 150, o mineiro conta com 71, o bahiano com 39 e o pernambucano, apenas com 21.

E é São Paulo que encarece a vida...

(‘Estado de S. Paulo’).

CONSTITUIÇÕES ARTIFICIAES

Commentando um livro recém-apparecido sobre a "Revisão Constitucional", um dos nossos mais consagrados publicistas, ligeiramente disfarçado com o pseudonymo de *Bassanio*, fez ha dias, em artigo do *Jornal do Commercio*, algumas considerações muito interessantes relativamente aos principios geraes attinentes á materia. Sustenta o brilhante escriptor que uma constituição representa mais uma tendencia social ou um idéal politico a realizar do que a codificação de normas já tacitamente assentadas nos costumes do meio. Por isto, segundo o seu modo de entender, não existem constituições artificiaes, posto que todas, mais ou menos, o sejam. Logicamente, pois, o pensamento do douto articulista ficaria melhor expresso com a affirmativa de que não ha, na actualidade, constituição nitidamente em accôrdo com os factos sociaes ambientes, uma vez que os pactos politicos representam menos o que é do que o que devia ser. Não terei a pretensão de elucidar em rapido artigo de jornal esse complexo ponto de philosophia do direito publico. Mas, *duta venia*, quero ponderar que a these de *Bassanio*, assim exposta, se presta a confusões que é conveniente evitar.

No meu modo de entender, o artificialismo está menos com as constituições politicas que procuram innovar principios e methodos, evitando as abusões do passado, aparando as fantasias do lyrismo democratico e observando as imposições reaes e comprovadas do corpo social, do que com aquellas que se esforçam por permanecer fieis aos primeiros figurinos do seculo passado. As sociedades se transformam incessantemente, e assim como o romantismo passou na literatura, o parlamentarismo, que é expressão romantica da democracia, já caiu tambem em inteiro desconceito na politica.

Vilfredo Pareto (e em logar deste autor poderia citar tantos outros que têm dito mais ou menos a mesma coisa) pondéra que, se voltarmos as vistas para as theorias dos Estados parlamentares do seculo XIX, veremos que nenhuma dellas se adapta aos acontecimentos em curso nos nossos dias. "Chi, per esempio — escreve Pa-

reto — rilegge " libro del Mill sul *governo rappresentativo* e l'altro sulla *Libertá*, che ebbero un tempo tanta fama, si trova trasportato della mente in una societá la quale nulla ha che fare colla societá inglese contemporanea, e gli pare d'essere proprio fuori della realitá."

Se ha em politica verdades pacificas, essa que eu exponho amparado na autoridade de uma das mais seductoras mentalidades modernas é, sem duvida, a mais pacifica de todas. Concluo, por isto, bem ao contrario de *Bassanio*, que ha nos nossos dias constituições mais e menos artificiaes, e que as mais artificiaes não são as mais novas, e sim as mais antigas.

Se é possivel schematizar o assumpto, direi que as constituições do passado, as mais artificiaes, preconizam o predominio do legislativo sobre o executivo, e as de concepção mais moderna e mais adiantadas, ou seja, as menos artificiaes, visam a perfeita independencia e harmonia desses dois poderes. Essa harmonia e essa independencia nunca foram conseguidas: rompe-se o equilibrio, sempre em detrimento do legislativo. Wilson, que escreveu um tratado americanamente objectivo sobre o Estado, salientava com muito bom senso que um corpo politico não é uma equação mathematica, inerte e rigida, mas um organismo biologico, cujos orgãos se desenvolvem e crescem, ou se atrophiam. E por muito que isso desagradasse aos theoricos do regimen norte-americano (e, por conseguinte, do brasileiro), a verdade para Wilson era que o congresso estava se atrophando, ao passo que o executivo tendia a se tornar cada vez mais o governo propriamente dito.

Ora, se a politica é a arte de que a sociologia é a sciencia, não é logico que ella continue a estabilizar em normas, quero dizer em constituições, principios abstractos cuja inapplicabilidade as observações reaes já demonstraram.

Se a tendencia mundial dos nossos dias é o atrophamento do legislativo, como vulgarmente se o comprehende — poder soberano, que elabora as leis por si sù para que outro poder, tambem soberano,

mas em esphera differente, as execute — o que tudo indica é que as constituições do futuro acabarão com essa utopia que nunca logrou aproximar-se da verdade.

E o que é toda essa formidável agitação dos nossos tempos, essa duvida proteica que nos atormenta e esse anseio ainda indefinido por uma nova ordem de coisas, senão o desespero causado por organizações politicas que não correspondem á realidade dos phenomenos sociaes?

Percorra-se a nova literatura politica da Europa, e a conclusão é que tanto a classica concepção do predomínio do legislativo sobre o executivo, como a da equivalencia dos dois poderes, são hoje doutrinas invalidadas pela observação e o raciocinio.

E' de tal modo evidente a condemnação do parlamentarismo democratico herdado da reacção contra a autocracia de direito divino, que nós a encontramos, igualmente expressa, como artigo de fé, nas duas trentes oppostas do pensamento e da acção politica dos nossos dias: no Estado proletario de Lenine e na ditadura conservadora de Mussolini.

Dos tres principios basicos da revolução russa, réza o primeiro que "o aperfeiçoamento historico do systema representativo federal consiste em substituir os parlamentos politicos por organismos administrativos em que estejam directamente representadas as funcções sociaes, desenvolvendo o principio no systema sovietista dos Conselhos. (José Ingenieros — *Los Tiempos Nuevos*).

O proprio Lenine, que, dentro das suas lamentaveis fantasias marxistas, tem paginas admiraveis de observação social, sustenta no seu *Ideario Bolchevista* 1.º) a suppressão dos parlamentos; 2.º) a criação de corpos que sejam ao mesmo tempo legislativos e executivos, sem deixarem de ser representativos, no verdadeiro sentido da palavra; 3.º) a revocabilidade dos representantes (cassação de mandato dos deputados).

Não disponho de tempo, e o espaço é breve, para entrar na analyse do systema. Para a sumaria apreciação do facto, bastam, entretanto, as indicações geraes que ahi deixo formuladas.

Ninguem põe em duvida que o comunismo esteja ameaçando, senão do ponto de vista social, pelo menos do politico, a organização contemporanea dos Estados. Para destruir, elle escolhe, por uma lei natural, as partes mais gangrenadas do organismo. A escolha foi precisa: os parlamentos legiferantes.

O reactivo contra a dissolução é a *politica dos Estados fortes*, de Mussolini, aberta ou disfarçadamente seguida em todos os paizes, presas do mesmo mal, ou de congeneres. Mussolini comprehendeu que para bem defender a ordem social é preciso alliviar a ordem politica dos pesos negativos que a oneram. Tambem ahi a escolha foi precisa: "il nefasto regime parlamentare".

O quadro clinico está traçado por escriptores notaveis, que precisam de ser lidos no Brasil. Impõem-me a brevidade que só lembre um: Francisco Coppola, *La Rivoluzione Fascista e la Política Mondiale*.

"Nella sua immediata concreteza — diz esse escriptor — la rivoluzione fascista é sorta in Italia come *istintiva reazione pratica contro il parlamentarismo democratico e contro il socialismo bolscevizzante*. E acrescenta: "Crisi, del resto, non esclusivamente italiana, crisi europea."

A instinctiva reacção contra o socialismo bolchev'sante tem, pois, de commum com o proprio bolchevismo a condemnação do principio artificial e anti-scientifico de que um poder politico deva elaborar as leis e outro executal-as. Empyricamente, Wilson já havia chegado, tambem, á mesma conclusão. E a observação da nossa actualidade politica nos mostra que os parlamentos só votam as leis com que os executivos concordam.

Qual a conclusão de tudo isto? Simplesmente esta: a mentalidade politica em elaboração no velho mundo trará consigo, fatalmente, e em um prazo que não vem longe, a suppressão dos parlamentos na sua concepção actual. E serão essas constituições, animadas de espirito positivo, infinitamente menos artificiaes do que as classicas velharias inspiradas em Rousseau, em Montesquieu, em Stuart Mill,

o que mostra que o artificialismo, em politica, está com o passado e não com o futuro. O de que se faz mistér para acabar com esse artificialismo é rever os valores sociaes dos principios politicos consagrados nas constituições, cancellar nelas o que não presta e o que não se conduza com a realidade dos factos.

A respeito de constituições, como de programmas politicos, a verdade, lapidaramente expressa, está com Bujanine: Como os programmas politicos, as constituições não saem dos cerebros; plasma-as a vida.

Lindolfo Collor.

(“O Paiz”, Rio).

AS IDÉAS POLITICAS E RELIGIOSAS DE BALZAC

II

Cita Bellessort de Balzac (que no ardor da sua paixão por Mme Hanska até da immodestia lançava mão), este trecho que, no entanto, contém uma grande verdade:

“Quatre hommes auront eu une vie immense: Napoleon, Cuvier, O’Connell, je veux être le quatriéme. Le premier a vécu de la vie de l’Europe: il s’est inoculé des armées. Le second a épousé le globe. Le troisième s’est incarné un peuple. Moi, j’aurai porté une société tout entière dans ma tête”.

Grande verdade, repito, porque ninguém até hoje demonstrou viver tão profundamente uma época. Balzac não só conheceu a sociedade do seu tempo, em todos os seus aspectos, dos mais bellos, dos mais nobres, aos mais extravagantes e aos mais mesquinhos, como os viveu todos, foi elle proprio um actor verdadeiramente notavel naquella palca da Europa em que, pela primeira vez, o drama tomava as características da luta, da batalha plutocratica, que hoje em dia vai no seu auge.

Quando o vemos, após a analyse da sophisticaria democratica, apresentar os velhos types da sociedade politico-religiosa europeá como os unicos bons e verdadeiros, não se pense que elle tem illusões sobre a criação do Estado que a França parecia encarnar aos olhos do mundo. “Se não posso viver sob uma monarchia absoluta — diz elle — prefiro a Republica a estes ignobeis governos bastardos, sem acção, sem base, sem principios, que desencadeiam todas as paixões sem tirar partido de qualquer dellas, e tornam estacionaria uma nação, por falta de poderes”.

Para demonstrar as vantagens da monarchia absoluta, chegou a pensar em dedicar-se ao romance historico e o seu “Martyr Calvinista” “nos dá uma alta idéa do espirito politico de Catharina de Médicis”. Mas, nota ainda Bellessort, não será com exemplos dramaticos que elle fará essa demonstração, — e, sim, pela pintura do immenso quadro de uma sociedade em que já não actúa aquella forte fórma de governo.

“A sociedade que sae dos campos de batalha revolucionarios, parece-lhe ter nelles esgotado o seu idealismo. A’s grandes autoridades espirituas que a tinham dirigido e contido, até então, que haviam reprimido suas insubordinações, e cujo fundamento era mystico, á realza e ao catholicismo se substituiu uma potencia formidavel, a um tempo egualitaria e destructiva da egualdade: o poder do dinheiro. E’ egualitaria porque a qualquer é possivel conquistal-a; é destruidora da egualdade, porque confere a quem a possui direitos e privilegios insolentes e que só em si mesmos acham limites. A oligarchia que ella forma é essencialmente instavel. Sem tradição, sem outra garantia de futuro que a felicidade no jogo, apossa-se violentamente do presente e o transforma segundo os seus caprichos. Despresa a democracia de que se originou e de que se serve, porque a democracia é dedicada á plutocracia, ou melhor, quem diz democracia diz plutocracia”.

Foi isto o que Balzac melhor que qualquer outro espirito do seu tempo, não só comprehendeu como sentiu, mas sentiu vivamente, como a um panico que lhe invadissem a alma heroica ao espectáculo de um mundo roido de uma vermina infernal, e os seus romances são mesmo, na-

quelles que representam o melhor da sua obra, essa pintura dantesca do novo scenario, que aos cutros se ia impondo quasi insensivelmente, a todos parecendo sem poesia, sem grandeza, mas tambem natural, sem maiores perigos, reproducção daquelle em que os homens sempre se haviam movido, como se o que lhes parecia dramatico na face da nova sociedade nada mais fosse que os ultimos indicios da sanguinolenta passagem do carro da Revolução.

Um dos seus melhores criticos, Le Breton, não soube apprehender mesmo, ainda em nossos dias, a gravidade da genial intuição de Balzac, e é assim que se refere a essa feição do seu ficcionismo realista: "Para elle, o dinheiro é desde 1789 a alma da sociedade franceza, e 1830 lhe consagrou o triumpho. Balzac parece esquecer que, nãs suas satyras Boileau dizia o mesmo do seu seculo e que quando assim dizia imitava Horacio, o qual imitava Lucillo, o qual se lembrava de Aristophanes. Elle crê ou finge crer que a éra de Pluto data apenas de 1830".

A resposta de Bellessort parece-me esmagadora: "Balzac jámais duvidou da eterna seducção do dinheiro sobre o espirito dos homens. Elle conhecia o "auri sacra fames", o execravel appetite do ouro, que o poeta latino denunciava ha mil e novecentos annos. Mas o dinheiro encontrava no antigo regimen as barreiras que a monarchia e a religião tinham levantado contra elle.

Podia fazer brechas; jámais a onda passava livremente. O dinheiro não vos collocava sempre acima de vossa classe; o dinheiro não vos levava quasi que infallivelmente ás honras e ao poder; o dinheiro não creava uma opinião publica, era impotente para fazer e desfazer leis. Na antiga sociedade, os ganhos do usurario Harpagão não lhe abriam entrada para o conselho do rei. Entretanto, se o quizer, o velho Grandet será amanhã conselheiro geral, deputado, senador, pela virtude dos seus milhões. Uma sociedade em que a aristocracia do sangue nada mais vale, em que os cargos não são mais hereditarios, em que reina a eleição, legi-

tima e sobreexcita todas as ambições do dinheiro. Cousa alguma é capaz de contrapôr-se á sua marcha. Elle não se choca mais contra essas grandes fortunas territoriaes, contra "esses grandes feudos mo-raes", que constituiram a força do paiz e a perennidade das familias. O "Titulo das Successões", do Codigo Civil, ordenando a partilha igual dos bens, pulverisou-os, e a autoridade paterna, a mais forte das instituições, ficou desmantelada. Eis o que Balzac quiz dizer e disse". Elle proprio tudo resumiu nesta phrase: "O ouro é o espiritualismo das sociedades actuaes", e a imprensa, "religião" destas sociedades é, a seu ver, a prova desse invencivel dominio dos homens da finança sobre um mundo cada vez mais esquecido do dever do rico que é, no mundo christão, talvez mais pesado e certamente mais delicado que todos os deveres do pobre.

Um dos seus personagens, Dousteau, assim a definiu: "uma grande catapulta movida por odios pequenos". "Mas a essa catapulta quem a ergue, quem paga os gasto da sua installação, quem lhe regula a marcha, quem a dirige? Seus commanditarios são burguezes enriquecidos e banqueiros". "A influencia, o poder do jornal, exclama Finot (outro personagem seu) está apenas na sua aurora. Tudo dentro de dez annos estará sob o guante da publicidade".

Eu bem sei que as transcripções que venho fazendo não formam o que geralmente se entende por um artigo de jornal. Pelo contrario. Em pagina de revista ou de livro seria plausivel um resumo, e aliás mais perfeito, de um ensaio como esse sobre um doutrinador tão inimigo da imprensa. Mas talvez não me engane se penso que ha horas em que a um povo deve, quem o ama e delle faz parte, apresentar, seja de que modo fôr, certos exemplos, certas pinturas eternas de umas tantas desgraças, certas explicações que valem como conselhos, tanto mais desinteressados quando vêm de tão longe como se fosse da lua...

Jackson de Figueiredo.

("Gazeta de Noticias", Rio).

STENDHAL E O ESPIRITO MODERNO

...or, le génie n'imité
personne, et des acca-
démiciens moins que per-
sonne.

H. BEYLE.

Se um dia se tentasse ensaio para descobrir, na mentalidade dos primórdios do século passado, os germens e os desígnios do espírito contemporâneo, a obra de Stendhal estaria em primeiro plano, em iluminação inconfundível para representar os elementos essenciais do quadro. Em certos domínios particulares, acredito mesmo que Henry Beyle compareceria, sósnho, como testemunha *de vista*, por previsão, das realidades estético-filosóficas do século XX.

Aliás, a curiosidade crescente que se manifesta, após as *descobertas* de Taine e Saint-Beuve, confirmam a fácil indicação. Os estudos de Paul Bourget, as pesquisas felizes de Casemir Stryenski, as anotações de François de Nion e os esclarecimentos de L. Bélugou, sem já falar na repercussão intrigante e enigmática do Stendhal Club, tornam cada vez mais seductora e inquietante a figura do analysta de Julien Sorel.

Ha, nestes ultimos trinta annos, verdadeira revisão no processo de Stendhal, na historia literaria do século XIX. E cada vez mais o beylismo se enaltece e revigora, tanto nos exemplos de psychologia das paixões, como nos motivos philosophicos do scepticismo.

O que ha de singular e impressionante é o tempo tornar Beyle mais *actual*. E tambem mostral-o dotado de reflexos prismáticos, como consciencia e sensibilidade cyclicas. Ninguem, de ora em diante, poderá encaral-o sómente em uma unica provincia do conhecimento. Em certos domínios do pensamento, cada especializado vai encontrar a obra stendhaliana, conforme a face em que a foque, cheia de *realidades* presentidas. E Stendhal, homem futuro, cuja energia vital e photogenica do pensamento, emerge, cada dia, suggestionante antecipado da sensibilidade.

Mais excepcional se torna tal phenomeno, se nos recordarmos que a *fôrma* de seus escriptos não contém nenhuma

das seducções envolventes e pressurosas, de alinda gracioso, ou floreio parasitario. as que melhor servem de confortavel ante-sala, amavel e captivante, ás visitas que fazemos, pela primeira vez, ao genio de um artista ou sabio. Sem nenhuma das prestidigitacões ou magias do estylo fascinante, não querendo atacar e empolgar o leitor por externos motivos de tentação decorativa — Henri Beyle preferiu, desde logo, tratar os seus temas de psychologia ou esthetica, naturalmente, sem artificios literarios. Dir-se-ia, por vezes, que elle, intencionalmente, deixava o leitor a descoberto, no solo descampado, sem sombras protectoras, na aridez da fôrma, para bem julgar do prestigio de suas idéas.

No emtanto, convem não deixar parecer aos que não vivem na intimidade de *Le Rouge e le Noir*, ou das *Mémoires d'un turiste*, ou ainda da *Histoire de la peinture en Italie*, que Henri Beyle é desagradavel e inhospito na sua fôrma.

E' que elle tinha outra concepção do estylo, cuja synthese plastica se definia em uma palavra: clareza: "la seule qualité à rechercher dans le style est la clarté".

Outra sentença do autor de *Armance*, que em tudo buscava o evento da personalidade, cabe neste topico: "Ne point se former le goût sur l'exemple de nos devanciers, mais à coups d'analyse".

Julgo, no emtanto, que nelle o estylo cabia bem nos assumptos: simples, sobrio, preciso: analysta subtil, homem de pensamento, Sthendhal, não amava tecer guirlandas enleantes. Comprazia-se no drama interior. E, para creal-o, dava as indicações justas. Se observarmos os intuitos de tal philosophia do estylo, não será difficil nella encontrar-se os delineamentos exactos, desbastados do parasitismo oratorio, da fôrma de Flaubert, particularmente na *Bovary*.

Inimigo da rhetorica, medroso de roteiros conhecidos, encolerizado em demasia contra os *clichés* literarios e moraes — Stendhal frequentemente attinge á nobre eloquencia, tanto no com'co como no tragico.

Sua fôrma participava, com intensidade, de suas dominantes do caracter. Era um retrato — “Car j'ai des opinions tranchantes sur tout, je dois cet aveu sincère au lecteur; c'est là le principal défaut qui me rend peu agréable dans le monde, et je n'ai nulle envie de m'en corriger. Satisfait de mon humble fortune, plein d'orgueil et ne demandant rien, je ne ménage que ce que j'aime, et je n'aime que le génie.”

E' a explosão magnífica da personalidade que se reveste de tons de ironia, na propria impulsão egotista, para melhor marcar-se na attenção do leitor, e adquirir, de tal sorte, todas as liberdades dos julgamentos. Por outro lado, ahí estão, visíveis, os secretos motivos do desdem com que até o fim do seculo passado foi tratado *Arrigo Beyle, milanese*.

Aliás, ainda ha 20 annos, Edouard Rod, sobre elle escrevendo longo estudo, não o encontrou em sua totalidade, dizendo-o um homem do seculo XVIII: “Il ne possède à aucun degré le *sens artistique* de la langue qui, depuis Chateaubriand, a été la marque distinctive de tous nos écrivains de premier plan.”

Refiro o passo, para mostrar como ainda no começo do nosso seculo, era deploravel e profunda a confusão, no que diz com o gen'io antecipado de Stendhal.

Ao contrario, eu encontro em Henri Beyle, ou, se preferirem, no beylismo, as

ultimas fôrmas do pensamento post-Nietzsche, e tanto nos cyclos da philosophia, como nos de moral e da esthetica.

Para muitas realizações de arte moderna, a partir dos Impressionistas, o autor da *Chartreuse de Parme*, se destaca em vulto, como surprehendente propheta. Em varios giros, o seu estudo sobre o *Salon Royal* de 1824, só agora é que, realmente, tem actualidade.

Em qualquer de suas obras, porém, o *espirito moderno* é latente. Em algumas, elle se evidencia com tão clara e moça familiaridade, que, por momentos, voltamos á capa do livro, consultamos, desconfiados, a edição, no temor de sermos victimas de algum embuste literario.

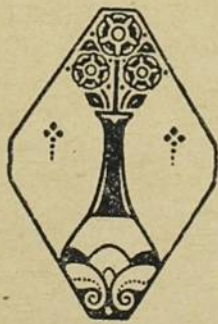
Como todos os raros antecipados, no presente é que Henri Beyle começa, em verdade, a viver. Suas idéas chegaram á floração. O perfume, de emocionante frescura matinal, nos embriaga como realidades profundamente evocadas, de dentro de nós mesmos.

D'ahi todo o prestigio de sua obra, e o encanto esquisito, de contagio dominante, de idéas extremamente sensíveis, que despertam para a vida contemporanea.

Só hoje é que Henri Beyle conseguiu ser original.

Flexa Ribeiro.

(“O Paiz”, Rio).





DEBATES E PESQUIZAS

74

Si eu tivesse autoridade, lembraria ao meu amigo sr. Samuel Hardman a conveniência de haver na Exposição Geral de Pernambuco, em outubro próximo, uma secção de culinaria e confeitaria pernambucanas.

Fidalgos arruinados, si ha joia de familia que ainda nos reste, aos pernambucanos, é a tradição que se refugiou no forno e no fogão dalgumas casas. A "debacle" felizmente não attingiu, nos seus intimos valores, á cosinha pernambucana. As receitas de bolos, doces, peixes e ensopados com leite de côco, requeijões e vinhos que nos transmittiu a glotoneria dos engenhos são uma especie de "pedigree" do paladar, ainda conservado entre certas familias do Norte.

É verdade que ha muito quem ostente, com outros requintes, francesismo e até cosmopolitismo de paladar. O Recife se requinta em tudo: na culinaria como na architectura.

Mas o bom pernambucano é que se não deixará facilmente desenraizar da mais fina tradição culinaria do Brasil. É um paladar, o seu, individualizado e ennobrecido por cento e cincoenta, duzentos e até trezentos annos de feijão de côco e de cangica, de doce de cajú e do vinho de genipapo. Um "pedigree" desses não se abandona facilmente: já Eduardo Prado dizia que o paladar era a

ultima cousa no homem que se desnacionalizava.

De facto, é a nutrição factor poderosissimo de typo nacional e de typo social. Os allemães teriam por certo conseguido nacionalizar os alsacianos si lhes tivessem conquistado de todo o paladar. É o que, ao meu vêr, torna difficil para a França a definitiva annexação da Alsacia é o gosto que alli se desenvolveu pelo salame allemão. Nem na propria Allemanha se vê tanto salame como em Strassburg.

O problema alsaciano é de facto um problema em que vencerá quem tiver melhor lingua. E os francêses, com a sua finissima arte culinaria, têm a fama de ser os artistas de lingua, isto é, do paladar.

Vejo que sem esforço vou desenvolvendo toda uma theoria de interpretação historica: a interpretação culinaria. Theoria que abandono ao primeiro psychologo social que se quizer aproveitar das suas possibilidades revolucionarias.

Mas devo voltar a este ponto; que a nutrição é factor poderosissimo de typo social e de typo nacional. O laboratorio da chimica social é antes a cosinha que a escola.

Dizem os inglezes que não se faz um "gentleman" sem algumas gerações de "beefsteak". E todos sabemos que

um official allemão não se fazia outrora sem salame e cerveja; que um doutor de Coimbra não se faz, ainda hoje, sem muito bacalhau e grão de bico; e que um frade não consegue selo no alto e puro sentido da vocação sem muita abstinencia. A nutrição de tal modo age sobre a alma que a consegue, ás vezes, plasmar ao seu geito: a espessa cosinha bahiana seria talvez capaz de brutalizar e deformar Santo Ignacio ou São Francisco de Assis. Ou um anjo. "L'action en effet modifie les facultés de l'ame", escreve a proposito da psychologia do mysticismo o Padre H. Pionard de la Bollaye. Poderia ter dito "la nutrition" em vez de "l'action".

Quando falo dos nossos quitutes — e este é o segundo artigo que lhes dedico — de quem primeiro me recordo é de John Casper Branner. O sabio americano cuja amizade epistolar foi um dos encantos da minha adolescencia.

Ninguem morreu mais saudoso do Brasil que o professor Branner, na sua casa de Palo Alto, entre livros portuguezes e mappas de geologia. E essa saudade, onde elle a conservava mais viva era por certo no coração; mas conservava-a tambem viva no paladar.

O ultimo artigo que escreveu foi para uma revista que dirigiamos em New York, eu e um amigo chileno.

E nesse artigo elle se despediu dos nossos quitutes como quem se despede de amigos, chamando-os carinhosamente pelo nome, um a um como São Francisco ás arvores e aos passaros da Porciuncula. Dir-se-ia que o escrevera a lambar voluptuosamente os labios seccos de doente.

Os requintados não de sorrir desta minha idéa de se estabelecer uma secção de culinaria e confeitaria na Exposição do Derby. Os requintados têm-me sempre a sorrir: gosando o pittoresco das "blagues". Deleitam-se no que ha de finamente 'blagueur' nos meus malaba-

rismos dominicaes. Quando uma vez escrevi que preferia o analphabetismo do grande numero (como na Hespanha) á meia cultura (como na Suissa) um amigo me disse mostrando entre um fino sorriso, fino dente de ouro: "Muito bom, seu artigo". Elle julgava que fosse ironia; que no intimo eu fosse um entusiasta das ligas contra o analphabetismo.

Similhanamente, os "garçons" das confeitarias elegantes de Recife só comprehendem minha preferencia da agua de côco a esse primor de "frozen dessert" que é o "Lydia Borelli" — como 'blague'. Alguns não de suppôr mais realista e logicamente que se trata de economia.

De modo que a minha lembrança do pavilhão de confeitaria e culinaria pernambucana na Exposição do Derby ha de ter interpretação parecida a essas. E si não fossem espiritos serios que sempre me estimulam — como o dr. Netto Campello — só me restaria o doce consolo de assumir o ar melancholico dos incomprehendidos.

Seja como fôr, é esta a idéa do pavilhão: um pavilhão de quitutes. Quitutes pernambucanos. Quitutes de milho, feijão e farinha de mandioca; ensopados e peixes condimentados com o leite de côco; o doce da noz ralada; a cocada; a agua de côco com o classico "catarro". E doce de cajú. Doce de cajú secco. Doce de cajú em calda. E "pé de moleque" fartamente condimentado com a castanha do cajú. E "Matury". E doce de goiaba em calda e em massa. E doce de araçá. E geléa de goiaba. E todos esses doces e bolos de que outrora eram as donas de casa que desciam á cosinha para tomar o ponto; e arroz doce; e 'cangica'; e "manguzã"; e "grudes"; e quanta cousa nos deixou a glotoneria dos engenhos.

Gilberto Freyre.

(*"Diario de Pernambuco"*).

O PROBLEMA DO CANCRO

O professor A. Cosset, da Faculdade de Medicina de Paris e notavel cirurgião, fez á Sociedade de Biologia sensacional communicação, publicada em 'Comptes ren-

des hebdomadaires de la Societé de Biologie".

A communicação foi feita tambem em nome de A. Gutmann, chefe de clinica

de Gosset; de Georges Lakhovsky, engenheiro e conhecido inventor e pesquisador; e de J. Magrou, do Instituto Pasteur e chefe de Laboratorio na Salpêtrière.

Eis a comunicação:

"Sabe-se que se póde produzir em diversas plantas, inoculação do "bacterium tumefaciens", tumores semelhantes aos cancos dos animaes (Erwin F. Smith).

J. Magrou obteve, experimentalmente, por este methodo, grande numero de tumores, que apresentavam desenvolvimento continuo, indefinido. Algumas vezes se necrosam parcialmente, porém, não morrem na totalidade senão quando a planta morre ou, pelo menos, o ramo em que estão implantados succumbe á cachexia. Quando são extirpados, os tumores continuam a proliferar.

Nesta nota nos propomos a estudar a acção das ondas magneticas de grande frequencia, obtidas por meio de aparelho realizado por um de nós (G. Lakhovsky), para applicações therapeuticas e conforme seu ponto de vista theorico; o aparelho é o radio-cellulo oscillador G. Lakhovsky. O aparelho produz oscillações de extensão de ondas a 2 metros, mais ou menos, o que corresponde a 150 milhões de vibrações por segundo.

Uma primeira planta, "Pelargonium zonatum", variedade de geranio, foi sujeita á experiencia; um mês após a inoculação do "bact. tumefaciens" apresentava pequenos tumores brancos, do volume de caroço de cereja. A planta foi exposta á irradição em duas secções, com intervallo de 24 horas e por 3 horas de cada vez.

Nos dias que se seguiram ao tratamento, o tumor continuou a se desenvolver rapidamente, como os tumores testemunhas (de outras plantas não sujeitas á experiencia), formando grossa massa plurilóbada. Deseseis dias, pouco mais ou menos, após a primeira secção de tratamento, o tumor começou bruscamente a se necrosar. Dias depois (15, aproximadamente), a necrose era completa; os lóbos do tumor, murchos, completamente seccos depois, separaram-se da haste por sulcos de eliminação, e o tumor era facilmente destacado por leve tracção. A

acção necrosante das radiações mostrou-se rigorosamente electiva, limitando-se estritamente aos tecidos "cancerosos", seguindo-os na maior profundidade, onde os tumores tinham nascimento; os órgãos sãos, caule e folhas, ficaram indemnes e a planta conservou todo vigor.

Segundo "Pelargonium" foi tratado do mesmo modo; apenas a exposição á radiação foi mais prolongada, 11 secções de 3 horas cada uma. Deseseis dias após a primeira secção, o tumor apresentou necrose e, dias depois, estava completamente secco. Como no primeiro caso, as partes sãs ficaram indemnes.

Em terceiro "Pelargonium" submettido á radiação durante 9 horas (3 secções de 3 horas cada uma), a necrose dos lóbos do tumor seguiu a mesma marca. Deseseis plantas ("Pelargonium") testemunhas foram deixadas sem tratamento e apresentam tumores em plena actividade, alguns enormes.

Em resumo, estamos autorizados a dizer que as plantas "Pelargonium", portadoras de tumores após inoculação de "Bacterium tumefaciens", e nas quaes a ablação do tumor não impediu a recidiva, parecem curadas por influencia das ondas magneticas acima indicadas".

Esta é a nota apresentada pelo prof. A. Gosset.

Que ondas serão essas?

G. Lakhovsky acredita serem ondas hertzianas.

Diz elle: "A vida nasce da radiação, é mantida pela radiação e supprimida por todo accidente provocando desequilibrio oscillatorio, principalmente pelas radiações de certos microbios que enfraquecem as radiações das cellulas mais fracas". Diz mais: "Deve-se activar a oscillação cellular, seja indirectamente, reforçando a radio-actividade do sangue, seja exercendo sobre as cellulas acção directa por aparelhos apropriados".

Dahi a concepção e realização do seu aparelho, que diz elle ser muito simples e que poderá ser accionado pela energia electrica fornecida aos centros urbanos.

Embora se não accite a doutrina de Lakhovsky, as experiencias realizadas são empolgantes e desvendam interessante problema de biologia.

Gosset não discute a etiologia nem a pathogenia dos neoplasmas. Relata os fa-

ctos decorrentes da experiencia sua e de seus collaboradores em neoplasma vegetal.

Nos neoplasmas dos animaes ou do homem, a applicação de correntes de grande frequencia e de grande oscillação dará o

mesmo resultado que deu nos tumores do vegetal?

Santos, outubro de 1924.

Dr. Moura Ribeiro.

("A Tribuna", Santos).

O PRIMEIRO OURO DE MINAS

Onde se acha o primeiro ouro que se extrahiu de Minas Geraes?

E' o que nos propomos demonstrar por meio de documentos.

Todavia, *a priori*, adiantaremos que se acha no Rio de Janeiro.

Como é sabido, as primeiras explorações do ouro, em territorio mineiro, datam de 1693 a 1700, pouco mais ou menos, e, o primeiro ouro remettido officialmente de Minas pelo governador ao soberano portuguez, foi por este enviado para ser depositado no theatro do Conselho Ultramarino.

D. João V, filho de d. Pedro II e de sua mulher d. Maria Sophia Isabel de Nenburgo, reservou todo esse ouro, com o intento de offerecel-o a Deus.

D. João e a sua côrte viveram no fausto; elle era immensamente religioso, até o fanatismo, a ponto de serem enormes as suas doações a egrejas e mosteiros. Só por canonizações e indulgencias deu a Roma mais de duzentos milloes.

Comtudo, na vida de d. João V, as-signalam-se alguns actos de nobreza e muitos outros de philantropia, dentre elles, o ter destinado o primeiro ouro de Minas ao serviço de Deus.

Entre as cartas dos secretarios de estado, constantes do liv. 82, escriptas ao general governador da capitania de Minas, em 1743, que tambem o era do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrada, encontramos as de 1.º e 17 de abril, firmadas por Marco Antonio de Azevedo Coutinho, que esclarece e nos tira toda duvida sobre este assumpto.

Como *gratificação* a Deus (*sic*), dos beneficios que fez ao reino de Portugal, d. João V mandou preparar uma Custodia, um Calice com a sua respectiva Patena e uma Pixide — tudo fabricado com o primeiro ouro que se extrahiu de Minas.

Vieram estes objectos do culto divino destinados á egreja cathedral do bispado de Minas — "como capital das mesmas minas" — para ter serventia no seu religioso serviço.

Como não se ignora, Minas naquelle tempo, 1743, pertencia ao bispado do Rio de Janeiro, pois em 1745 pela bulla pontificia de Benedicto XIV — *Candor lucis ater na* é que foi creado, e só em 1748 fez sua entrada solemne em Marianna o 1.º bispo d. Manoel da Cruz.

Cada um dos objectos veiu acondicionado em um cofre e todos tres por sua vez encerrados em um quarto cofre.

Foi portador o capitão de mar e guerra João da Costa de Brito, que os entregou a Gomes Freire de Andrada, no Rio de Janeiro.

Junto veiu a certidão do contraste, de que constava o peso de cada uma das peças, a qual não nos foi possivel encontrar, nem as declarações relativas a cada peça.

Gomes Freire deveria entregar tudo ao bispo e cabido por um termo que se juntaria á dita certidão do contraste.

O bispo do Rio de Janeiro, nessa época, era d. João da Cruz.

O termo e a certidão do contraste seriam registrados na secretaria do governo, como tambem no archivo da mesma cathedral, para que a todo tempo constasse não só a doação que S. M. houve por bem fazer das mesmas, mas do seu peso e qualidade de figuras.

Desses documentos foram remettidos a el-rey, por ser exigida, uma copia, a qual lhe foi presente por intermedio do dito secretario de estado Marco Antonio de Azevedo Coutinho.

Junto, aos conhecimentos dos objectos alludidos, remettidos a Gomes Freire, tambem veiu um cofre de pau prateado — destinado a recolher a Pixide e

para collocar-se no throno da exposição na quinta-feira santa.

Gomes Freire, que se achava no Rio, como vimos, ao ter conhecimento da doação, avisou ao bispo, que se achava em visitas pastoraes à capitania de Minas, remettendo copias das cartas que recebera, para que deliberasse sobre a entrega dos objectos.

Sciante o bispo, immediatamente, interrompeu sua excursão religiosa, pondo-se a caminho do Rio de Janeiro, e lá chegado, determinou o dia 7 de setembro de 1743, para ter logar a entrega solemne.

Effectivamente, no dia aprazado, achando-se presentes o general governador, o bispo, clero, ministros e nobreza, teve logar a solemne entrega na fórma ordenada por S. M. e todos assistiram com grandes demonstraões de alegria e prazer pelo grande acto de piedade do sr. d. João V. De tudo foi feito um termo na igreja de N. Senhora do Rosario dos Pretos, onde se effectuára a cerimonia da entrega, por estar servindo de Sé.

A igreja do Rosario dos Pretos lucrrou materialmente com a visita de Gomes Freire, porque em carta de 14 de setembro de 1743, representou a S. M. sobre o seu estado decadente.

Em sua representação affirmou: — “quanto era indecente aquella igreja para um bispo e cabido, pois havia muitos annos que nella não entrava e agora tinha visto o estado em que se achava”.

A igreja do Rosario dos Pretos servia de Sé, por estar em obras a cathedral e Sé do bispado.

Não é fóra de proposito, antes com todo o cabimento, que os mineiros deveriam reivindicar essas joias historicas constantes da doação de d. João V, para o arcebispado de Bello Horizonte, porque foram fabricadas com o primeiro ouro extrahido de Minas e destinadas — “à igreja cathedral do bispado de Minas, e mo capital das mesmas minas”.

Feu de Carvalho.

(“Minas Geraes”, Bello Horizonte).





NOTAS DO EXTERIOR

RAMALHO ORTIGÃO

(A propósito da reedição da sua obra completa)

Descia eu uma rua citadina, cheia de movimento, de cor, de ruído, de alegria e de luz, no esplendor da manhã de sol, e eis que de repente, ao mirar, de relance, a montra duma livraria, deparei um livro do grande escriptor Ramalho Ortigão, arrebatado ha poucos annos ainda, pela morte, quando a sua nobre velhice dava lições de agilidade de espirito, de fecundidade artistica, de originalidade e frescura de intelligencia, de dextresa physica, aos moços!...

Que ditosa surpresa! O meu dia não começava mal, certamente: — e foi num sobresalto feliz que me approximei do largo crystal scintillando à claridade matutina, para ler o titulo do volume do companheiro d'Eça de Queiroz — titulo que a minha vista de myope não alcançava, a distancia. Tratava-se d'uma obra posthuma, d'um trabalho que o auctor excelso do "Culto da Arte em Portugal", tivesse deixado completo e esquecido ao canto da gaveta e que a piedosa admiração e a ternura da familia agora revelassem ao publico? Não! O tomo que tanto seduziu a minha curiosidade de "flaneur" era, apenas, uma segunda edição do livro "Em Paris", lançado aos alaridos da publicidade na época distante em que Ramalho iniciou a sua carreira

de homem de letras — que havia de ser brilhantissima — e que se compõe d'uma suggestiva série d'impressões, d'estudos, de notas vivas e subtis acerca da vida parisiense e de aspectos e figuras varias da famosa Lutecia, que foi em todos os tempos, um resumo esplendido da civilisação. "Em Paris", passou quasi despercebido, atravez de toda a actividade litteraria de Ramalho Ortigão, que é um dos nossos grandes homens modernos. Quando elle — que era arrojado e bravo e que, no dizer jovial d'Eça de Queiroz, teria morrido na batalha de Saint-Privat, à frente dos seus couraceiros, se pertencesse ao exercito francez de 1870 — conquistou uma celebridade no seu paiz, já a brochura, que torna agora a apparecer, estava completamente olvidada, apesar da penetração critica denunciada nas suas paginas evocadoras e apesar dos reflexos de humorismo ou de ironia que a tocavam de fulgurações. Chegou, porém, para ella — como chegou para tudo — a hora nefavel da justiça e inesperadamente rompeu a obscuridade que a envolvia, evadiu-se do seu cerraceiro e resurgiu triumphalmente!...

Com ella resuscitou também, por esta deliciosa e dourada manhã de verão, para o meu sentimento, o eminente Ra-

malho, com quem eu fallei, pela ultima vez, á esquina da rua do Ouro, em Lisboa, já quando elle estava muito doente, mas procurando ainda, por orgulho e por elegancia moral, occultar a sua enfermidade e quando uma presaga sombra de tristeza lhe embaciava a alegria do rosto, que fôra sempre d'uma extrema e fina mobilidade de linhas! Ramalho Ortigão está aqui ao meu lado — desde que, ha pouco, eu vi o seu livro muito meu conhecido, na "vitrine" d'um livreiro. Observo-o, n'um deslumbramento; experimento a sensação estranha de que o ouço respirar e de que as suas roupagens roçam pelas minhas; parece-me, não sei porque, que as suas mãos de longos dedos, devem estar trespassadas d'um frio tumular e de que nunca mais, manejando uma simples caneta, levantarão faiscões, faúlhas aureas, irisações maravilhosas. A visão macabra intensifica-se: o phantasma anima-se mais, de instantes para instantes, gesticulando, sorrindo, movendo-se... Por vezes e em certos estados psychicos, basta o facto mais insignificante e ligeiro, para nos levar a reconstituir na nossa imaginação, tanto as coisas como as pessoas que foram ficando para traz, n'esta romagem dolorosa da existencia em que todos os vivos se perderão irremediavelmente, n'uma selva mais escura do que a de que falla a "Divina Comedia"...

*
* *

Todo o dia d'hoje, tem andado comigo a "ramalhal figura" que Fradique Mendes, outr'ora esperou, inutilmente, bebendo cerveja na "terrace" d'um café de Paris e que não dignou mostrar-se, para ouvir a historia drolatica da dama que ia visitar a mãe de seu marido — e que regressou, encantada, á doçura do lar e ao carinho conjugal, trazendo um perfumado ramo de cravos, depois d'um perigoso "flirt"!...

Não me canço de contemplar esta personalidade entre todas illustre, que renovou uma litteratura, tonificando-a com a sua prosa sonora, energica, forte, salubre, cheia de rythmo e de colorido; que nas "Farpas", atirando os seus dardos á tollice humana junto de Eça de Queiroz, ensinou a sua gente a pensar,

a fallar, a conviver, a ter espirito; que fez, na "Hollanda" — publicada a primeira vez em folhetins da "Gazeta de Noticias", do Rio de Janeiro — o mais lucido, interessante e bello relatorio de viagem atravez d'um paiz, que eu conheço: relatorio que tem tudo, desde a paisagem aquarellada, ao quadro a oleo, á dissertação proveitosa sobre questões economicas, sobre commercio, sobre industria, sobre historia e sociologia, sobre o progresso dos povos que querem viver, acima de tudo e que nunca affrouxam na sua luta, nem se deixam vencer pelo desalento...

Ramalho Ortigão — que tinha, como ninguem, o prazer de viagens — começou a fazer fallar insistentemente na sua individualidade quando, com as illusões que só na mocidade florescem, saiu do Porto para Lisboa e se encontrou com o Eça de Queiroz, que acabava de concluir, na Universidade de Coimbra, o seu curso de Direito. Porque o genial romancista do "Crime do Padre Amaro" e da "illustre Casa de Ramires" era "...como toda a gente um bacharel formado" para me servir d'um sarcastico verso de Guerra Junqueiro. Este encontro de dois homens superiores que se conheciam desde a adolescencia, foi decisivo e influiu profundamente no destino de Ramalho Ortigão...

Era por uma noite quente do estio. O Passeio Publico ia cabeceando de somno e de tedio, ao som d'um realejo; de quando em quando, alvejavam brancuras de saias; creaturas cabisbaixas, vencidas, destroçadas, bebiam a sua orchata, curvada melancolicamente sobre as mezas de marmore dos cafés; os candieiros d'illuminação pestanejavam, prestes a apagar-se... Foi no meio d'este pavor e d'esta indizível sensaboria que Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, em plena primavera da vida e do talento, resolveram accordar Lisboa "a berros tremendos", por meio d'um sensacional romance "businado á Baixa das columnas do "Diario de Noticias", immediatamente fizeram a sua provisão de papel e de tinta, partindo cada um delles para a sua banda, sem terem combatido o plano da obra que iam realisar. Todavia, essa obra não se demorou — e sobressaltou, com effeito, a capital, com a narrativa

pormenorizada e correcta d'um caso tenebroso. O romance, que inquietou a propria policia, intitula-se "O Mysterio da Estrada de Cintra" e para elle escreveu, por signal, Eça de Queiroz algumas das suas mais poderosas paginas, como as que contam a caçada ao tigre, nas florestas indianas e a morte de Carmen Puebla, no mar alto, sobre o tombadilho d'um navio. Ramalho entrara, de salto, na celebridade...

As "Farpas" vieram mais tarde — e com ellas attingiu Ramalho Ortigão as culminancias do seu renome que nunca empallideceu até que a luz se apagou para sempre no seu olhar... E foi, justamente este prodigioso Ramalho, amando os "boulevards" de Paris, como um parisiense que, erguendo-se da sepultura em que se refugiara, se entreteve toda a manhã d'hoje a conversar comigo mentalmente, com o fulgor, a vivacidade, o imprevisito dos annos em que viveu com esplendor, enriquecendo as letras de Portugal!...

*
* *

Nos ultimos tempos, fez-se á volta da memoria de Ramalho Ortigão um inexplicavel silencio. O proverbio francez affirma que "les morts vont vite" — mas a entidade notavel que nos legou as "Farpas" e o "Culto da Arte em Portugal", tem uma existencia para além do sepulchro, continuando o seu espirito a viver gloriosamente na obra que produziu. Apezar de tudo, na vertigem, no paroxismo em que nos debatemos, os livros de Ramalho, em que os seres sensiveis sempre terão muito que aprender, principiaram a ler-se menos desde que o vulto athletico, direito, victorioso, apparatuso, do escriptor, deixara de mostrar-se nas ruas de Lisboa, fumando o seu aromatico charuto, exhibindo quasi sempre as suas gravatas de côres berrantes e as flores viçosas que lhe ornavam a botoeira da quinzena de cheviote inglez. Este facto era extranho, por certo — porque Ramalho Ortigão, educador, critico, commentador arguto, analysta perspicaz, é um dos nossos maiores mestres, alliando a um saber inexgottavel e á inspiração, um gosto muito puro e ideias fecundas...

Mas, a reparação merecida não tardou, e de novo "a ramalhal figura" celebrada pela prosa incomparavel de Eça resurge olympicamente, para o exito. Na verdade, todos os livros de Ramalho vão ser reeditados, ao que leio nos jornaes. A adoração familiar que cerca, n'um esplendoroso nimbo, a memoria do escriptor, não quer que se abysme no olvido nada do que elle realisou, em alcyonicos momentos inspiradores. Por isso mesmo, ao livro "Em Paris" — uma ampla pintura exterior da Lutetia mundana, artistica, amorosa e politica, que assiste as corridas de cavallos, ás primeiras representações da "Comédia", aos grandes combates oratorios do Palacio do Luxemburgo e que vai todas as manhãs ao "Bois de Boulogne" — hão-de seguir-se outros, sem largas interrupções, annunciando-se, desde já, o estudo de Ramalho, sobre Camillo Castello Branco, que foi o creador do romance de costumes em Portugal e o nosso maior escriptor moderno; os perfis humoristicos do "Album das Glorias", em que o lapis de Bordallo Pinheiro, nas composições que o illuminam, operou maravilhas; toda a sua collaboração jornalistica de muitos annos, que dará uma extensa série de volumes...

Não! Nem um só periodo escripto pela mão do admiravel Ramalho Ortigão — camarada de Anthero de Quental no Cenaculo, um dos audaciosos innovadores que promoveram as conferencias do Casino, fechadas a sete chaves pelo Duque d'Avila, com medo da revolução, e Vencido da Vida — será desdenhado, porque esse escripto é um reflexo vivo d'um espirito creador, do alto talento d'um escriptor que não envelhece, que será sempre moço pelo encanto que transmittiu á sua obra insigne pelo pensamento, pela sensibilidade esthetica, pela erudição assombrosa, pela amplitude da visão, pela justeza dos seus juizos criticos, pela belleza da forma de tão nitido recorte e tão poderosamente expressiva. São "Farpas" — umas novas "Farpas", quasi ineditas — que teremos ensejo de saudar: e por meio d'ellas, ser-nos-á concedido o privilegio de palestrarmos, uma vez por outro, com um grande morto, que tanto dignificou a sua patria e que era, precisamente, um dos mais captivantes, originaes e deliciosos conversadores da sua terra!...

Chego ao fim da minha chronica, com um turbilhão de recordações no cerebro: e Ramalho Ortigão ou a sua sombra, que esteve sempre perto de mim, enquanto escrevi, levanta-se, sorri bondosamente, com aquella franqueza e aquella lealdade que foram tão suas, dirige-me um aceno affavel e dissipa-se no ar. No entanto,

para prolongar o meu dialogo com elle, passarei o resto do dia d'hoje a lê-lo — o que será uma digna maneira de prestar-lhe o meu culto e de rezar por elle!...

Porto, 16 de agosto de 1924.

João Grave.

(“Correio do Povo”, Porto Alegre).

AS CONTROVERSIAS ENTRE O MEXICO E OS ESTADOS UNIDOS

Realizou-se no Palacio Nacional da capital do Mexico a sessão inaugural da commissão mixta-mexico-americana, incumbida de resolver as questões existentes entre este paiz e os Estados Unidos, consequentes ás revoluções que se verificaram no territorio mexicano.

O Dr. Aron Saens, ex-ministro do Mexico no Brasil e actualmente ministro das relações exteriores, esteve presente ao acto e proferiu um bello discurso de saudação aos membros da commissão, tendo tido a opportunidade de agradecer ao Brasil a fineza de haver concedido licença ao Dr. Rodrigo Octavio para acceitar o posto que lhe fóra confiado pelas duas partes litigantes.

Em nome dos seus pares, falou, agradecendo, o Dr. Rodrigo Octavio, que leu o seguinte discurso:

“Exmo. Sr. secretario de Estado das relações exteriores; Srs. commissarios, meus senhores — Ao se instalarem os trabalhos deste tribunal, em cuja organização duas grandes nações americanas, de raças e tradições differentes, se juntaram para, em um nobre movimento de espirito fraternal, prestigiar a instituição da arbitragem internacional, seja-me permitido dirigir palavras de saudação aos meus eminentes companheiros de tarefa, dignos e autorizados representantes de seus respectivos governos e de sua cultura.

Nós, membros desta commissão, vamos, em uma intima e continua collaboração, iniciar uma obra, que, se visa directa e immediatamente resolver casos concretos de interesse individual, tem, todavia, um reflexo muito mais alto e impessoal; pois essa obra vai incorporar-se no esforço da

humanidade em prol da justiça internacional.

Tida como utopia, desde tempos remotos até nossos dias; convertida, em 1889, na inefficiente criação de Haya; permanecida inacabada, em 1907, apesar dos ingentes esforços da 2.^a Conferencia da Paz, e inacabada pela impossibilidade de se encontrar uma fórmula que respeitasse o principio da igualdade dos Estados; a idéa da criação de uma Côte Internacional de Justiça tornou corpo afinal, no acto de Genebra.

Sinto-me feliz em lembrar que fui um dos signatarios do tractado que creou essa Côte, obra da primeira assembléa da Liga das Nações, de que tive a honra de fazer parte.

Devo, entretanto, registrar aqui o meu receio de que, agora, que a Côte foi afinal creada e está em pleno funcionamento, certos elementos de sua constituição não venham concorrer para diminuir a expectativa nos resultados do instituto alcançado após tantos esforços. E isso porque, em primeiro lugar, a Côte de Justiça deve ser universal, e nós vemos que, ainda, varias nações, das que se contam no destino do mundo, não adheriram a essa instituição; em segundo lugar, porque á Côte não foi dada jurisdicção obrigatoria, de modo que, a despeito do seu funcionamento, podem ou não ser levadas á decisão della as questões que, ainda nesta hora de civilização, separam os Estados e compromettem a paz dos povos.

E, se assim for, se assim continuar a ser, perguntar-se-ha, com bem fundada razão: — Por que, afinal, se creou essa Côte, por que se têm nella reunido al-

guns dos mais eminentes jurisconsultos do nosso tempo, se as questões que, naturalmente, devem caber na sua competencia, não são levadas á sua decisão?

É claro que, tão sómente para emitir pareceres sobre casos de relativa importancia e resolver questões de trabalho, não era mister todo esse aparelho da "Côrte Internacional".

Entretanto, o funcionamento da côrte, com todo o prestigio e no exercicio da sua natural autoridade, é indispensavel para assegurar o futuro tranquillo da humanidade. E, pois, para que, com o correr dos annos, a instituição deixada inactiva e inaproveitada em relação aos casos que toda a gente acreditava que deveriam ser submettidos ao seu conhecimento, não se veja diminuida aos olhos de toda a gente, é indispensavel que todos os Estados adhiram á sua criação e que o protocolo de adhesão ao principio de jurisdicção obrigatoria se veja coberto pela assignatura de todas as nações do globo.

A organização da justiça nos diversos Estados civilizados, disciplinou a solução e liquidação das divergencias individuaes, supprimindo a pratica arbitraria de fazer justiça pelas proprias mãos. É evidente que o mesmo phenomeno se operará no dominio das relações internacionaes, quando a justiça internacional fôr organizada de modo a poder, perante ella, ser chamada qualquer nação para a liquidação coercitiva de suas divergencias com outra.

Naturalmente taes circumstancias não transformarão desde logo o mundo no reino absoluto da paz e da concordia. Mas, ter-se-ha creado um meio eliminatório de muitas das ameaças existentes á tranquillidade dos povos, e á continuidade da civilização, e, sem duvida, com a diurnidade dessas praticas e a effectividade bemfazeja dos seus resultados, chegar-se-ha ao procurado ideal.

A nós, membros desta commissão, cabe, nesta opportunidade que se nos apresenta, trabalhar no ambito de nossa competencia, pelo prestigio do principio da justiça internacional. Não tenho duvidas que as decisões desta commissão, para cuja orientação o accordo dos dois nobres Estados, por seus esclarecidos governos, traçou linhas de tão levantado liberalismo, se manterão na altura da civilização de nosso Continente.

Quanto a mim, pessoalmente, surpreendido na modestia do meu viver profissional com o excepcionalmente honroso convite dos dois governos signatarios da convenção de 10 de setembro de 1923, só tenho que renovar o compromisso solemne que subscrevi ao deixar a minha terra. Em falta do saber, que não possuo, offereço, com a sinceridade de uma consciencia serena, os meus melhores esforços por uma justa e equitativa solução de cada um dos casos sujeitos á minha decisão. É, para me saber manter dentro deste proposito, lembrar-me-hei sempre, no exercicio deste altissimo ministerio, que não foram, por certo meritos pessoaes que determinaram a escolha do meu nome, mas o pertencer eu á Nação Brasileira, de tão seguras tradicções de justiça e confraternidade humana; Nação que, querendo dar ainda aos principios fundamentaes dessa tradicção, um decisivo elemento de fidelidade inalteravel, fez inscrever no texto da sua constituição, as maximas de que o Brasil jámais se empenhará em guerra de conquista e que não declararia a guerra, senão depois de falho o recurso ao arbitramento. É já longa nossa participação na historia do arbitramento internacional. Por nossa conta directa, temos entregue, confiantemente, á solução arbitral, nossas desintelligencias internacionaes que não têm sido possivel resolver por negociações directas.

É assim que, já em 1863, confiámos ao rei dos belgas a solução de graves pendencias com a Inglaterra; e, em épocas mais recentes entregámos á arbitragem, respectivamente, do presidente dos Estados Unidos, do Conselho Federal Suíço e do rei da Italia, a resolução de antigas e importantissimas contestações territoriaes ao sul, com a Republica Argentina, e, ao norte, com a França e a Grã-Bretanha.

Igualmente, não é esta a primeira vez que um brasileiro é chamado a funcionar em um tribunal internacional estranho aos interesses do Brasil. Na celebre controversia do Alabama, o imperador do Brasil foi convidado a designar um dos arbitros, e o mesmo aconteceu ainda, quanto ás reclamações entre a França e os Estados Unidos, consequentes á guerra franco-prussiana e á intervenção franceza no Mexico, bem como quanto ás questões

decorrentes da guerra do Pacifico, cujos tribunaes arbitraes, em um e outro caso, tiveram como presidente e super-arbitro, eminentes brasileiros nomeados pelo imperador Pedro II; se bem que, desta vez, o presidente e arbitro tenha sido directamente escolhido e convidado pelos dois governos interessados, o que constitue para mim honra excepcional, não esquecerei, pois, que, na minha pessoa, chamada a sentar-se nesta altissima cadeira, não fui eu, senão o Brasil, o espirito liberal do Brasil, sua tradição de cultura, de isenção, de solidariedade continental.

Apresentando, assim, aos illustres membros deste tribunal, como delegados do espirito de justiça e imparcialidade de seus nobres paizes, minhas congratulações sinceras pelo grande acontecimento que a criação deste tribunal representa, declaro installados os nossos trabalhos, nos termos do tratado de 10 de setembro".

Em seguida falaram os Srs. commissarios Gonçalves Rox e juiz Perry e os agentes Elorduy e Anderson, que foram prodigos em referencias lisonjeiras não só ao Dr. Rodrigo Octavio, como também ao Brasil.

("O Paiz", Rio).

A OBRA DE UM HOMEM TENAZ

Avaliar a obra é avaliar o autor na efficiencia de suas finalidades, porque della resultam os surtos mais lidimos de sua capacidade pessoal. Assim difficil não é prever as possibilidades de que cada homem é capaz no continuo labutar de todos os dias: facil, pois, seria a quem lêsse a historia de Mathias W. Baldwin, o constructor da locomotiva-motor na America do Norte, a vetusta "Old Ironsider", que em 1832 deslisou nas primeiras serpentes metallicas que sulcaram o solo da grande republica, despertando "hurrahs" e palmas do povo agglomerado á sua passagem triumphal, predizer os destinos a que estava reservada a obra desse operario incansavel nas tentativas sem numero que a levariam a bom termo.

Baldwin foi um operario de si proprio que com mais não contava sinão com o thesouro fecundo da sua intelligencia creadora e uns poucos recursos que mal lhe davam para a tentativa das primeiras realizações.

Residindo em Philadelphia, foi primeiro relojoeiro, e porque lhe minguassem os negocios nesse ramo, de sociedade com David Mason entrou a fabricar utensilios de encadernador e cylindros para estamperia de chitas — começa ahi a revelar-se-lhe o engenho.

Baldwin precisava desenvolver suas manufacturas e tendo para isso adquirido um aparelho rudimentar a vapor que não funcionava na medida de seus desejos, tran-

sformou-o literalmente, dando-lhe a efficiencia de que carecia. Isso feito, sagrou-se o mecanico.

Aos Estados Unidos chegaram por essa época os rumores do grande successo que na Inglaterra faziam as primeiras estradas de ferro, trafegando no transporte de passageiros e cargas, e a sua competencia technica, já então confirmada em subsequentes trabalhos de sua officina, fello contratar a construcção de uma locomotiva em miniatura, para o Museu de Philadelphia, e Baldwin, que nunca tinha visto uma locomotiva, constroe-a com o simples auxilio de descrições e esboços imperfeitos que serviram em um concurso de Rainhill, na Inglaterra.

A pequena locomotiva foi posta a mover-se e moveu-se com a precisa regularidade, despertando a admiração e o contentamento de toda a assistencia apinhada no pateo do Museu, onde ella se inaugurou.

No anno seguinte Baldwin recebia a encomenda de fabricação da primeira locomotiva para o trafego regular da Philadelphia, Germantown and Norristown Railroad Co., até então trafegada por diligencias.

Uma locomotiva importada da Inglaterra pela Camden and Amloy Railroad Co., que porém, nunca fóra montada, jazia armazenada num telheiro de Bordentown, emeticulosamente estudada por Baldwin em seus detalhes, serviu-lhe de excellente ma-

nancial instructivo para integral-o no conhecimento pratico de tal ramo mecanico cujos primordios elle conquistara na construcção da locomotiva l'liputiana; assim instruido, mette elle mãos á obra.

Que de esforços ter-lhe-iam sido precisos vencer para dar fim á sua obra, bem se póde avaliar pelo sem numero de apparatus e competencias technicas que são hoje empregados na construcção desses monstros devoradores de distancias. Mas, seja como for, Baldwin cumpriu galhardamente sua missão, e a locomotiva foi posta nos trilhos entre alas de engenheiros e curiosos que applaudiram delirantemente a obra e seu autor.

Esta ligeira synthese deve constituir exemplo edificante como capitulo preliminar da obra magnifica e formidavel que é hoje The Baldwin Locomotive Works,

Em 1861, a fabrica já havia attingido a uma capacidade de trabalho notavel e era acreditada em toda a parte onde chegasse um producto de suas forjas; eis porém, que estala a guerra civil que convulsionou a grande republica. A toda gente pareceu, então, que pelo menos, enquanto durasse ella, o trafego das estradas seria interrompido e, consequentemente, com elle, os trabalhos de construcção da fabrica. Chegou mesmo a sua directoria a pensar em applical-a a fabricação de munições bellicas. Puro engano. A obra do bem, em que se attinham M. W. Baldwin & Co. (era então essa a sua firma) não devia ser interrompida pelos maleficios da lucta entre os homens; no anno de 1862, expedía a fabrica, nada menos de 75 locomotivas; em 1863, 96; em 1864, 130; em 1865, mais 115 locomotivas, sendo em 1862, das 64 construidas, 33 para as estradas de ferro militares do paiz.

Assim, pois, em vez de prejuizos a guerra civil levou a suas grandes forjas os beneficios da actividade, sem que lhe fosse preciso recorrer á obra infernal do morticínio para manter o trabalho aos seus cooperadores e a solução de seus proprios interesses.

Já então era ella fornecedora do governo brasileiro, e mesmo na intercorrença da guerra civil expediu varias locomotivas para a então E. F. D. Pedro II, que hoje transformada na Central do Brasil continúa como um de seus maiores clientes.

Foi nesta época e por suggestão sua, que adoptamos pela primeira vez os aros de aço em algumas das nossas machinas, embora só mais tarde fossem elles adoptados nos Estados Unidos.

Fallecido em 1866, deixara Mr. Baldwin a obra completa de seu esforço pessoal, no multiplo aspecto, tanto da sua lisura commercial e technica, como nos rasgos de generosidade e altruismo, que cimentaram a gratidão na memoria indelevel de seus continuadores e discipulos, obreiros e habitantes que são hoje da cidade industrial constituída em Philadelphia pelas grandes officinas e dependencias da The Baldwin Locomotive Works.

Teve occasião de visital-a o Sr. D. Pedro II, que lhe mereceu as maiores demonstrações de acatamento tendo oportunidade de admirar-lhe a systematização do trabalho, já naquella época formidavel.

A mais recente conquista dessa fabrica acaba de ser aproveitada pela Pennsylvania Railroad brasileira — a Companhia Paulista de Estrada de Ferro — com a construcção das primeiras locomotivas de 3 cylindros que vêm para a America do Sul.

De resto, que é hoje essa grande empreza?

— Nada menos que uma cidade de 25.000 operarios, que em tempos normaes, fabricam por anno 3.500 locomotivas a se canalizarem para todos os recantos do mundo, cada vez mais aperfeiçoadas ao influxo do genio creador de Baldwin, que paira para todo sempre nesse ambiente de trabalho monstro em beneficio da civilização e do progresso.

("O Paiz", Rio).

AS CARICATURAS DO MEZ

O TEMPO PERDIDO



- Doutor Almanack, pôde me informar quando chega a primavera?
— Francamente, não sei. Depois da visita de Marte, deu-se o desarmamento das estações...

(*"Jornal do Brasil"*, Rio)

TUDO AUGMENTA



- Até o "chá de bico"!

(*"A Noite"*, Rio)

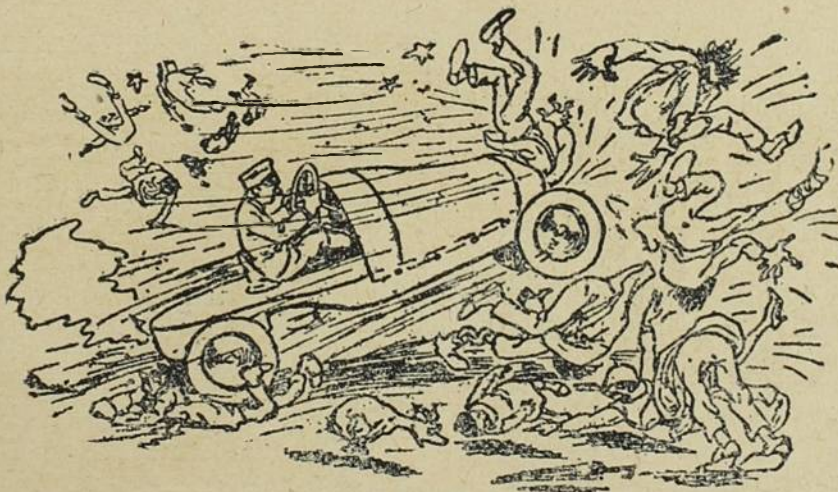
POLYGLOTISMO



— O' moço, no preço caro dos bilhetes não estão incluidos os dicionarios?

(*"Jornal do Brasil"*, Rio)

ALLEGORIA ATAMANCADA



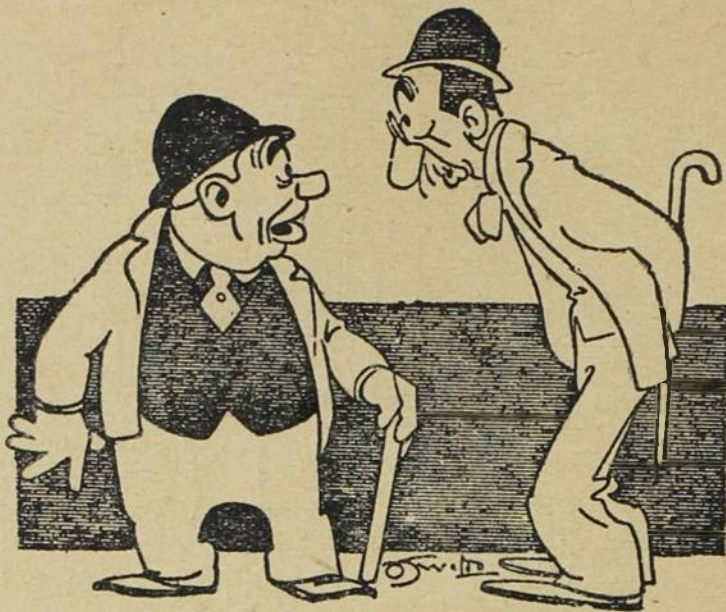
— Viva o progresso da "humanidade!"

(*"A Noite"*, Rio)

CAPRICO DA NATUREZA

Nasceu em Antibes uma cabra de duas patas e que anda sobre ellas como gente.

(d' "O Imparcial")



— É uma cabra aperfeiçoada. É o verdadeiro typo de ama de leite.

("D. Quixote", Rio

CONDICIONALISMO



— Nós precisamos tambem roubar condicionalmente . . .
— Sim, com a condição de não sermos presos . . .

("D. Quixote", Rio)

Grande Loteria de S. Paulo

PARA O FIM DO ANNO

TERÇA-FEIRA, 30 de Dezembro de 1924

200:000\$000

Em 3 grandes premios, sendo 1 de 100 contos e 2 de 50 contos

Bilhete inteiro, 9\$000 - Fracções, 900 réis

Os Bilhetes já se acham á venda em
_____ toda a parte. _____

Archivo Nobiliarchico Brasileiro

PELO

BARÃO DE VASCONCELLOS

Neste precioso volume, formato e tamanho de um tomo do Larousse, o autor biographa toda a nobreza do Imperio do Brasil, ennumerando toda a ascendencia e descendencia dos respectivos titulares e reproduzindo em gravura os brazões de cada um. Edição luxuosa, da qual restam apenas alguns exemplares : :

PREÇO (ENCADERNADO) 60\$000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAULO

As melhores grammaticas da lingua portugueza

SÃO AS DE

EDUARDO CARLOS PEREIRA

GRAMMATICA EXPOSITIVA

CURSO ELEMENTAR. Para os cursos complementares e 1.º anno dos Gymnasios. 28.^a edição com um appendice sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 15.^a edição com um appendice sobre estylistica. 8\$000

GRAMMATICA HISTORICA

Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 4.^a edição 10\$000

PEDIDOS A'

Companhia Graphico-Editora "Monteiro Lobato"

PRAÇA DA SE', 34 — CAIXA, 2-3 — SÃO PAULO

Desconto de 30 c/o aos revendedores
e aos collegios e professores.

" P E G A S O "

REVISTA MENSAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

URUGUAY



Nutrition

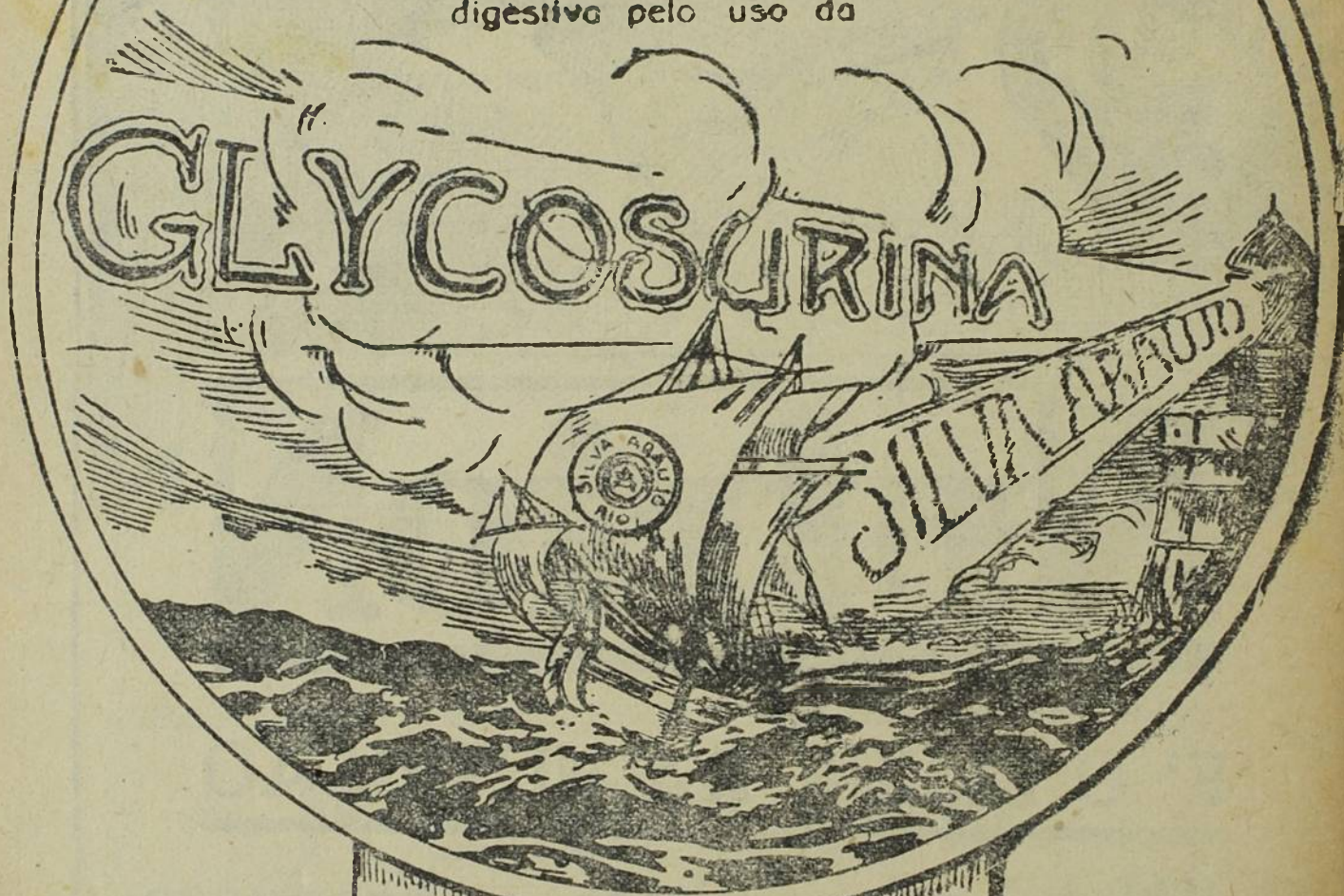
E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E' o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

DIABÉTICOS

é preciso combater a perda de açúcar, tonificar o organismo, regularisar as funções dos órgãos internos essenciaes a vida e restabelecer o appelite e a função digestiva pelo uso da

GLYCOSURINA



heroico medicamento composto de plantas indigenas braziletras

PAU FERRO - SUCUPIRA

JAMELÃO e CAJUEIRO

Usa-se de 3 a 6 colheres de chá por dia em agua

PARA BREVE

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras jurídicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CIVEIS
E COMMERCIAES
CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMILIA
PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURIDICO

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Melchisedech Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDENCIA MILITAR

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CRIMES

O TYPO VENCEDOR DA ESPECIE
HUMANA

O SENTIMENTO AMOROSO

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

PEDIDOS Á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

Ultimas Edições da

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

III

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, enc.	30\$000
MOLESTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoncio de Queiroz, broch. 25\$ enc.	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Enc.	20\$000
DA FALLENCIA, Almachio Diniz, broch.	20\$000
IMPRESSÕES DO NORDESTE BRASILEIRO, dr. Paulo de Moraes Barros, broch.	15\$000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATHOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$000
CONVERSAS AO PÉ DO FOGO, Cornelio Pires, broch.	5\$000
VESPEIRA, Moacyr Piza, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
AMOR IMMORTAL, J. A. Nogueira, broch.	5\$000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELANCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato, broch.	4\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, enc.	2\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO